

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

SIMONE HYPOLITO PISA

**A APROPRIAÇÃO DO WHATSAPP COMO RECURSO
INOVADOR NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**São Caetano do Sul
2016**

SIMONE HYPOLITO PISA

**A APROPRIAÇÃO DO WHATSAPP COMO RECURSO
INOVADOR NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Inovação
Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais:
Inovação e Comunidades.

Orientador: Prof. Dr. Elias Estevão Goulart

**São Caetano do Sul
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

Pisa, Simone Hypolito.

A Apropriação do WhatsApp como recurso inovador no curso de formação de professores / Simone Hypolito Pisa. -- São Caetano do Sul: USCS-Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2016.

142 p.

Orientador: Prof. Dr. Elias Estevão Goulart

Dissertação (mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2016.

1. Comunicação. 2. Inovação. 3. Tecnologias Digitais. 4. Mídias Sociais. 5. WhatsApp. I. Goulart, Elias Estevão. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

REITOR DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa
Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro

Gestora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Profa. Dra. Priscila F. Perazzo

Dissertação defendida em 16/12/2016 pela Banca Examinadora constituída
pelos professores:

Prof. Dr. Elias Estevão Goulart (USCS)
(orientador)

Profa. Dra. Adriana Barroso Azevedo (Universidade Metodista)

Prof. Dr. Alan César Belo Angeluci (USCS)

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ter-me dado força para enfrentar, novamente, essa jornada e por me ajudar a superar as adversidades encontradas ao longo do caminho até a conclusão deste trabalho. Amo-os demais. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

Aos amigos mais próximos, amigos de vida e para uma vida toda, que não se esqueceram de mim neste período de ausência, mesmo eu não aceitando mais convites para cafés da tarde, passeios e cinemas, deixo meu recado: estou de volta à ativa!

Ao Professor Doutor Elias Estevão Goulart, pela dedicação e paciência, que, com sua ajuda e força, impulsionou-me e fez-me dar corpo a este trabalho. Serás sempre lembrado!

Ao ilustre professor Doutor Alan Angeluci que, com muita atenção, apontou importantes contribuições para a conclusão deste trabalho compondo, não apenas a banca de Qualificação, mas, também, a de Defesa, meu muito obrigada. Lembrar-me-ei de você com carinho!

Ao Professor Leandro Prearo, pela importante contribuição estatística a este trabalho. Conhecimento é tudo!

À minha querida amiga Bernadete Lenza, que, gentilmente, aceitou meu convite para revisar este trabalho, mesmo com um limite de tempo diminuto. Nunca a esquecerei!

Às minhas doces alunas do curso de Pedagogia, que participaram da pesquisa e que, por muitas vezes, foram também minhas ouvintes e confidentes durante a produção deste trabalho. Sem vocês, tudo ficaria mais difícil. Valeu, meninas!!

Em especial ao meu esposo, Alessandro Pisa. Sem sua presença, seu incentivo e sua força oferecida diariamente, este trabalho não teria acontecido. Obrigada, de coração!

Por fim, não poderia deixar de agradecer a mim mesma, pela coragem de recomeçar, de superar o passado, erguer a cabeça e ir em busca de uma nova conquista. Consegui!

“A mente que se abre à uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

Albert Einstein

PISA, Simone Hypolito. A apropriação do WhatsApp como recurso inovador no curso de formação de professores. 2016, 142 fls. Dissertação [Mestrado em Comunicação]. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP, 2016.

RESUMO

A presença das tecnologias digitais móveis no ambiente escolar é uma realidade mundial. Aproveitar seu potencial no processo educativo é uma discussão atual, como recurso incentivador de aprendizado, de interação social e de inovação no processo comunicacional entre professores e alunos. Essa pesquisa objetiva oferecer subsídios que possam contribuir para inovação do processo de ensino e aprendizagem, unindo a educação com as tecnologias da informação e da comunicação. O trabalho traz, como principais contribuições científicas, o estudo sobre uma iniciativa de utilização do aplicativo *WhatsApp* em atividades pedagógicas e os resultados de uma pesquisa-ação sobre o seu uso com alunas do curso de formação de professores. A pesquisa aponta que o uso do *WhatsApp*, se bem estruturado, pode promover maior engajamento e colaboração dos discentes no processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais significativo e com possibilidades de estendê-lo para além do espaço físico da sala de aula.

Palavras-chave: Comunicação, Inovação, Tecnologias Digitais, Mídias Sociais, *WhatsApp*.

PISA, Simone Hypolito. A apropriação do WhatsApp como recurso inovador no curso de formação de professores. 2016, 142 fls. Dissertação [Mestrado em Comunicação]. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP, 2016.

ABSTRACT

The presence of mobile digital technologies in the school environment is a global reality. Harnessing their potential in the educational process is a current discussion, as a motivator factor in terms of learning processes, social relation and innovation over communication methods among teachers and students. In addition, the document presents a contribution to learning and teaching processes, merging education with information and communication technologies. The main contribution of the job is the evaluation of an initiative involving the utilization of WhatsApp for educational activities and the presentation of results from an action research effort about the usage of such tool with students of teachers` formation program. The interpretation of the results shows that WhatsApp can improve engagement and collaboration of students with learning and teaching processes, if well planned. Furthermore, the document shows that it is feasible to extend the utilization of the tool beyond classroom physical boundaries.

Keywords: Communication, Innovation, Digital Technologies, Social Medias, WhatsApp.

LISTA DE SIGLAS

GPS	<i>Global Positioning System</i> – sigla em inglês para Sistema de Posicionamento Global
TDM	Tecnologias Digitais Móveis
PBL	<i>Problem Based Learning</i> – sigla em inglês para Aprendizagem Baseada em Problemas
PLS	<i>Partial Least Square</i> – sigla em inglês para mínimos quadrados parciais
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
TIC KID'S	Pesquisa que gera indicadores sobre os usos que crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade fazem na Internet.
UNESCO	<i>United Nation Educational and Cultural Organization</i> - sigla em inglês para Organização das Nações Unidas para Educação e Ciências
USP	Universidade de São Paulo
UTAUT	Sigla em inglês para Teoria Unificada de Aceitação e Utilização de Tecnologia
WEB	Sigla em inglês para Rede Mundial de Computadores

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo conceitual do UTAUT	69
Figura 2 – Modelo empregado na pesquisa	70
Figura 3 – Resultado da análise dos dados com a técnica PLS	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção de crianças e adolescentes por tipos de equipamentos utilizados para acessar a Internet, por faixa etária – 2014 – telefone celular e <i>tablets</i> – percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos	59
Gráfico 2 – Proporção de crianças/adolescentes por frequência de uso na Internet para cada atividade realizada no último mês – percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 17 anos	60
Gráfico 3 – Proporção de crianças e adolescentes por atividades realizadas na Internet – percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos	63
Gráfico 4 – Curso na área de informática	71
Gráfico 5 – Conhecimento sobre o <i>WhatsApp</i>	71
Gráfico 6 – Formas de utilização do <i>WhatsApp</i>	72
Gráfico 7 – Pretensão do uso profissional do <i>WhatsApp</i>	73
Gráfico 8 – Previsão de utilização do <i>WhatsApp</i> em 6 meses	73
Gráfico 9 – Planejamento de utilização do <i>WhatsApp</i> em 6 meses	73
Gráfico 10 – Utilização do <i>WhatsApp</i> no trabalho	74
Gráfico 11 – Rapidez na utilização de tarefas com a utilização do <i>WhatsApp</i>	75
Gráfico 12 – Aumento da produtividade com a utilização do <i>WhatsApp</i>	76

Gráfico 13 – Aumento salarial com a utilização do <i>WhatsApp</i>	76
Gráfico 14 – Pessoas que influenciam positivamente meu comportamento, pensam que eu deveria usar o <i>WhatsApp</i>	80
Gráfico 15 – Pessoas que não são importantes para mim, pensam que eu deveria usar o <i>WhatsApp</i>	80
Gráfico 16 – A diretoria da escola tem sido auxiliada pelo <i>WhatsApp</i>	82
Gráfico 17 – Seria fácil tornar-me habilidoso no uso do <i>WhatsApp</i>	83
Gráfico 18 – Para mim, o <i>WhatsApp</i> é fácil de usar	83
Gráfico 19 – Usar o <i>WhatsApp</i> é uma boa ideia	84
Gráfico 20 – O <i>WhatsApp</i> torna meu trabalho mais interessante?	84
Gráfico 21 – Trabalhar usando o <i>WhatsApp</i> é divertido	85
Gráfico 22 – Eu gosto de trabalhar usando o <i>WhatsApp</i>	85
Gráfico 23 -- Em geral, a escola tem apoiado o uso do <i>WhatsApp</i> ? ...	86
Gráfico 24 – Eu tenho o que é necessário para usar o <i>WhatsApp</i>	86
Gráfico.25 – Eu tenho conhecimento necessário para usar o <i>WhatsApp</i>	87
Gráfico 26 – O <i>WhatsApp</i> é compatível com os sistemas que uso	87
Gráfico 27 – Existe suporte técnico para assistência a dificuldades no uso do <i>WhatsApp</i>	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 Tecnologias digitais e sociedade: apropriações contemporâneas	24
1.1 Mídia social e apropriação	24
1.2 Mídias digitais móveis	27
1.3 Comunidades virtuais	31
2 Inovação comunicacional nas comunidades	36
2.1 Perfis dos atuais estudantes – os nativos digitais?	39
2.2 Comunidades virtuais de aprendizagem	43
3 Mídia educação	49
3.1 Tecnologias móveis disponíveis – o <i>WhatsApp</i>	54
3.2 Formas de expressão nas mídias sociais	61
4 Percurso Metodológico	65
4.1 Análise dos dados do grupo de <i>WhatsApp</i>	66
4.2 Análise dos questionários aplicados.....	67
4.3 Análise descritiva dos dados.....	70
4.3.1 Análise estatística dos dados.....	89
4.4. Análise das entrevistas.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS	108

APÊNDICES	114
Apêndice 1 Monitoramento das conversas do grupo <i>WhatsApp</i> – uso educacional	114
Apêndice 2 Termo de consentimento livre e esclarecido	133
Apêndice 3 Pesquisa sobre uso das mídias móveis digitais – <i>WhatsApp</i>	134
Apêndice 4 Diário de bordo – Pesquisa sobre o uso do <i>WhatsApp</i> em sala de aula	140

INTRODUÇÃO

Origem do Estudo

A temática deste estudo advém de inquietações da pesquisadora que atua na área educacional desde 1985, aliada à formação acadêmica na mesma área. Todas as pesquisas e leituras sempre fizeram a pesquisadora refletir sobre formas de facilitar o processo de construção de conhecimento dos educandos e tornar a vida escolar mais motivadora e atraente para eles.

A partir dessas reflexões, surgiu a ideia de realizar uma pesquisa acerca de como utilizar as mídias digitais móveis no processo de ensino e aprendizagem, no curso de formação de professores, de forma interdisciplinar – unindo comunicação e educação – e interativa, contribuindo para diversificar as formas de aprendizagem, tornando o processo de construção e transformação de habilidades reais para os discentes, resultando na ampliação de competências.

Atualmente, o que se percebe nas escolas é a falta de uso das tecnologias digitais móveis (TDM), em particular as mídias digitais, como aliadas do processo de ensino e aprendizagem. Nesse tocante, podemos nos referir a Paulo Freire (1996, p. 88) quando afirma que “Um dos saberes necessários à prática educativa é o que adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica”.

Assim, discutir como as mídias digitais móveis podem ser usadas no ambiente acadêmico como ferramentas promotoras de curiosidade, motivadoras de aprendizado e de interação social, pode ser uma importante tarefa para os dias atuais.

O uso dessas ferramentas e sua apropriação no dia a dia dos futuros profissionais da educação provocam desafios, riscos e oportunidades que as mídias digitais móveis podem oferecer quando inseridas na prática cotidiana escolar.

Problematização

Educação é uma das formas de exercitar a cidadania em um povo; um canal direto em que os costumes e os valores de uma determinada comunidade são transferidos de geração em geração, a fim de informar e formar as pessoas. Existe uma estrutura capaz de alcançar e difundir esse bem cultural: a comunicação e seus meios ou recursos.

Esta pesquisa preocupa-se em unir recursos da comunicação com a educação, buscando encontrar um recorte alternativo por meio das tecnologias digitais móveis para que possa ocorrer diálogo entre essas duas áreas de conhecimento, contribuindo para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

As tecnologias da informação e da comunicação, como os aparelhos celulares, os *tablets* e os computadores que permitem acesso rápido e de qualquer lugar à Internet, fazem parte do cotidiano e poderiam ser amplamente utilizados pela escola, inovando a antiga relação professor e aluno – onde o professor é o detentor de uma gama de informações e a interação com novas formas de socialização de conhecimento é quase nula, afastando a escola do cenário globalizado atual.

Este trabalho apoia-se na percepção de que, a partir do momento em que o futuro professor utilizar esses recursos, irá detectar a necessidade dessa transformação e, assim, poderá agir, inovando na forma de ensinar, buscando entender e melhor se adaptar à educação escolar que se apresenta atualmente.

Segundo Rossetti (2013, p. 70), essa inovação, entendida como “Ato em que o processo faz surgir o novo e diz respeito à ação de inovar, a ação de tornar novo, renovar” é, no entanto, uma barreira a ser superada por esses futuros profissionais.

É necessário que os professores de hoje consigam perceber que seus alunos mudaram e que as TDM podem ser utilizadas como auxiliares no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, concorda-se com Passarelli (2007, p. 42) quando afirma que “A escola fará menos uso do livro-texto e do quadro negro, privilegiando o uso das TDM”.

Caprino (2013, p.15) aponta que “Durante muito tempo, a ideia de uma

educação para a mídia, principalmente no meio educacional, foi a de proteger as crianças e os jovens contra o efeito nocivo dos meios de comunicação”.

Talvez, um dos mais antigos e maiores desafios que os professores enfrentam é o de encontrar uma forma de introduzir e discutir os conceitos, os fatos e as informações com seus alunos, de forma que esses possam sentir-se incentivados a interagir com essas informações e aprender.

Nesse sentido, Passarelli (2007) afirma que:

[...] no cenário da pós-modernidade, a ideia do conhecimento é entendida pela ótica da complexidade: os seres não são mais compreendidos em si mesmos, mas em suas relações com outros seres. (PASSARELLI, 2007, p. 185).

Para incentivar esses jovens da sociedade atual, nos termos de Castells (2012, p. 36), como uma “sociedade em rede”, é preciso atentar-se às mudanças que ocorrem, pois, ainda, segundo esse autor, “Essa é uma sociedade centrada no uso e aplicação da informação”. (CASTELLS, 2012, p. 37).

A observação em escolas, a conversa com jovens, com profissionais e futuros profissionais da área educacional geraram o interesse por esta pesquisa, que visa investigar como a utilização das mídias digitais móveis, em especial o *WhatsApp*, pode tornar o processo de comunicação mais rápido e significativo para estudantes e professores.

A proposta de utilização do *WhatsApp*, neste trabalho, deu-se por este apresentar-se como um aplicativo de fácil acesso aos jovens, por fazer parte da vida cotidiana dos mesmos e por já ser amplamente utilizado em grupos de bate papo e conversas informais, uma vez que a maioria destes jovens possui um *smartphone*, com acesso à Internet, o que lhes permite contato com uma gama de aplicativos *online*, inclusive às redes sociais.

Partindo do ponto de vista das interações sociais, busca-se encontrar formas de utilização das mídias digitais móveis, em especial o *smartphone*, como suporte pedagógico, inovando o processo de ensino e aprendizagem.

Esta busca fez surgir um questionamento: Como a utilização das mídias digitais móveis, em especial o *WhatsApp*, pode tornar o processo de comunicação mais inovador, rápido e significativo para estudantes do curso de formação de professores?

Objetivos

Objetivo geral

- ✓ Investigar o emprego das mídias digitais móveis, especificamente o *smartphone*, como suporte comunicacional, na formação de futuros professores.

Objetivos específicos

- ✓ Identificar as formas de uso do *WhatsApp* como recurso de comunicação nas práticas educativas.
- ✓ Promover a utilização do *WhatsApp* como ferramenta no processo de aprendizagem.
- ✓ Levantar as percepções e atitudes dos estudantes com o emprego do *WhatsApp*.
- ✓ Analisar possibilidades e limitações desse recurso.

Justificativa do estudo

Percebe-se que, nas escolas, a aprendizagem ainda ocorre de forma tradicional e que, segundo Masetto (2003, p. 22), “O papel um tanto tradicional do professor que transmite informações e conhecimentos a seus alunos necessita de uma revisão”. Essa revisão, por vezes, não ocorre com os professores, que não se preocupam em entender o aluno atual, chamado por Prensky (2001) de ‘nativos digitais’.

Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. (PRENSKY, 2001, p. 6).

Esses jovens, nascidos no século XXI e usuários frequentes das novas

tecnologias, considerados “nativos digitais” não aceitam ser meros espectadores dos acontecimentos. Necessitam interagir com os fatos, sendo sujeitos ativos nesse processo, pois convivem com a linguagem digital desde que nasceram. Sobre esse ponto de vista, concorda-se com Goulart (2014) quando afirma:

Apenas disponibilizar conteúdos complementares não agrega valor, mas o foco deve estar nos “relacionamentos”, na produção de conteúdo pelos estudantes, nas discussões oportunizadas por várias estratégias para as construções individual e coletiva do saber. Contudo, a adoção desses instrumentos tecnológicos carrega consigo mudanças significativas no modo de ser e “existir” do professor. (GOULART, 2014, p. 18)

Para essa geração, acostumada a conviver com computadores, celulares e recursos digitais, o processo de formação e transmissão da informação ocorre simultaneamente, encurtando fronteiras e globalizando as informações.

Para Castells (2012, p. 57), “As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade” e é para esse jovem que os educadores devem voltar seus olhares e fazeres.

Essa nova geração, chamada de nativos digitais, necessita de um novo formato de ensino, que atenda às suas demandas.

Essa geração é fluente nas TDMs. Dessa forma, se faz necessário que os professores tomem para si a incumbência de adotarem estratégias pedagógicas que possam acompanhar as necessidades de seus alunos promovendo, assim, uma aprendizagem significativa e real para esses jovens.

Segundo Ausubel (1982), “Aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos”. Caso não ocorra esse cenário, não haverá aprendizagem significativa.

O que ocorrerá será, apenas, uma mera transmissão de conceitos e informações por parte do professor, de forma sistemática e organizada, mediada pela interação entre professor e aluno, com o objeto de estudo.

Acredita-se que as TDMs podem ser aplicadas como estratégias para facilitar a aproximação dos jovens com os objetos de estudo, principalmente quando se considera que esses recursos tecnológicos estão em constante mudança e atraem os jovens de forma significativa.

Fazer desses recursos aliados ao processo de ensino aprendizagem,

poderá oferecer aos jovens uma aprendizagem mais efetiva e participativa.

Sabe-se que a aprendizagem ocorre pela interação. Um caminho natural para a aprendizagem do nativo digital pode ocorrer com a inserção das mídias móveis digitais no processo de ensino e aprendizagem, gerando, segundo a UNESCO, o que se conhece por aprendizagem móvel, fazendo uso de terno atual *m-learning*.

A aprendizagem móvel envolve o uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação, a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdo, dentro ou fora da sala de aula. A aprendizagem móvel também abrange esforços em apoio a metas educacionais amplas, como a administração eficaz de sistemas escolares e a melhor comunicação entre escolas e famílias. (UNESCO, 2014, p. 8).

Não basta, apenas, pensar em mudanças e inovações na educação. Precisa-se pensar em como estão sendo preparados os futuros professores desses “nativos digitais”, uma vez que eles serão responsáveis por essa transformação.

Segundo aponta Grinspun (2009, p. 38), embasada pelas diretrizes da UNESCO (2014), para que essa transformação ocorra faz-se necessário que se quebre os paradigmas dos modelos de aulas tradicionais conhecidos e que passem a ser adotadas novas formas de ensinar e aprender, em que sejam incluídas práticas que adotem modelos comunicacionais variados, utilizando, principalmente, as mídias digitais móveis como facilitadoras de processo, descentralizando, assim, a figura do professor como detentor único do saber.

A necessidade de se rever a Educação Superior uma vez que ela está sendo desafiada por novas oportunidades relacionadas às tecnologias que têm melhorado os modos através dos quais o conhecimento pode ser produzido, administrado, difundido, acessado e controlado. (UNESCO, 2014, p. 8).

A utilização das novas tecnologias da informação e comunicação, pelas instituições de ensino, pode contribuir significativamente para que os jovens desenvolvam as habilidades e competências necessárias para as novas demandas sociais, construindo, dessa forma, um percurso próprio de

aprendizagem a partir de seus anseios e necessidades.

Assim, esses jovens serão capazes de construir experiências de aprendizagem coletivas e colaborativas, fortalecendo o papel do professor de mediador de conhecimento junto a seus alunos.

Metodologia do trabalho

O trabalho enquadra-se como pesquisa exploratória, uma vez que se propõe a investigar a realidade do grupo estudado frente à aplicação dessa nova tecnologia com foco educativo. Dessa forma, classifica Lakatos e Marconi (2001, p. 188), as pesquisas de campo cujos objetivos são “[...] aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno”, “[...] além de clarificar conceitos cabendo, nesse tipo de pesquisa, a utilização de fontes múltiplas, caso de referencial bibliográfico e entrevistas”.

Na visão de Lakatos e Marconi (2003), o trabalho insere-se como estudo exploratório também, porque utilizou procedimentos específicos para a coleta de dados, como questionários e entrevistas com alunas do curso de formação de professores; assim, o estudo exploratório não tem a pretensão de apresentar generalizações que contribuem para tornar o objeto de estudo mais explícito. (GIL, 2010).

O trabalho, também, seguiu os critérios de uma pesquisa-ação, que é classificada por Gil (2010, p. 152) como pesquisas que possuem “Fase que privilegia o contato direto com o campo em que está sendo desenvolvida”.

Foram utilizados, também, referencial bibliográfico para sustentar os eixos temáticos que farão parte do projeto, sendo os mesmos: “Nativos Digitais”, “Comunidades em Rede”, “Mídias Digitais Móveis” e “Mídia-educação”. O referencial bibliográfico também subsidia os modelos teóricos e conceituais que permitiram construir o roteiro para a entrevista de grupo com os futuros profissionais da educação e analisar os dados obtidos.

Tipo de Pesquisa

Após a definição inicial do projeto de pesquisa, optou-se por fazer uso de uma pesquisa-ação e participante.

Essa abordagem de investigação científica possibilita a realização de pesquisas que fazem uso de métodos qualitativos e tem, como finalidade, realizar investigação em campo sobre a relevância do uso das mídias digitais móveis como ferramenta no processo ensino e aprendizagem.

De modo geral, o critério de representatividade dos grupos investigados na pesquisa-ação é mais qualitativo que quantitativo. Daí por que o mais recomendável nas pesquisas desse tipo é a utilização de amostras selecionadas pelo critério da intencionalidade (GIL, 2010, p. 153).

A relação da pesquisadora com o ambiente pesquisado foi de respeito, de cordialidade, buscando, sempre, a aceitação das participantes em relação à pesquisa, incluindo a solicitação de adesão a Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice 2).

A análise dos resultados obtidos em todo o processo será registrada em protocolo de campo, para a montagem fidedigna dos relatórios.

Ao final do grupo de conversas, discussões e reflexões pelo *WhatsApp*, acrescentou-se, aos resultados, o relato oral dos participantes, em forma de uma entrevista informal.

Essa outra fonte de coleta de dados teve, como finalidade, registrar a vivência e as experiências das participantes, permitindo que o trabalho tenha uma dimensão viva, rica e realista dos fatos ocorridos, apresentando de forma clara a evolução da pesquisa e fornecendo um novo documento para comprovação das hipóteses levantadas.

Entrevistas informais são as mais utilizadas na pesquisa etnográfica. Elas podem ser vistas como conversações casuais, mas assim como as entrevistas estruturadas, também têm uma agenda específica, embora não explícita (GIL, 2010, p. 129).

Delimitação do Estudo

O presente trabalho aborda elementos relacionados à comunicação a partir da utilização das mídias digitais móveis como recurso adicional no processo educativo. O estudo volta seus interesses para a contribuição desses recursos para as formas de aprender, permitindo o processo de construção de

saberes e transformação de habilidades.

O que se busca, neste estudo, é perceber a utilização dos TDMs, como recurso educativo, em alunas no curso de formação de professores e identificar se esta utilização poderá auxiliar o processo de ensino e aprendizagem e inovar as formas de comunicação entre professores e alunos.

Vinculação à área de concentração e à linha de pesquisa do programa

Esta pesquisa está relacionada com a Linha de Pesquisa 1 – Processos Comunicacionais – Inovação e Comunidades, por propor uma análise e observação dos benefícios da adoção das mídias móveis digitais como ferramenta inovadora do processo ensino/aprendizagem. Sob o ponto de vista da Inovação, busca-se compreender como a apropriação de mídias digitais móveis, principalmente o *smartphone*, pelo ambiente acadêmico, pode acarretar transformações no processo de aprendizagem, trazendo inovações para o panorama educacional. Nesse tocante, concorda-se com Rossetti (2013, p. 65), quando afirma que “No campo da Comunicação, o objeto novo ou inovado pode ser um produto comunicacional, uma teoria da comunicação ou uma linguagem”.

Em termos de comunidades, o estudo relaciona-se diretamente com as mudanças no sistema comunicacional no grupo de futuros profissionais da educação que será formado e a influência que esse grupo sofrerá em decorrência desse novo processo comunicacional. O grupo em questão será formado para desenvolver um trabalho de pesquisa e aprendizagem conjunta, visando o crescimento e a troca de informação em comunidade, uma vez que, se esses professores em formação se habituarem a trabalhar dessa forma, poderão expandir essas ideias e levar essa nova forma de aprendizagem à comunidade escolar da qual fazem ou farão parte.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos onde serão abordados os temas que embasam esta pesquisa.

No capítulo um abordaremos as tecnologias digitais e a sociedade. O segundo capítulo discorrerá sobre o panorama da inovação comunicacional nas comunidades, traçando um perfil dos estudantes atuais e das comunidades virtuais de aprendizagens. O terceiro capítulo abordará a questão da mídia educação, discorrendo sobre as tecnologias móveis disponíveis, em especial o

WhatsApp e as formas de expressão nessas mídias. O quarto capítulo trará todo o percurso metodológico que esta pesquisa percorreu, incluindo toda a análise de dados obtidos e a transcrição das conversas e das entrevistas realizadas, finalizando com as Considerações Finais da pesquisadora.

1 Tecnologias digitais e sociedade: apropriações contemporâneas

1.1 Mídia social e apropriação

Segundo Kaplan e Haenlein (2009), as mídias sociais são um grupo de aplicações baseadas na Internet que permitem a criação e a troca de conteúdo gerado pelo usuário.

Assim, entende-se, por mídias sociais, um conjunto de atividades, práticas e comportamentos entre grupos de pessoas que formam comunidades virtuais para compartilhar informações, conhecimentos e opiniões, usando a conversação *online* como meio de comunicação entre os integrantes desse grupo.

Para Kaplan e Haenlein (2009), diante dos muitos modelos de mídias sociais, destacam-se os *sites* de redes sociais e os grupos de conversa. As mídias sociais são aplicações de *software* (ou aplicativos para *smartphone*) que possibilitam que pessoas se conectem por meio da criação de perfis de informação pessoal, convidando amigos e colegas para terem acesso a esses perfis, assim como enviar *e-mails*, mensagens instantâneas, fotos, vídeos e arquivos de áudio entre si.

Segundo Goulart (2014, p. 13), a atualidade está, novamente, diante de uma revolução social, cultural, educacional, econômica, ou quantas outras adjetivações possam ser reconhecidas, sustentada por ferramentas *online* capazes de “conectar” pessoas de maneira ágil e fácil. Os jovens atuais, usuários frequentes de redes sociais, *sites* de relacionamento e grupos de conversas, nomeados por Prensky (2001) de ‘nativos digitais’, são os nascidos no século XXI, cercados por um aparato de tecnologias digitais, como: computadores, *videogames*, *smartphones*, *tablets*, tocadores de música, etc. Essa rede tecnológica a que foram expostos, invariavelmente afeta a sua forma de ver, entender e se relacionar com as pessoas à sua volta e, também, a forma como eles interpretam o mundo.

Segundo Passarelli (2007, p. 40), “O mundo globalizado caracterizado por intensos fluxos de capitais, produtos e informação, passa a exigir de seus cidadãos novas competências”.

Notoriamente, o ambiente a que esses jovens estão expostos os torna, cada vez mais, participantes ativos na construção de seus saberes e ansiosos para colocar em prática essas competências. A eles não cabe o papel de expectadores, como cabia aos jovens de uma geração anterior, os que Prensky (2001) denominou de “imigrantes digitais”. Essa geração, nascida em meio a tantos recursos tecnológicos, cresceu interagindo com novos brinquedos – não mais de pano, plástico ou qualquer material inanimado – mas se acostumou a interagir com esses novos brinquedos, entrar na tela e participar dos jogos, sendo sujeito ativo no processo. Para eles, a convivência com as mais variadas fontes de informação é comum e o que os incentiva é, depois, conferir e investigar a fundo apenas as notícias que lhes interessam. Porém, não é suficiente que essa geração apenas busque conferir e investigar essas notícias. Segundo Caprino (2015), é importante que eles recebam “alfabetização midiática” para que, realmente, consigam se apoderar desses recursos e “não sejam apenas, na verdade, usuários mais intensivos de mídia digital”.

Podemos afirmar que, mais do que nunca, passa a ser necessário que os cidadãos sejam letrados midiaticamente. Pode soar estranho dizer que o cidadão do século XXI necessite ser “educado” para exercer seu papel nos processos comunicativos atuais, pois se poderia pensar que uma boa parte dos cidadãos contemporâneos, sobretudo os jovens, já são “nativos digitais” (CAPRINO, 2015, p. 3).

Sendo assim, se faz necessário pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem desse jovem. O fato de que a geração atual está acostumada a se conectar e interagir com os colegas, com o mundo e as informações à sua volta, não pode ser desconsiderado pelos professores. Sobre esse aspecto, Gaeta e Masetto (2013) afirmam:

Sendo influenciados permanentemente pela tecnologia, nossos alunos atuais são ativos e multitarefas ao extremo: quem, a não ser eles, é capaz de escrever ou estudar um texto ao mesmo tempo em que ouve música, fala ao telefone e dá uma espiada no que acontece na tevê? [...] e devido à essa influência externa, os alunos são independentes, ativos e imediatistas quanto ao fácil e rápido retorno a seus “questionamentos”. Ao zapear, processam informações mais rapidamente e desenvolvem critérios eficientes para encontrar indicadores do que é rapidamente importante. (GAETA; MASETTO, 2013, p. 37).

Como consequência desse imediatismo e da convivência em um ambiente permeado por tecnologias digitais, esses jovens desenvolvem um melhor convívio com pessoas e culturas diferentes.

A facilidade de interação com a Internet permite aos “nativos digitais” perceberem o mundo, segundo alertou McLuhan (2007), como uma aldeia global e não como organismos isolados.

Para esses jovens, a informação é globalizada, aconteceu, virou notícia e, dessa forma, eles tornam-se cada vez mais curiosos, determinados e contestadores, não aceitando o pronto e o acabado.

Nesse sentido, o relatório da *TIC KIDS* Brasil, aponta alguns dados sobre o uso da Internet por esses jovens.

Os resultados indicam, também, que o uso de Internet aumenta em razão da idade dos entrevistados, pelo menos entre os que acessam a Internet todos os dias, pois, assim como aconteceu em 2012, em 2013, foram observados percentuais maiores à medida que aumenta a faixa etária dos respondentes: os de 9 a 10 anos representavam 36% e passaram a 49%; os de 11 e 12 anos subiram de 43% para 50%; os de 13 e 14 anos saíram de 53% para 65%; e os de 15 a 17 anos cresceram de 56% para 74%. (*TIC KIDS*, 2014, p. 81).

Sendo esses jovens nativos digitais, que fazem uso frequente da Internet, jovens questionadores que procuram aprender, descobrir, explorar o mundo e as coisas, pode-se dizer que as práticas escolares atuais, com seus métodos e ferramentas tradicionais, precisam se adaptar para poder atender, com mais eficiência, esses jovens nascidos no século XXI, na era digital, expostos a diferentes tecnologias.

Pensando nos nativos digitais como atuantes da chamada *literacy*, e sendo eles contestadores, naturalmente curiosos e preparados para a negociação, é difícil percebê-los na escola atual, uma vez que, como afirma Prensky (2001), “Os nossos alunos mudaram de forma radical. Os estudantes de hoje não são as pessoas para as quais foi desenhado o nosso sistema de ensino atual”.

1.2 Mídias digitais móveis

É importante especificar, antes de qualquer coisa, que o conceito de mídia digital se refere à estruturada sobre as bases da tecnologia digital, como programas educacionais, jogos de computadores, *smartphones* e acesso à rede digital de computadores.

O que se pretende é especificar o caráter interativo desses veículos de comunicação, em que o usuário pode, além de filtrar as informações, acessando apenas o que lhe é de interesse, enviar e postar suas próprias informações. Forma-se, assim, uma via de mão dupla, em que o usuário recebe e fornece informações, tornando um espaço interativo de troca entre eles.

Nesse sentido, falar em utilização de mídias digitais na escola no recorte de cultura digital, significa estruturar o pensamento em torno de práticas que impliquem na inserção de crianças e jovens em contato com uma gama de possibilidades de construção de conhecimentos em diferentes linguagens – escrita, visual, musical, audiovisual, digital –, seus códigos e particularidades.

Frente a essa complexa dimensão, que abarca as múltiplas linguagens disponíveis nas mídias digitais, precisa-se pensar nas relações mediadoras, que envolvem letramento midiático de seus usuários, quer sejam eles professores ou alunos.

A necessidade de apresentar às instituições de ensino formas e possibilidades de utilização de mídias digitais na formação de jovens críticos e transformadores, está cada vez mais marcante. Essas instituições precisam expandir seus olhares para além das paredes de suas salas de aula e de seus muros.

Como citado anteriormente, Freire (1996, p. 88) afirma que “Um dos saberes necessários à prática educativa é o que adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica”.

A escola, enquanto espaço de construção social, precisa responder de forma satisfatória às cobranças que esta nova clientela lhe impõe. Se estamos vivenciando as inovações tecnológicas, é fundamental que a escola perceba essas evoluções e proporcione, a seus jovens, meios para que eles possam utilizar essas inovações, desenvolvendo habilidades e construindo conhecimentos que os possibilite atuar de forma crítica na sociedade.

Para que a escola possa atender a esse chamado e responder a essas necessidades eminentes, é necessário que ela passe por um processo de reestruturação, para poder usar de forma consciente e conviver pacificamente com essas novas tecnologias da comunicação. Nesse tocante, Citelli (2004) afirma que:

Em nosso entendimento, os reajustes pelos quais as instituições educativas terão de passar não poderão prescindir de uma análise sobre os envoltórios dos sistemas e processos comunicativos na vida dos alunos, professores, diretores, assistentes pedagógicos, educacionais, etc. A escola continuará, para se fazer uso de uma redundância formal, mas com carga significativa ampliadora, sendo uma escola, portanto, lócus de sistematização e, sobretudo, de produção do saber. A “leitura” dos sistemas de comunicação, no seu compósito de produção, circulação e, sobretudo, recepção, deve estar integrada aos fluxos crítico-dialógicos dos demais discursos com os quais a escola trabalha [...]. Trata-se, em última instância, de instaurar uma prática de busca e entendimento dos processos constituidores dos sentidos, algo comprometido com o encontro das estruturas significativas, sejam elas de puro deleite, prazer difuso provocador do riso, sobriedade analítica ou mesmo a necessária resposta social que pede a participação e envoltórios transformadores (CITELLI, 2004, p. 16-17).

A importância das escolas se integrarem às comunidades virtuais, oportunizando situações onde essas comunidades se transformem em espaços onde os jovens, além de travarem conversas informais, possam, também, entendê-los como espaços ou *fóruns* de propagação de conteúdos pedagógicos, dando um sentido maior aos mesmos, está cada vez mais latente na atualidade.

O diálogo abre a possibilidade para a coautoria no processo de construção do conhecimento, fortalece a autonomia e a valorização do aluno e permite que este encontre sentido e significado nesse processo. (SOUZA, 2015, p. 39).

Segundo Alves (2004), os jovens que se relacionam nos espaços virtuais, *a priori*, não possuem interesse acadêmico. O que os motiva a buscar este ambiente é a construção de vínculos, as salas de bate-papo e as conversas informais, além, é claro, da possibilidade de ampliação de sua rede de amigos. Caberá à escola e aos professores tornarem esses recursos úteis e utilizá-los, criando *fóruns* de discussões, compartilhando informações, indicando sítios de pesquisa e organizando debates construtivos acerca de temas e conteúdos

pedagógicos. Percebe-se que um dos principais benefícios ao utilizar as TDMs na educação é expandir, para além do espaço físico das instituições de ensino, as possibilidades de interação dos jovens e da aprendizagem.

Segundo Passarelli (2012), em seus estudos para a Escola do Futuro (USP), a apropriação dessas tecnologias representa uma forma de melhorar a construção e as possibilidades de atuação desses jovens na chamada *literacy* ou, em português, literacia. Esse termo, *literacy*, foi cunhado, inicialmente, por Gilster (1997, p. 1), que o define como “A habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meios de computadores”.

Como aponta Ferreira (2012), a aprendizagem baseada em problemas – PBL - que faz uso das mídias digitais móveis, por exemplo, pode ser amplamente utilizada nas escolas, facilitando e diversificando as formas de ensinar e aprender. Basta o professor utilizar-se de estratégias envolvendo essas ferramentas e incentivar seus alunos a trabalhar além dos muros da escola, via ambientes virtuais de aprendizagem.

PBL, sigla de Problem-Based Learning, em português, Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) é um método de ensino-aprendizagem colaborativo, de base construtivista e contextualizada, no qual determinado problema é utilizado para iniciar o processo, direcionando e motivando a aprendizagem de conceitos e ou teorias, desenvolvendo as habilidades e atitudes dos alunos. Apesar de ter sido criado na década de 1960 para o ensino de medicina, ainda hoje é utilizada em diversas áreas e níveis de ensino, dada a sua robustez e adaptabilidade, podendo ser, inclusive, trabalhado em formatos diferentes do original sem, contudo, perder seus objetivos ou se descaracterizar. (FERREIRA, 2012, p. 24).

A incorporação de mídias digitais móveis, entendida como conexão pelas tecnologias sem fio (celulares 3G, *Wi-Fi*, *tablets*, *bluetooth*), no processo de ensino e aprendizagem, via ambientes virtuais, é uma nova possibilidade que as TDMs vêm oferecer ao ambiente escolar. É necessário tornar esse espaço mais incentivador e atraente, favorecendo não apenas a inclusão social desses jovens, mas, também, a construção de saberes por meio de formação crítica e consciente, que serão estimuladas quando esses puderem expor suas ideias e trocar informações nas conversas.

Promover a inclusão digital e, por consequência, a inclusão social não significa apenas prover as ferramentas, mas possibilitar seu uso de forma crítica, estimulando o aperfeiçoamento das potencialidades informativas e cognitivas e, também, as atividades cidadãs. (PASSARELLI; JUNQUEIRA, 2012, p. 19).

A inclusão dessas mídias digitais móveis e das conversas, via *WhatsApp*, aplicativo que permite rápida troca de mensagens de texto, imagens, sons e vídeos, deverão acontecer com o uso dos aparelhos celulares que, atualmente, são muito comuns entre os jovens e possuem uma gama incontável de possibilidades de utilização, porém, ainda, é pouco utilizado como estratégia educativa. Segundo apontam Passarelli e Junqueira, atualmente, os celulares não são apenas mais simples aparelhos telefônicos.

Hoje estes estão agregando um conjunto inumerável de novas funções, usos mais sofisticados e inovadores a partir de dispositivos, aplicativos e possibilidades de interação social transformando-se no principal instrumento da convergência midiática contemporânea. (PASSARELLI; JUNQUEIRA, 2012, p. 41).

Assim, a partir do momento em que os professores perceberem que a utilização de estratégias envolvendo os recursos oferecidos pela Internet, como é o caso do *WhatsApp*, em atividades grupais e individuais, estarão fazendo com que seus alunos realizem atividades também extra classe e estarão contribuindo, não apenas para a formação de comunidades virtuais, mas, também, para uma aprendizagem construída coletivamente, pelas vivências e resolução de problemas, envolvendo e incentivando, cada vez mais, os alunos com seu aprendizado, tornando-os protagonistas no processo de ensino aprendizagem.

Encontrar meios pelos quais a concepção de inteligência como passível de ser plenamente desenvolvida e adequadamente ampliada pelo contexto educacional é um desafio importante que nos permitirá caminhar no sentido da promoção de uma motivação adequada em nossos alunos. (BORUCHOVITCH, 2009, p. 112).

1.3. Comunidades virtuais

Dentre as principais transformações ocorridas no século XX, a mais significativa e que afeta diretamente o modo de vida das pessoas nas sociedades contemporâneas e tecnologicamente integradas, destaca-se as movidas pela tecnologia da comunicação, por-apresentarem novas linguagens e novas formas de difusão de informações.

Essas transformações não apenas passaram a fazer parte da rotina das pessoas, mas passaram, também, a influenciar novas práticas de relacionamento entre grupos, possibilitando a interação entre pessoas de lugares diferentes, favorecendo diretamente a possibilidade em adquirir e trocar conhecimentos de forma rápida e eficaz formando, assim, uma rede de articulações para difusão de informações, das mais variadas áreas do conhecimento.

O milênio terminou marcado por uma Revolução Tecnológica Informacional que está reconfigurando o conjunto das sociedades humanas em todos os seus aspectos, implodindo barreiras de tempo e espaço, colocando a informação como elemento central de articulação das atividades humanas (LEMOS; PALACIOS, 2001, p. 123).

Essas articulações e trocas foram nomeadas, pela primeira vez, por Howard Rheingold como “comunidade virtual”, que definiu o termo como “Uma rede eletrônica auto definida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta” (Rheingold, apud Castells, 2012, p. 443).

Sendo assim, pode-se dizer que uma comunidade de pessoas, compartilhando interesses, ideias e relacionamentos em comum, através da Internet, formam uma comunidade virtual.

No caso da educação o desafio consiste em como utilizar o potencial da tecnologia digital de forma a contribuir não somente para o desenvolvimento cognitivo, mas também afetivo e ético, incorporando também o conceito de que ensinar é um ato de comunicação. (PASSARELLI, 2007, p. 113).

O aparecimento da Internet trouxe consigo uma nova e eficiente forma de transmissão de informações. A gigantesca teia de possibilidades oferecidas na

rede, promove a socialização e a aquisição de conhecimentos e abre as portas para outras formas de aprendizagem. Segundo Harasim (2005), “Quando um aluno se conecta à rede, a tela do computador se transforma numa janela para o mundo do saber”. (HARASIM, 2005, p. 19).

O ciberespaço possibilitou a conexão entre pessoas criando as comunidades virtuais onde as pessoas se comunicam, trocam informações e vivências, transformando-as em aprendizado, fazendo surgir, assim, as comunidades virtuais de aprendizagem.

Segundo Rheingold (1994), as comunidades virtuais são definidas como, “Agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. (RHEINGOLD, 1994, p. 18).

Entender essas novas formas de relações entre pessoas é importante para analisar como as novas tecnologias da comunicação estão agindo sobre a sociedade atual, criando um novo espaço de socialização de ideias e informações.

O espaço das comunidades virtuais, hoje, tornou-se uma ferramenta importante para que as pessoas possam compartilhar informações, ampliar sua teia de amizades e construir conhecimento pelas trocas e compartilhamentos.

Imagine estudar com colegas, professores e recursos disponíveis sempre que você quiser ou precisar. Os “colegas de classe” são de, Moscou, da cidade do México, de Nova York, Hong Kong, Vancouver e Sydney; de centros urbanos e de áreas rurais remotas. Como você, eles nunca precisam sair de casa. Todos aprendem juntos, não em um local no sentido comum da palavra, mas num espaço compartilhado, um “ciberespaço”, por meio de sistemas que conectam em uma rede as pessoas ao redor do globo. Na aprendizagem em rede, a sala de aula fica em qualquer lugar onde haja um computador, um modem e uma linha de telefone... (HARASIM et al, 2005, p. 19).

O elemento principal que move e mantém vivas essas comunidades é o sentimento de pertencimento. O caráter de importância se dá pelo fato dos membros sentirem-se responsáveis, sentirem-se fazendo parte de algo, como integrantes de um grupo. Neste espaço, eles não apenas recebem as informações. Eles, também, as compartilham. Cada membro não é, apenas, receptor. Ele é, também, transmissor de informação.

As comunidades virtuais, segundo Hagel (1999, p. 57) podem ser classificadas de três formas:

- ✓ Interesses pessoais;
- ✓ Comunidades de negócios entre empresas;
- ✓ Demográficas e geográficas.

Para a primeira classificação, entende-se que os integrantes destas comunidades são incentivados a participar das mesmas, pois possuem assuntos em comum a serem tratados, que podem estar relacionados a temas variados, porém, de alguma forma, os incentivaram a compartilhar com outras pessoas, que possuem o mesmo interesse pelo tema.

Na segunda classificação, os interesses que os unem giram em torno de temas relacionados ao ambiente de negócios e, geralmente, são formadas por pessoas que trabalham em empresas e se comunicam entre si, formando uma comunidade para tratar de assuntos pertinentes aos negócios desenvolvidos nas corporações, que podem ou não estar em outros países, em outros continentes, mas, com a formação da comunidade virtual, a negociação fica mais rápida e todos podem se comunicar instantaneamente.

Na terceira classificação, os integrantes estão unidos por interesses comuns como: a localidade onde vivem, pessoas de uma mesma família, grupos da mesma escola, do mesmo bairro, do mesmo condomínio, porém que possuem interesses em comum.

Analisando estas classificações é possível perceber que existe relação entre as três classificações apresentadas. De alguma forma, todas possuem um laço em comum que faz com que as pessoas se unam em torno desse laço e procurem outros membros a fim de partilhar suas dúvidas e seus sentimentos.

A estrutura da comunidade, no entanto, poderá ser analisada a partir dos laços e capital social verificados através da interação. Espera-se que a comunidade possua um núcleo com laço fortes, que consistirá no grupo mantenedor da estrutura. (RECUERO, 2005, p. 14).

Ao buscarem esses grupos, essas pessoas anseiam, também, por novas informações que possam ajudá-las a superar essas aflições e buscar novos conhecimentos gerando, assim, uma nova forma de aprendizado.

A busca por uma comunidade virtual é motivada por uma vontade de aprender, de compartilhar, de crescer. Existe a percepção de que fazer parte de uma comunidade pode trazer benefícios e crescimento para o grupo.

A presença do interesse comum, como fundamento, pode indicar a possibilidade de tal grupo constituir-se em uma comunidade virtual, já que estabelece a cooperação como princípio. (RECUERO, 2005, p. 13).

Porém, é importante entender que, para existir a comunidade virtual, deverá ser alimentada, uma vez que a permanência no ambiente virtual é estabelecida por cada um dos integrantes cabendo, somente a ele, definir quando e onde conectar-se ao grupo, dando continuidade aos compartilhamentos e mantendo vivo os laços que os unem.

A partir do momento em que as comunidades virtuais são formadas, baseadas nos laços e interesses comuns de construção de conhecimento, essas passam a ser percebidas como comunidades de aprendizagem.

Cesar Coll, professor de Psicologia Evolutiva e da Educação na Universidade de Barcelona e um dos teóricos das comunidades virtuais de aprendizagem, em recente entrevista traça um painel das Comunidades de Aprendizagem, caracterizando-as como um fenômeno pós-moderno, nascido na última década do século XX. (PASSARELLI, 2007, p. 46).

Entende-se por comunidades virtuais de aprendizagem, espaços cooperativos de trabalho interativo onde a aprendizagem ocorre com a participação direta dos alunos e onde o professor assume o papel de mediador na construção do conhecimento, devendo este estabelecer, em conjunto com o grupo, as normas e o comportamento que o grupo deverá assumir, frente aos trabalhos propostos.

Nessas comunidades, a ação comunicativa acontece de forma intencional, com os participantes dialogando em um espaço comum onde todos podem manifestar-se de forma espontânea sem ter o compromisso de convencer o outro.

Portanto, apropriar-se das comunidades de aprendizagem como um recurso pedagógico pode tornar-se viável para o processo de ensino aprendizagem, uma vez que facilita e agiliza o processo comunicacional entre professores e alunos.

O que se propõe, com a utilização das comunidades aprendizagem, é a adoção de um espaço virtual de conversação e trocas, que estimule a aproximação dos jovens com os conteúdos escolares, facilitando o compartilhamento de informações e a construção significativa de saberes.

2 Inovação comunicacional nas comunidades

No cenário atual, a comunicação e seus múltiplos recursos, tornaram-se instrumentos indispensáveis para divulgação de informações, o compartilhamento de dados e a criação de um novo código cultural, uma vez que as pessoas, agora, comunicam-se e compartilham informações de forma instantânea, sem a necessidade de proximidade e de contato visual. As mensagens, simplesmente, saem do emissor original, navegam pelo ciberespaço e chegam até o receptor.

O termo comunicação não é atual. Muito pelo contrário. Muitas são as teorias que buscam explicar a comunicação, porém, segundo Mattelart (2011), o século XIX viu nascer noções fundadoras de uma visão da comunicação como fator de integração das sociedades.

Centrada de início na questão das redes físicas, e projetada no núcleo da ideologia do progresso, a noção de comunicação englobou, no final do século XIX, a gestão das multidões humanas. O pensamento da sociedade como organismo, como conjunto de órgãos desincumbindo-se de funções determinadas, inspira as primeiras concepções de uma “ciência da comunicação”. (MATTELART, 2011, p. 13).

Pode-se perceber que discorrer sobre o tema comunicação remete-nos a um conceito que foi construído historicamente e é de fundamental importância na relação entre as pessoas.

A comunicação existe desde os primórdios e ocorre, basicamente, da mesma forma desde então, ou seja, quando o emissor envia uma informação ou mensagem ao receptor por meio de um sinal ou código, utilizando para essa ação um meio, todo esse processo produz resultados que, segundo McLuhan (2007), modificaram-se através dos tempos, forçando as sociedades a adequarem-se a estas transformações. Para esse autor, o meio é a própria mensagem.

Os suportes da comunicação e as tecnologias são determinantes na mensagem: os conteúdos modificam-se em função dos meios que os veiculam. O meio é a mensagem porque é o meio o que modela e controla a escala e forma das associações e trabalho humanos. (MCLUHAN, 2007, p. 27).

Na medida em que as inovações surgiram ao longo da história humana, especialmente no âmbito tecnológico, os atores da comunicação foram se apropriando delas com a finalidade de obter maior efetividade nos processos comunicacionais. Por exemplo, destacam-se o advento da imprensa, do rádio, da televisão, dos satélites e da Internet, dentre outros.

A ideia de comunicação fundamenta-se, também, na concepção de comunidade, uma vez que quem se comunica, sempre se comunica com alguém, caracterizado em um núcleo identitário, que pode ser uma única pessoa (muito raro), até toda a humanidade (não tão raro). Desta forma, a análise da aplicação das inovações em comunicação para fins educacionais demanda a discussão sobre esses importantes conceitos.

Segundo Caprino (2008), o conceito de inovação teve origem na economia, porém é a comunicação social, que está mais tendenciada a adotar a inovação em proveito social e das interações. Para os autores Giacomini e Santos (2008, p. 11) “A inovação é uma transformação social na comunidade”.

Partindo deste entendimento sobre inovação, busca-se apontar a importância da inovação tecnológica – seus meios - e das relações humanas envolvidas e expressas – mensagens - para o processo comunicacional de professores e alunos no âmbito educacional.

A inovação apontada no processo de comunicação de professores e alunos nasce quando a geração de uma ideia é adotada e se faz efetivar na prática, alcançando os resultados esperados. Nesse caso, a ideia de inovação é a adoção do aplicativo *WhatsApp* no processo de ensino e aprendizagem.

Se a inovação e a comunicação alinharem-se, é possível que se consiga modificar o sistema de comunicação entre professores e alunos, gerando resultados que podem alterar e inovar a forma de alunos e professores perceberem o processo de ensino e aprendizagem.

A discussão gira em torno de como integrar inovação e comunicação, pois, para que essa integração ocorra, é preciso mexer com pessoas, tirá-las de sua zona de conforto e fazer com que elas, efetivamente, queiram apropriar-se dessa inovação, para mudar o processo de comunicação, visando alcançar novos resultados.

A apropriação dessa inovação visa favorecer novas formas de relações, que estão diretamente relacionadas às tecnologias da informação e comunicação, essa nova forma de relacionamento que, segundo aponta Lemos (2013), estabelece-se com a chamada cibercultura.

A cibercultura parte do princípio que as novas tecnologias são utilizadas como ferramentas de “efervescência social no compartilhamento de emoções, convivialidade e de formação comunitária”. (LEMOS, 2013, p. 91).

A ideia de acessar a cibercultura e a possibilidade de adoção de novas formas de interação social permitem a formação de novos cenários de organização e interação da sociedade pelas redes de comunicação digital, as chamadas comunidades sociais ou comunidades virtuais que Lemos (2013, p. 88), acredita serem “[...] agregadas em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras fixas”.

É nessa perspectiva e inseridos nessas redes de comunicação que nasce uma nova geração, que pensa e se comporta diferente, frente a todas essas mudanças promovidas pelas inovações. Segundo Prensky (2001), essa nova geração, os “nativos digitais”, percebe o mundo de uma nova forma. Ela nasceu na era digital, dominou essa nova forma de linguagem e enxergou o mundo de uma maneira muito particular.

Prensky (2001) vai além e especifica diferenças entre gerações, definindo-as como “imigrantes e os nativos digitais” e não necessariamente os separa por idade, mas, sim, por seu entrosamento com as novas tecnologias da informação e comunicação.

O imigrante digital é aquele que precisa recorrer a manuais, a lápis e a papel para finalizar uma atividade. Um imigrante digital, diferentemente do nativo digital, antes de iniciar sua jornada para instalar um aparelho ou começar a manusear seu computador, vai recorrer ao manual de instruções, vai lê-lo atentamente e seguir os passos que o mesmo determina. Já, o nativo digital, não. Ele, simplesmente, vai se aventurar manuseando o aparelho e aprendendo com os recursos que este lhe oferece.

Outro traço determinante dos imigrantes digitais, é a dificuldade que estes encontram em ler um livro ou uma reportagem na tela do computador ou do *tablet*, mais uma vez diferente do nativo digital, que baixa seu aplicativo e lê o e-

books com facilidade. O imigrante digital precisa do contato manual com o papel, precisa fazer anotações, grifar os pontos mais importantes. Para o nativo digital, as informações que lhes interessam passam, instantaneamente, a fazer parte de algum arquivo eletrônico que ele armazena na memória de seu computador ou *tablet*.

Para ilustrar a definição de “imigrante digital”, Prensky (2001) o compara a uma pessoa que anseia por visitar outro país e, para isso, estuda o idioma local, porém, ao chegar nesse país, é traído por seu sotaque.

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer à Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo. As pessoas mais velhas se socializaram de uma forma diferente de seus filhos, e estão em processo de aprendizagem de uma nova língua. (PRENSKY, 2001, p. 2).

2.1 Perfis dos atuais estudantes - os nativos digitais

Quem são e como vivem os jovens atuais? Quais são as suas motivações? A resposta a estas perguntas pode abrir caminhos para importantes reflexões sobre os jovens atuais.

Prensky (2001) nomeou-os de “nativos digitais”. Eles nasceram no século XXI, cercados por um aparato de tecnologias digitais como: computadores, *videogames*, *smartphones*, *tablets*, tocadores música, etc. Esse contexto tecnológico a que foram expostos, invariavelmente afeta a sua forma de ver, entender e se relacionar com as pessoas à sua volta e, também, a forma como eles interpretam o mundo.

Entende-se, porém, que nem todos os jovens podem ser considerados nativos da era digital, uma vez que jovens de classes menos favorecidas possuem um acesso mais restrito a estes meios tendo, por vezes, a oportunidade de contato com a Internet apenas em computadores de escolas, ou quando acessam a rede via *lan house*, o que dificulta, em parte, a destreza digital desses jovens.

Mesmo com estas aparentes dificuldades, Prensky (2010) acredita que a tendência para os próximos anos é que estes jovens, também, tornar-se-ão nativos digitais, porque se, por um lado, o acesso a alguns recursos digitais é

restrito, por outro lado, essa nova geração, mesmo sem acesso à Internet em casa, tem contato frequente com a televisão, faz uso de celulares e de *videogames*, o que os leva a conhecer as novas tecnologias, a se interessar por elas e, pelo contato frequente com esses recursos, conseguem construir conhecimento a partir da interação que travam com os mesmos.

Uma divisão etária na verdade nunca existiu. Nativos e imigrantes digitais são termos que explicam as diferenças culturais entre os que nasceram na era digital e os que não. Pode ser que em alguns lugares os nativos sejam separados dos imigrantes por razões sociais. (PRENSKY, 2010, entrevista concedida à revista Época).

Para Prensky (2001), os nativos digitais estão habituados a conseguir informações instantaneamente. Esses jovens encontram na *Web* sua fonte primária para obtenção de informações. Estão habituados a recorrer à Internet para obter respostas a seus questionamentos e, isso, se dá pelo fato de que esses jovens, estão acostumados, desde muito pequenos, a transitarem na era digital com facilidade. Para eles, o ambiente *online* é uma extensão da própria casa.

Para os nativos digitais, a Internet lhes garante acesso às mais variadas gamas de entretenimento possível. Estando acessados à rede, eles estão em contato não apenas com colegas que já fazem parte da sua teia de relacionamentos, mas, também, com os virtuais. É pelos *games* que acontece o contato com um número imensurável de jogadores que estão *online* a cada segundo. Esse contato lhes permite não apenas a distração, mas, também, o aprendizado informal que advém dessa interação.

O que mais atrai o nativo digital para a Internet é essa possibilidade de diversão, uma diversão que ocorre livre de amarras, onde o erro não é cobrado. Tudo acontece de forma *online*, sem contato visual ou físico, o que torna a diversão mais garantida. Na rede, é possível voar e cair sem se machucar, correr em um carro em alta velocidade e não causar danos a ninguém, atirar e não ferir, mergulhar nas profundezas do oceano, sem pensar em se afogar ou ficar sem ar e, se a morte ocorrer, existem outras vidas. Na rede, a diversão acontece, é imediata e não tem limites.

Os jovens dessa geração têm o hábito de estar conectados quase que

constantemente. A vida deles acontece de forma *online*, quer seja enviando mensagens instantâneas de seus *smartphones*, ou pelos seus computadores e *tablets*, que estão todos conectados à Internet e, lá, encontram os mais variados recursos para se comunicar de forma rápida com seus interlocutores, além, é claro, de poder interagir com várias mídias ao mesmo tempo, o que lhes permite viver uma vida *online*.

Concorda-se, ainda, com Prensky, (2010) quando este afirma que essas são algumas características que tornam os nativos digitais jovens tão diferentes daqueles que foram seus pais e professores, ou seja, adultos de uma geração mais velha, que não possuem esses hábitos tão enraizados como os jovens, os “imigrantes digitais”.

Os professores imigrantes digitais assumem que os educandos são os mesmos que sempre foram, e que os mesmos métodos que funcionaram com os professores quando eram estudantes irão funcionar com seus alunos agora. (PRENSKY, 2010).

Freire (1970) sempre fez duras críticas ao que ele chamava de “Educação Bancária”, onde os professores não consideravam a realidade do aluno, esperando que esses recebessem, de forma pacífica, os conteúdos que lhes eram transmitidos pelos professores. Esse tipo de educação não imputava aos alunos qualquer forma de reflexão sobre o que lhes era ensinado. Os alunos eram seres passivos e, os professores, eram os únicos detentores do saber. Nesse cenário, para Freire (1970, p. 33). “O saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”.

Para contrapor o cenário de uma “Educação Bancária”, Freire propõe uma filosofia de educação libertadora, onde o diálogo e a troca entre professores e alunos façam surgir novos conceitos, e onde o processo de ensino aprendizagem possa fluir em um ambiente leve, porém problematizador contribuindo, assim, para a formação de alunos conscientes e participantes de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Ambos [educador e educando], assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1970, p. 39).

É exatamente com esta nova filosofia de pensamento, onde o aluno participa da construção do seu conhecimento, que o professor, “imigrante digital” vai agir, buscando nas TDMs recursos para que o processo de ensino aprendizagem ocorra, pelas trocas e compartilhamentos constantes de informações. Partindo das ideias de Freire e analisando a sociedade atual, onde estão inseridos os nativos digitais, encontra-se em Passarelli (2007) a denominação precisa do que representa para esses jovens a escola que lhes é oferecida.

Nas últimas décadas do século XX, o modelo pedagógico tradicional começou a dar sinais claros de desgaste, visto que não mais atende às necessidades da sociedade pós-moderna. Valorizam-se, agora, habilidades que dizem respeito a julgamento, interpretação e solução de problemas. Em vez da memorização, o importante é saber encontrar a informação necessária. (PASSARELLI, 2007, p. 41).

Sabendo dessa nova realidade e identificando os nativos digitais dentro das salas de aula, caberá ao professor, imigrante digital, encontrar os recursos adequados para se aproximar da realidade desses jovens e, assim, conseguir sucesso; caso contrário, se o professor continuar acreditando que seus alunos não mudaram, vai continuar reproduzindo uma educação sem atrativos para seus alunos gerando, cada vez mais, desmotivação e afastamento.

Para esta geração ficar sentada em suas carteiras, ouvindo seus professores falarem, é muito difícil, uma vez que, para eles, é possível acessar aquelas informações na rede, na hora que sentirem necessidade, no momento que julgarem ser atrativo e que puderem fazer conexão com algo que lhes é importante no momento, que faz parte da realidade em que estão vivendo.

Para nova geração que pensa digital e vive de forma *online*, os professores precisam pensar em formas de aproximar os conteúdos da realidade de seu público. Ensinar, somente, já não é o que basta. O fazer pedagógico precisa ir além, precisa proporcionar aos jovens, reflexão, por meio de estímulos da hipermídia.

Hipermídia é uma linguagem eminentemente interativa. O leitor não pode usá-la de modo reativo ou passivo. Ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir. É o usuário que determina que informações deve ser vista, em que sequência ela deve ser vista e, por quanto tempo. (SANTAELLA, 2001, p. 394).

Dessa forma, aprender, para essa nova geração, pode ser atraente e prazeroso, porém será muito mais eficiente se lhes permitirem aprender em grupo, compartilhando as informações em comunidades virtuais e sendo eles personagens ativos dentro do processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Comunidades virtuais de aprendizagem

Rheingold, apud Recuero (2002) foi um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo “comunidade virtual”, e define-a:

As comunidades virtuais são agregadas sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético. (RHEINGOLD, 1994, p. 20).

Foi com o aparecimento da Internet e a popularização da cibercultura que as sociedades passaram a socializar e transmitir vivências de forma mais rápida e com alcance global. A capacidade de divulgação de informações de forma instantânea proporcionou a seus usuários uma nova forma de conexão entre povos, e a possibilidade de interação entre as pessoas deu origem às comunidades virtuais, o que facilitou a aprendizagem de outras culturas.

Porém, a utilização dessas comunidades, para fins educacionais, ocorreu, apenas, no final do século XX, com a popularização da Internet. Segundo Turroff (2005), um sistema de intercâmbio de informações eletrônicas, poderia fornecer às comunidades sociais uma forma de compartilharem informações e, juntas, organizarem o que ele denominou “inteligência coletiva”.

A inteligência coletiva diz respeito a essa capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros. (JENKINS, 2008, p. 54).

A partir das ideias de Turroff (2005), surge o conceito de interconexão de computadores pela rede, baseada na troca e no compartilhamento de informações e conhecimentos. Começa a surgir, então, a ideia de comunidade virtual.

À comunidade virtual é, assim, um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permanecem um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador. (RECUERO, 2005, p. 12). (sic.).

Goulart (2014) apresenta outro conceito, o de comunidade de conteúdo que, nada mais são, que “Ambientes on-line destinados à inserção de tipos específicos de conteúdos”. Essas comunidades, também, são virtuais, públicas ou privadas e recebem inúmeros tipos de conteúdo, que podem ser acessados por milhões de pessoas.

Elas servem para partilharmos nossos desejos, valores, crenças, pensamentos, dúvidas e necessidades, e permitem que colaboremos uns com os outros na ajuda recíproca ou na busca pelo alcance de objetivos comuns. (GOULART, 2014, p. 17).

Teóricos, como Goulart (2014), Jenkins (2008), Rheingold (1994) e outros, se propuseram a estudar as comunidades virtuais. São unânimes em afirmar que a sociedade atual está em rede, interconectada a um sistema que só faz crescer. Partindo dessas ideias, surge o desejo de entender melhor a explosão das comunidades virtuais, as atividades dessas comunidades e os laços que as une.

Para Castells (2012, p. 43), as comunidades virtuais “[...] oferecem um contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da Internet”.

Graças à Internet, que favorece o funcionamento da rede mundial de computadores, o número de pessoas conectadas à rede está cada vez maior e a influência que exerce sobre o compartilhamento de informações, ajuda a construir uma rede de inter-relações global.

Do ponto de vista da comunicação, a mudança de paradigma se dá com a crescente digitalização do saber, a criação de portais de pesquisa e a ampliação de possibilidades de busca de conteúdo...[...] com a criação das redes sociais virtuais, os alunos permanecem conectados em comunidades além do horário de aula. (PESSONI e ARKERMANN, 2014, p. 28).

Essa rede encontra, no ciberespaço, os recursos necessários para a organização dessas comunidades. É no ciberespaço que essas comunidades conseguem acessar os saberes e interesses comuns, compartilhando as informações e cooperando para a aquisição e divulgação de saberes que são comuns a cada um dos grupos.

O ciberespaço, enquanto espaço sem limitações físicas, comporta comunidades das mais diversas naturezas, interesses, etc., agrupamentos de pessoas em comunidades virtuais, com possibilidades de comunicação e relacionamentos ampliadas pelas TDMs.

Castells (2012) amplia ainda mais o horizonte sobre as comunidades virtuais quando as dimensiona da seguinte forma:

Assim, no final das contas, as comunidades virtuais, são comunidades reais? Sim e não. São comunidades, porém não são comunidades físicas, e não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém, não são “irreais”, funcionam em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada”. (CASTELLS, 2012, p. 445-446).

Atualmente, as comunidades virtuais exploram um novo tipo de contato e interação entre grupos, os laços que os une. Essas comunidades são espaços virtuais coletivos que podem, ou não, ser permanentes, mas que são organizados e se mobilizam de forma diferente. Hoje, a comunicação entre esses coletivos ocorre virtualmente, porém de forma ampla, com um alcance por vezes imensurável.

Um movimento social pressupõe a existência de um processo de organização coletiva e se caracteriza pela consistência dos laços, identidades compartilhadas, certa durabilidade e clareza não só no uso de táticas (mobilizadoras, comunicativas, civis judiciais etc.), mas também nas estratégias como aquelas envolvendo um projeto amplo de sociedade, ou pelo menos, propostas de programas para determinados setores. (PERUZZO, 2013, p. 76).

O ano de 2013 é um marco muito importante na vida das comunidades virtuais. Os protestos ocorridos em todo o território nacional nesse ano, demonstram o quanto essas comunidades podem ser organizadas.

Os protestos ocorridos nessa ocasião, foram agendados e organizados pelas comunidades virtuais, que se uniram em torno de um ideal.

Para Peruzzo (2013), pesquisadora da comunicação em movimentos sociais, um novo sistema de comunicação está surgindo, e ele nos é apresentado, principalmente, pelas redes sociais.

Uma outra comunicação se faz presente. Os manifestantes usaram meios próprios para se comunicar: simples celulares ou smartphones, redes virtuais e o audiovisual alternativo municiaram a sociedade com a informação em tempo real do que ocorria nas ruas pelo ângulo de novas fontes, conforme será visto na última parte do texto. Estas se tornaram, inclusive, fontes para a grande mídia que se viu atônita e perdida, sem saber bem o que fazer, pois os acontecimentos fugiam ao seu tradicional esquema de pautas e coberturas. (PERUZZO, 2013, p. 82).

A sociedade encontrou, nas comunidades virtuais, novas formas de se unir, compartilhar informações e se organizar para mobilizar esforços em prol de um objetivo comum. Segundo Peruzzo (2013, p. 77), “É a população que vai às grandes avenidas em passeatas, sem líderes ou organizações que pudessem assumir o protagonismo, trata-se de um outro movimento”.

Uso da Internet, das mídias e redes sociais virtuais e de celulares se constitui num diferencial importantíssimo do novo grande movimento social que mexeu com o País e com as visões sobre ele. As mídias e redes sociais virtuais (YouTube, Flickr, Facebook, Instagram, Twitter, etc.) se constituem em canais de informação, em ambientes comunicacionais, em pontos de encontro, enfim, em redes e, às vezes, até em comunidades, que facilitaram os relacionamentos (entre os que estão conectados), a articulação entre as pessoas e as ações conjugadas. (PERUZZO, 2013, p. 79).

Ainda sob o aspecto de mobilização das comunidades virtuais, entendidas como espaço de compartilhamento de informações, essas comunidades também oferecem aos jovens uma oportunidade de fazerem-se presentes, uma vez que, fazer parte de uma comunidade, lhes garante espaço para colocarem suas ideias e compartilharem informações sobre temas variados, desde música, passando pelos *videogames*, viagens e, até mesmo, conteúdos acadêmicos. Para esses jovens, pertencer a uma comunidade virtual é estar antenado no mundo.

É inegável seu potencial enquanto espaço de encontro, arena de discussão e lugar para o confronto de identidades e interesses. O poder de gerar efeito viral, ou de multiplicação da repercussão e da adesão, é inegável. Contudo, altos números de curtidas não necessariamente significam engajamento de fato. Às vezes são atos apenas cordiais, outras vezes criam nuvens, como de gafanhotos que logo se acomodam. (PERUZZO, 2013, p. 83).

Frente a tantas possibilidades de comunidades virtuais existentes, encontra-se as comunidades virtuais de aprendizagem, que são criadas com objetivo de auxiliar no desenvolvimento de competências, contribuindo diretamente para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de seus membros.

As comunidades virtuais de aprendizagem foram gestadas no espaço midiático da Internet e representam novas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem, tanto no âmbito da educação formal (escolas tradicionais) como no da educação não-formal (educação comunitária, educação para a vida). (PASARELLI, 2007, p. 47).

Pensar as comunidades virtuais de aprendizagem como forma de promover educação e cultura é uma hipótese viável nos tempos atuais, uma vez que os “nativos digitais”, encontram-se apoiados, desde que nascem, por uma lógica de compartilhamento de gostos, de experiências, de sentimentos e, até mesmo, de projetos de vida. Segundo Passarelli (2003), os computadores asseguram que alunos e professores façam busca na Internet, que é uma grande base de dados, além de permitir a troca de experiências com colegas de outras geografias e culturas.

O conhecimento passou a ser mais compartilhado entre esses atores, que usam o ciberlugar como espaço de troca de informações e campo de atividades paralelas, que vão além da sala de aula. (PESSONI e ARKERMAN, 2014, p. 28).

Sob esse ponto de vista, concorda-se com Silva (2001) quando este afirma que a aprendizagem está cada vez mais independente da sala de aula. O compartilhamento de informações ocorre a todo instante e em todo lugar. Mais do que nunca, o professor precisa perceber o universo virtual e trabalhar, também, com este espaço, não como um inimigo, mas, sim, como um ambiente facilitador de trocas e construção de saberes.

A socialização baseada na comunicação e no conhecimento em confrontação coletiva. É a possibilidade do sujeito diluído na subjetividade de suas escolhas descobrir-se como ser social na confrontação coletiva e não a partir de lições-padrão”. (SILVA, 2001, p. 169).

Desta forma, pode-se credenciar as comunidades de aprendizagem como um espaço que ofereça, aos jovens, condições de aprendizado em um ambiente virtual, suportado pela Internet, que proporcione a esses a construção de conceitos, pelo compartilhamento de informações, da interação com outros jovens e da mediação do professor.

Para os “nativos digitais”, a aprendizagem precisa dar-lhes a oportunidade de se impressionar. Esses jovens aprendem quando lhes é permitido interagir, envolver-se, deliciar-se com o conhecimento. Apenas dessa forma eles estarão motivados a buscar, cada vez mais, o conhecimento.

Para que as comunidades virtuais de aprendizagem possam garantir a esses jovens uma sensação de pertencimento, do “estar junto”, do aprender coletivamente, torna-se necessário investigar quais características devem fazer parte deste universo virtual, possibilitando, assim, a oportunidade a novas experiências culturais, sociais e educativas.

3 Mídia educação

A integração das TDMs na escola, em todos os seus níveis, é fundamental porque essas técnicas já estão presentes na vida de todas as crianças e adolescentes e funcionam – de modo desigual, real ou virtual – como agências de socialização, concorrendo com a escola e a família. Uma de suas funções é contribuir para compensar as desigualdades que tendem a afastar a escola dos jovens e, por consequência, a dificultar que a instituição escolar cumpra efetivamente sua missão de formar o cidadão e o indivíduo competentes.

Por isso, é importante considerar essa integração, na perspectiva da mídia-educação, em suas duas dimensões inseparáveis: objeto de estudo e ferramenta pedagógica, ou seja, como educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias.

Somente assim a escola poderá cumprir sua missão de formar as novas gerações para a apropriação crítica e criativa das mídias, o que significa ensinar a aprender a ser um cidadão capaz de usar as TDMs como meios de participação e expressão de suas próprias opiniões, saberes e criatividade.

A mídia-educação trata do ensino sobre as mídias para professores e alunos, bem como de sua integração nos processos educacionais.

Segundo Belloni (2009), a expressão “educação para as mídias” ou “mídia-educação” aparece em organismos internacionais, particularmente na UNESCO, nos anos de 1960. Nessa ocasião, ela surgiu como uma tentativa, ainda prematura, de explicar a facilidade que esses recursos podiam apresentar para a escolarização de populações distantes que não possuíam estruturas de ensino locais.

Por mídia-educação convém entender o estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas. (UNESCO, 2004, p. 15).

Em 1982, a UNESCO organizou uma reunião na Alemanha Ocidental, com representantes de 19 países, que adotam uma declaração acerca da necessidade de os sistemas de ensino compreenderem a importância do

trabalho com os meios de comunicação, para favorecer o desenvolvimento de seus alunos. A partir dessa reunião, o termo mídia-educação passa a ser reconhecido e construído, conforme aponta Belloni e Bevort (2009):

Começa a se construir, a partir de então, a noção da mídia-educação como formação para a apropriação e uso das mídias como ferramenta: pedagógica para o professor, de criação, expressão pessoal e participação política para todos os cidadãos. (BELLONI e BEVORT, 2009, p. 1087).

Embora o termo mídia-educação exista e seja reconhecido internacionalmente, a educação ainda se utiliza, fortemente, da linguagem escrita - advinda dos livros textos - e da linguagem oral, que continua sendo a maior responsável pela transmissão de conhecimentos do professor para os alunos.

Ainda, segundo as diretrizes da UNESCO, (2004, p. 13), “À medida que aumentam o volume e a diversidade de informações que os aparelhos móveis podem coletar sobre seus usuários, a tecnologia móvel torna-se capaz de melhor individualizar a aprendizagem”.

Ocorre que a comunidade estudantil atual vive imersa em novas linguagens: a linguagem televisiva, a informatizada e a móvel. A linguagem informatizada gera novos tipos de leitores/alunos. Produz o que Santaella (2005) dá o nome de leitor imersivo.

Trata-se de um tipo especial de leitor, o imersivo, quer dizer, aquele que navega através de fluxos informacionais voláteis, líquidos e híbridos -- sonoros, visuais e textuais – que são próprios da hipermídia. Não obstante o grande número de opções que hoje se abrem a esse novo tipo de leitor, os ambientes líquidos ciberespaciais codificaram-se em rotas e sítios sinalizados com uma organização interna. (SANTAELLA, 2005, p. 11).

Esse novo leitor, com sua nova forma de entender a comunicação, de receber e compartilhar informações, exige uma mudança de postura dos professores, no sentido de estes apropriarem-se das TICs e as utilizarem como facilitadoras nos processos de construção de saberes.

A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdo, dentro ou fora da sala de aula. (UNESCO, 2004, p. 8).

Considerando as disposições da UNESCO (2004), é tarefa das mais importantes para modernizar e inovar o processo de ensino e aprendizagem, aproximar comunicação e educação para a produção de conhecimento, não mais descontextualizado e desfragmentado, mas, sim, transformado as habilidades em competências reais para esses educandos. Nesse tocante, apoia-se em Fazenda (2011) que, em uma de suas muitas definições de interdisciplinaridade, a caracteriza como:

Uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano. (FAZENDA, 2011, p. 10).

Se a escola conseguir utilizar os recursos disponíveis nos meios de comunicação – em dispositivos móveis – para gerar problematizações, discussões em grupo e provocar atitudes críticas e reflexivas nos educandos, estará contribuindo para a construção da cidadania desses educandos e aprimorando o aprendizado de conteúdos acadêmicos.

Percebe-se, na sociedade do século XXI, a existência e a presença crescentes de trabalhos e pesquisas interdisciplinares em diversas áreas, que passaram a fazer parte do contexto social atual, conversando entre si, na busca da formação de um cidadão reflexivo, atuante e transformador.

Segundo Zabala (1998), se a escola deseja, realmente, trabalhar apoiada em uma abordagem construtivista de ensino e aprendizagem, onde as relações sejam fonte para uma dinâmica dialógica que leve esses jovens a construir conhecimento, a refletir, para poder transformar, caberá ao professor pensar em novas estratégias que desafiem os jovens.

Podemos falar da diversidade de estratégias que os professores podem utilizar na estruturação das intenções educacionais com seus alunos. Desde uma posição de intermediário entre o aluno e a cultura, a atenção à diversidade dos alunos e das situações necessitará, às vezes, desafiar; às vezes dirigir; outras vezes propor, comparar. (ZABALA, 1998, p. 90).

Assim, torna-se fundamental entender como os meios e os recursos da comunicação podem ser incorporados às rotinas pedagógicas, influenciando o processo educativo como elemento não apenas facilitador, mas inovador desse processo. Segundo o olhar de Giacomini e Santos (2011), entende-se por inovação:

A Comunicação Social parece mais vocacionada a considerar 'inovação' segundo seus efeitos, impactos, apropriações e proveito social. Nessa linha, uma inovação não significa, necessariamente, conceber algo novo, mas sim que as pessoas o percebam como novidade ou que cause transformações nas relações psicossociais. (GIACOMINI; SANTOS, 2011, p. 16).

Atualmente, os nativos digitais passam grande parcela do tempo em contato com as mais diversas formas de informação, acessadas facilmente pelos meios de comunicação, principalmente em aparelhos móveis. Esses jovens estão inseridos em uma realidade social informatizada e tecnológica tornando-se, cada vez mais, aptos nessas linguagens, pois a interação entre eles é rápida e virtual.

Nativos digitais são aqueles que cresceram cercados por tecnologias digitais. Para eles, a tecnologia analógica do século 20 --como câmeras de vídeo, telefones com fio, informação não conectada (livros, por exemplo), Internet discada-- é velha. Os nativos digitais cresceram com a tecnologia digital e usaram isso brincando, por isso não têm medo dela, a veem como um aliado. (PRENSKY, 2001).

De acordo com as diretrizes da UNESCO (2014, p. 13), o uso de tecnologias móveis “[...] ampliam enormemente o potencial e a viabilidade da aprendizagem personalizada”. Cabe às escolas, na figura dos professores, utilizar esses recursos para atender às expectativas desses jovens.

Cercados que estamos pelas tecnologias e pelas mudanças que elas acarretam no mundo, precisamos pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de lidar com o avanço tecnológico, participando dele e de suas consequências. (SAMPAIO, 2008, p. 15).

Quando for possível juntar a interação virtual com os recursos tecnológicos, fluentes nos nativos digitais, será possível fazer com que ambas possam, efetivamente, ajudar aos jovens a trocarem informações acadêmicas,

fazendo com que se sintam mais estimulados buscando, assim, disponibilizar as informações nos recursos digitais, de forma a melhorar seus desempenhos escolares, inovando esse processo.

A inovação entendida como verbo é aquela que está em ato, trata-se da ação de inovar, do processo inovador, de procedimentos que fazem surgir à novidade e de movimentos que geram o novo. (ROSSETTI, 2013, p. 67).

Espera-se que esses recursos tecnológicos, além de facilitar o processo de significação de conteúdo, auxiliem, também, o acesso a outros conhecimentos que poderão servir de apoio para novas construções, estimulando a interação, a troca, e a transformação de conteúdos complexos em algo acessível, estruturado e contextualizado, gerando, dessa forma, inovação no processo de ensino e aprendizagem.

Essas ideias aproximam-se de Silva (2001), quando este afirma que:

O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem, contudo, submetê-la à tirania do efêmero. (SILVA, 2001, p. 37).

Assim, falar no mundo de hoje sobre mídia-educação é falar de uma realidade possível, é falar e fazer um balanço sobre novas práticas educacionais que acompanham a mudança dos tempos, que se ampliam frente a uma nova realidade e que não se façam neutras. Nesse tocante, apoia-se em Sampaio (2008) quando este afirma:

Esta capacidade se forja não só através do conhecimento das tecnologias existentes, mas também, e talvez principalmente, através do contato com elas e da análise crítica de sua utilização e de suas linguagens. (SAMPAIO, 2008, p. 15).

3.1 Tecnologias móveis disponíveis - o *WhatsApp*

As tecnologias digitais móveis estão presentes no cotidiano atual de tal forma que, facilmente, pode-se vê-las circular nas mãos das pessoas, como um acessório, que complementa o visual de cada usuário. De forma crescente, a presença das tecnologias digitais móveis apresenta-se como parte da rotina das pessoas. O avanço constante de suas funções e aplicabilidade fazem com que, rapidamente, surjam novos e sofisticados aparelhos e aplicativos que são incorporados à rotina das pessoas, das mais variadas formas.

As tecnologias móveis, por serem altamente portáteis e relativamente baratas, ampliaram enormemente o potencial e a viabilidade da aprendizagem personalizada. (DIRETRIZES DA UNESCO, 2014, p. 14).

Atualmente, o volume de aparelhos móveis é de tal ordem que este consegue se fazer presente em todos os locais e é utilizado por milhões de pessoas em todo o mundo, quer seja para acessar informações, compartilhar dados ou, mesmo, como um recurso educacional, como aponta as diretrizes de política da UNESCO (2014) para a aprendizagem móvel.

Atualmente, um volume crescente de evidências sugere que os aparelhos móveis, presentes em todos os lugares – especialmente telefones celulares e, mais recentemente, *tablets* – são utilizados por alunos e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras. (DIRETRIZES DA UNESCO, 2014, p. 7).

O custo, por vezes relativamente baixo, desses aparelhos, coloca as tecnologias móveis ao alcance de todos, quer seja esta pessoa de classe social mais ou menos favorecida. Logo, a utilização desses recursos, em propostas pedagógicas, pode apresentar-se como uma estratégia viável para escolas e professores, aproximando mais os jovens dos conteúdos acadêmicos.

À medida que o preço dos telefones celulares vai diminuindo, provavelmente, cada vez mais pessoas, adquirem aparelhos móveis e aprendem a usá-los, inclusive aquelas que vivem em áreas mais vulneráveis. Um número crescente de projetos tem mostrado que tecnologias móveis são um excelente meio para estender oportunidades educacionais a alunos. (DIRETRIZES DA UNESCO, 2014, p. 12).

Antes de defender a proposta de uso pedagógico do *WhatsApp*, é importante desmistificar algumas crenças acerca da introdução do *smartphone* na sala de aula.

O primeiro, e mais importante deles, é que esses aparelhos podem distrair os estudantes e atrapalhar a aula. Este é um mito que cai por terra rapidamente, pois mesmo antes dos *smartphones* estarem dentro da sala de aula, os estudantes também se distraíam, com ruídos externos, com outros colegas ou mesmo com outras tecnologias.

O segundo mito aponta para a inutilidade desse recurso para a sala de aula, uma vez que os estudantes possuem os livros e toda a argumentação do professor. Esse outro mito também cai por terra quando sabemos que, hoje, os *smartphones* vão muito além de simples aparelhos celulares.

Se um estudante aprende de forma visual e é interessado em mapas, informações históricas podem ser apresentadas em um atlas interativo, que pode ser manipulado em um aparelho de tela sensível ao toque. Um estudante com outras preferências de aprendizagem pode receber informações similares de forma totalmente diferente, como uma linha do tempo indicando eventos importantes, com *links* para vídeos de informação e documentos de fontes primárias. (DIRETRIZES DA UNESCO, 2014, p. 14).

Os *smartphones* têm oferecido ao seu usuário não apenas a simples função dos aparelhos celulares – fazer chamadas telefônicas de voz – estes novos modelos apresentam-se como um minicomputador de mão e são portadores de uma plataforma multifuncional, com múltiplos sensores integrados, como microfones, tela sensível ao toque, câmera, cronômetro, lanterna, detector de luminosidade, calculadora, GPS, agenda pessoal e outros.

Esta nova funcionalidade dos aparelhos celulares, ou *smartphones* como são chamados, aproxima ainda mais os jovens das informações e da interatividade com seus pares, fazendo com que a comunicação entre eles ocorra em tempo real.

A relevância que o aparelho de telefone celular ganhou na atualidade produziu uma série de mudanças na vida social, na sociabilidade e no comportamento das pessoas. A cada dia mais pessoas utilizam esses aparelhos. Inicialmente esses equipamentos começaram a ser utilizados por empresários, cientistas e intelectuais. Em um segundo momento, houve uma

explosão na produção e no consumo desses aparelhos que passaram a ser utilizados por todas as classes sociais e por várias faixas etárias. (BARRAL, 2012, p. 95).

Pensando na sociedade atual, por essa ótica, este trabalho busca destacar as contribuições que as tecnologias móveis, em particular o telefone celular - *smartphone* - a partir do aplicativo *WhatsApp* - podem acrescentar às práticas pedagógicas, facilitando o processo comunicacional entre professores e alunos e entre alunos e alunos, fora do ambiente da sala de aula.

A cerca da utilização do *WhatsApp*, este trabalho sustenta-se nas ideias de Santos (2013), quando afirma:

Observando o contato do aluno com vários textos através do aplicativo *WhatsApp*, encontrei um importante suporte para trabalhar a leitura em sala de aula. Funcionando como rede social, já que é utilizado para se comunicar e interagir com o outro, o *WhatsApp* permite trabalhar com a multimodalidade textual uma vez que, através dele, enviamos ou recebemos mensagens de texto, áudio, imagem ou vídeo. (SANTOS, 2013, p. 9).

Atualmente, os estudantes fazem uso constante do *smartphone*, utilizando os recursos disponíveis no mesmo, como o *WhatsApp* - uma ferramenta gratuita e de fácil utilização - para acessar informações diversas, ver vídeos, ouvir músicas, trocar mensagens, agendar eventos ou fazer parte de um grupo de 'bate-papo'.

Telefones celulares e smartphones fornecem maior autonomia de uso e conectividade mais barata, por isso, defende-se que tais dispositivos têm o potencial de diminuir a exclusão digital. (*TIC KIDS ONLINE BRASIL*, 2014, p. 93).

Segundo dados divulgados pelo próprio *WhatsApp* e na palavra de seu cofundador, Jan Koum, desde o começo de 2015, o aplicativo alcançou a marca de 900 milhões de usuários ativos em todo o mundo.

A página oficial do *WhatsApp Messenger* o classifica como "Um aplicativo de mensagens multiplataforma". Sua principal função é a troca de mensagens de texto, imagens e vídeos entre seus usuários. Na página do *WhatsApp*, no Brasil, pode-se encontrar uma definição mais aprofundada que diz:

Esse tipo de aplicativo permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS4 (Short Message Service). O recurso é disponível para iPhone, BlackBerry, Android, Windows Phone e Nokia e esses telefones podem trocar mensagens entre si. Como o WhatsApp Messenger usa o mesmo plano de dados de Internet que se utiliza para e-mails e navegação, não há custo para enviar mensagens. Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio. (Página Oficial do WHATSAPP BRASIL).

O principal benefício do *WhatsApp* é o custo, uma vez que a troca de mensagens é gratuita. Basta, apenas, estar conectado à Internet para conseguir enviar e receber mensagens instantaneamente. Dessa forma, o usuário pode realizar trocas de informações utilizando a conexão do local que está, a escola ou qualquer outro local. Refletindo sobre a estreita relação dos estudantes com esse aplicativo, busca-se discutir sobre a viabilidade de inserção dessa ferramenta na prática docente. Sob este aspecto, Prensky (2005) aponta:

Os jovens da sociedade contemporânea estão conectados ao mundo e aos colegas de uma forma totalmente diferente das gerações anteriores e, como estudantes, suas necessidades não são as mesmas de épocas passadas. (PRENSKY, 2005, p. 4).

Se pensarmos a educação como transformadora, devemos compreendê-la como algo a mais do um simples ensinar a ler e escrever. Como disse Paulo Freire (1996, p. 53), precisamos pensar a educação como algo que “[...] desperte no educando a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade”, algo que o tire da passividade e o torne sujeito ativo no seu processo de construção de saberes.

A escola, sempre depositária de mudanças que ocorrem fora de suas fronteiras, pelo menos deve tomar consciência da defasagem entre o que ensina e o que se pratica fora de suas fronteiras. [...] Não é possível continuar privilegiando a leitura em voz alta de textos desconhecidos (mera moralização com escassa compreensão) na era da leitura veloz e da necessidade de aprender a escolher a “informação” pertinente dentro do fluxo de mensagens impressas que chegam de forma desordenada, caótica e invasora. (FERREIRO, 2001, p. 161).

Nesse cenário, caberá ao professor apropriar-se de estratégias de ensino diferenciadas para trabalhar com a diversidade dos alunos e buscar instrumentos que possam ressignificar a aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Se olharmos à nossa volta, podemos perceber que as tecnologias da informação e da comunicação podem provocar, nos educandos, essa ressignificação, em especial o *WhatsApp*, por este facilitar o contato rápido entre os usuários e possibilitar a troca de informação e a interação a qualquer momento.

O aparelho celular é um suporte que está programado para receber diferentes mídias (vídeos, fotografias, gravações de áudio) como também permite o acesso a outros meios de comunicação (rádio, televisão, Internet etc.). Assim, um celular pode produzir suas próprias mídias – filmar, fotografar, gravar sons – como também distribuí-las em diferentes meios de comunicação e assim provocar interatividade. (BARRAL, 2012, p. 98).

Hoje, as pessoas podem se comunicar virtualmente, de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora. Basta girar os olhos à nossa volta para encontrar alguém conectado a um *smartphone* e, na escola, esse quadro não é diferente. Os jovens estão ligados a seus aparelhos celulares o tempo todo; ocorre, praticamente, uma fusão aluno – celular.

Assim, o que precisa ser feito é aliar essa ferramenta ao processo educacional, conforme apresentado por McLuhan (2007, p. 305): “O telefone é um ‘entrão’ irresistível em qualquer tempo e lugar”.

A aprendizagem móvel, proposta com a inserção do *WhatsApp*, é um meio de transformar o ensino, utilizando esse aplicativo dentro e fora da sala de aula, aproveitando esses recursos para diversificar o ensino, melhorar o aprendizado, estimular a interação e a troca entre professores e estudantes, inovando o processo comunicacional no ambiente escolar.

Aprendizagem móvel é aquela que envolve o uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação. (UNESCO, 2004, p. 8).

Se analisarmos os dados da última pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil – *TIC KIDS ONLINE Brasil 2014*, veremos que o uso do telefone celular, ou *smartphones* alcança níveis muito elevados, independentemente da classe social em que este jovem está inserido.

A porcentagem de acesso à Internet, pelo celular, chega a 94% nas classes A e B, 89% na classe C e 82% na classe D.

Esses dados são úteis para indicar-nos a dimensão que a aprendizagem móvel pode alcançar, se explorada pela comunidade acadêmica.

Gráfico 1 -- Proporção de crianças e adolescentes, por tipos de equipamentos utilizados para acessar a Internet, por faixa etária - 2014 – telefone celular e *tablets* - percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos.

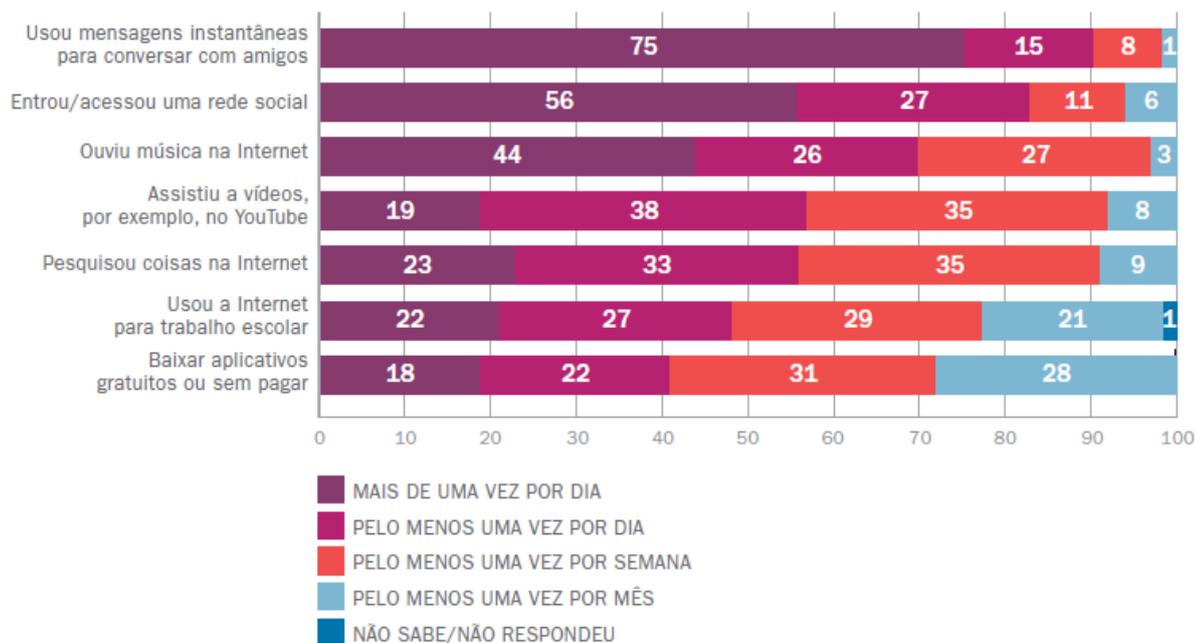


Fonte: *TIC KIDS ONLINE BRASIL*, 2014, p. 145.

Se considerarmos as opções disponíveis no *WhatsApp* e o fascínio que ele causa nos jovens, pode-se pensar na utilização do mesmo como uma ferramenta educacional para atrair os estudantes na árdua tarefa de ler e escrever. Basta, para tanto, planejar aulas onde seja permitido, aos estudantes, utilizar este aplicativo. Os estudantes estarão lendo, interpretando as informações, trocando opiniões e escrevendo o tempo todo. Assim, bastará enviar as mensagens para os perfis dos colegas ou para o grupo da sala - organizado pelo professor - e estará criado o grupo de “bate-papo”.

Ainda, analisando dados da pesquisa realizada pela *TIC KIDS ONLINE Brasil 2014*, outra importante constatação, levantou o número elevado (75%) de crianças e adolescentes de 11 a 17 anos que declarou utilizar todos, ou quase todos os dias, mensagens instantâneas como o *WhatsApp* para se comunicar.

Gráfico 2 -- Proporção de crianças/adolescentes por frequência de uso da Internet para cada atividade realizada no último mês - percentual sobre o total de usuários de Internet de 11 a 17 anos.



Fonte: TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2014, p. 151.

Espera-se que, com um direcionamento adequado, a utilização do *WhatsApp* venha agregar contribuições fundamentais para o desenvolvimento de saberes. Caberá ao professor, ditar as regras desse jogo e organizar combinados que delimitem o comportamento e a disciplina dos estudantes nas etapas de trabalho e nos grupos de “bate papo”.

O uso dos *smartphones*, em especial o aplicativo *WhatsApp*, pode ser um parceiro da educação e da construção de conhecimento. O equilíbrio na utilização desse aplicativo na sala de aula, o respeito às regras de utilização, previamente acordadas entre professores e alunos, e o planejamento pedagógico das atividades, devem nortear as tomadas de decisão do professor para garantir que ocorra uma melhoria nas formas de aprender e ensinar, visando melhorias no processo de ensino e aprendizagens desses jovens.

3.2 Formas de expressão nas mídias sociais

O crescente avanço tecnológico e dos meios de comunicação ocorrido nas últimas décadas, ofereceu, às pessoas, estratégias para relacionarem-se de uma forma inovadora. Atualmente, as relações passaram a adquirir caráter virtual à medida que as pessoas começam a adotar formas de comunicação e compartilhamento de informações mediadas por computadores, formando as chamadas redes sociais virtuais na Internet.

Redes sociais na Internet possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas. (RECUERO, 2009, p. 25).

Nesse panorama, as redes sociais existentes na Internet, aglutinam diversas relações que podem estar relacionadas a círculos de amizade, esfera profissional, ambiente escolar, tendências religiosas, opções políticas ou outras, que formam e estruturam a teia da vida em sociedade.

Segundo Marteleto (2001, p. 72), as redes sociais representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”.

Um dos exemplos mais clássicos e populares de rede social *online* é o *Facebook* - um ambiente virtual, de caráter social, que proporciona interação e compartilhamento de informações entre seus participantes.

A missão do Facebook é dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado. Milhões de pessoas usam o Facebook para compartilhar um número ilimitado de fotos, links, vídeos e conhecer mais as pessoas com quem você se relaciona. (Página Oficial do *Facebook* Brasil, 2016)

O surgimento do *Facebook*, em 2004, causou uma grande mudança nas formas de comunicação social, uma vez que essa rede social *online*, oportuniza as ferramentas necessárias a seus usuários, para que esses atores possam não apenas ser receptor de mensagens, mas, também, o emissor das mesmas, deixando para trás o receptor passivo de informações, para se tornar um produtor de mensagens.

Entender como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas. (RECUERO, 2009, p. 27).

Pesquisa realizada pela *TIC KIDS* Brasil (2014, p. 152) confirma a importância das redes sociais virtuais como práticas de comunicação social entre os jovens. Dois dos dados de maior destaque na pesquisa apontam que 79% dos jovens entrevistados afirmam ser usuários frequentes de, pelo menos, uma rede social e 95% dos jovens de quinze a dezessete anos afirmam possuir perfil ativo em, pelo menos, uma rede social.

Outro dado importante a ter destaque, refere-se aos jovens na faixa etária de nove a dez anos. Como o *Facebook* restringe a treze anos a idade mínima para se ter um perfil em sua página, o número de usuários na faixa etária inferior a esta idade - embora seja menor, ainda assim, apresenta um número expressivo - segundo dados da pesquisa 43% dos jovens na faixa etária de nove a dez anos afirmam possuir perfil no *Facebook*.

Embora existam outras redes sociais como o *Instagram*, o *Twitter* e o *MySpace*, os jovens afirmam ser o *Facebook* a rede social mais utilizada por eles; 69% dos jovens entrevistados, afirmam ser o *Facebook* a plataforma mais utilizada, 24% afirmam utilizar o *Instagram*, 15% utilizam o *Twitter* e outras redes sociais tiveram uma menção de 9% dos jovens entrevistados,

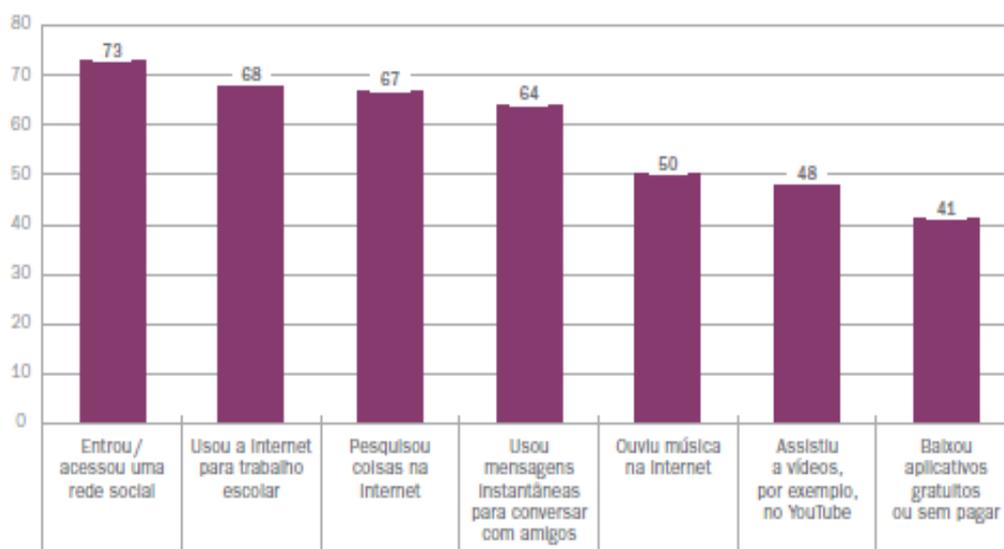
Cada uma das redes sociais citadas agrega algum tipo de característica que credencia sua utilização para fins educacionais, principalmente quando alinhadas a estratégias de ensino que priorizem um estudo baseado na construção de conhecimento e no aprendizado Baseado em Problemas – *Problem Basead Learning* – PBL – onde os jovens têm a possibilidade de saírem da passividade e assumirem a responsabilidade pelo seu aprendizado, em conjunto com o grupo formado pela rede social.

Quando um jovem ou outro usuário cria seu perfil na rede social ele pode adicionar à esse perfil qualquer tipo de informação que desejar, quer seja um vídeo, um arquivo de fotos, músicas, etc., compartilhando essas informações na rede social. Essas informações, então, são visualizadas, instantaneamente, por muitas outras pessoas.

O perfil cognitivo do jovem usuário da Internet e ativo nas redes sociais é diferente do perfil daquele jovem de décadas passadas, que estava restrito à sala de aula e aos livros didáticos. Segundo Santaella (2004), existem diferenças entre o leitor contemplativo – de livros -, o leitor movente – de jornais e revistas -, e o leitor imersivo – da Internet -, que é o jovem atual, aquele que possui perfil na Internet, que se conecta com as pessoas em lugares diferentes e que compartilha informações.

Analisando o Gráfico 3 -- Proporção de crianças e adolescentes por atividades realizadas na Internet. Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos, percebe-se que 73% dos jovens acessam algum tipo de rede social, o que só vem confirmar o quão alto é o grau de abrangência que as redes sociais possuem na vida destes jovens.

Gráfico 3 – Proporção de crianças e adolescentes por atividades realizadas na Internet. Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos.



Fonte: *TIC KIDS ONLINE BRASIL*, 2014, p. 149.

As redes sociais, certamente, não surgiram com objetivo acadêmico, mas não se pode negar que os recursos presentes em seus ambientes possibilitam que a educação se aproprie dos mesmos para auxiliar os jovens na construção de aprendizagens.

As iniciativas que começaram com as mediações sociais que envolvem grupos de amigos, familiares e instituições logo foram expandidas e ganharam a adesão de todo tipo de empresas, pois nas redes havia um ambiente onde era possível encontrar pessoas, ouvir e ser ouvido, mostrar-se e ser visto. Portanto, a cada dia cresce o número de perfis nas mais variadas redes sociais na Internet, das mais abertas e comuns, com as temáticas do cotidiano, fotografias, vídeos, até as mais sofisticadas, envolvendo profissionais, cientistas e pesquisadores. (GONÇALVES e SILVA, 2014, p. 86).

O grande fluxo de informações que trafega pelo ciberespaço, aliado ao compartilhamento de experiências e a possibilidade de acesso rápido e de qualquer lugar, tende a favorecer o entendimento do conteúdo proporcionando uma melhor construção de conhecimentos, o que pode gerar para os jovens uma aprendizagem mais rica e significativa.

Pensar na incorporação das tecnologias móveis digitais na educação, em particular os aparelhos celulares, é voltar o olhar para o futuro onde a aprendizagem móvel possa acontecer e que esta aprendizagem possa aproximar mais os jovens de construções significativas de conhecimento.

Essa não é uma tarefa fácil, porém é uma tarefa a ser discutida pelos professores. Estes precisam habituar-se a navegar pelo universo virtual que seus alunos já estão inseridos, aproximando-se dos mesmos e inovando o processo de ensino e aprendizagem.

4 Percurso metodológico

Gil (2010) menciona que, para as pesquisas exploratórias, são utilizados vários tipos de coleta de dados, dentre eles, pesquisa de levantamento que, segundo o autor, caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas para colher informações de um grupo significativo acerca do problema estudado, para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter-se os resultados.

A presente pesquisa, quanto à amostra e nos moldes de Silva (2005), trata de uma amostragem por conveniência, pois é um tipo não casual e aplicado nos estudos exploratórios ou qualitativos.

Para tanto, optou-se por fazer um trabalho de campo envolvendo a coleta de dados, utilizando um questionário estruturado. Foi formado um grupo de estudos no *WhatsApp* para validação dos argumentos levantados e, finalmente, foi realizada uma entrevista de grupo com as participantes da pesquisa.

Inicialmente, montou-se, no *WhatsApp*, um grupo com 37 alunas do terceiro semestre do curso de Pedagogia de uma instituição particular de ensino superior da cidade de São Paulo.

O trabalho com o grupo foi desenvolvido ao longo de oito semanas e essas semanas foram organizadas em dois blocos.

O primeiro bloco foi destinado à introdução de novos temas e ocorreu em quatro semanas alternadas, nas datas 14/03/2016, 28/03/2016, 11/04/2016 e 25/04/2016, onde as alunas, necessariamente, tinham a obrigatoriedade de acessar o material.

O segundo bloco foi destinado a momentos de reflexão e discussão sobre o tema abordado na semana anterior. Estas postagens aconteceram nas seguintes datas: 21/03/2016, 04/04/2016, 18/04/2016 e 02/05/2016.

Em cada uma dessas semanas, as alunas foram estimuladas a participar do programa e das discussões. Todos os conteúdos abordados com as alunas, nas oito semanas de duração da pesquisa, foram anotados em um “diário de bordo”, que pode ler visto na íntegra, no Apêndice 4 desta pesquisa.

Na primeira semana, chamada de semana “Tema”, um conteúdo acompanhado de um texto, relacionado ao processo de adaptação de crianças na Educação Infantil, foi lançado ao grupo, no próprio *WhatsApp*, e as alunas tinham a responsabilidade de acessar o material disponibilizado, ler o texto e

assistir ao vídeo, para iniciar a rede de conversação, onde a pesquisadora foi parte do grupo, como mediadora, interagindo com os membros nas conversas, na oferta de novos questionamentos, mediando as conversas e administrando conflitos.

Enquanto na pesquisa clássica a fase exploratória costuma caracterizar-se pela imersão na literatura disponível acerca do problema, na pesquisa-ação essa fase privilegia o contato direto com o campo em que está sendo desenvolvida. (GIL, 2010, p. 152).

A segunda semana, chamada de “Experimental”, foi uma etapa em que as alunas, não necessariamente, tinham a responsabilidade de acessar o material. Essa foi uma semana considerada opcional e uma proposta de reflexão, diretamente relacionada ao tema. Foi lançada ao grupo para que as alunas pudessem discutir, refletir e encontrar soluções para o problema proposto pela pesquisadora.

Todo o material disponibilizado às alunas, assim como os *links* de acesso a vídeo e reportagens, estão devidamente apontados no Apêndice 4 e podem ser também visualizados e analisados.

4.1 Análise dos dados do grupo do *WhatsApp*

Ao longo de toda a pesquisa, percebe-se grande interesse do grupo, pois houve vários questionamentos dirigidos à mediadora sobre novos materiais e, por vezes, até sugerindo algum material para discussão. Porém, a participação nas discussões ficou restrita a um grupo menor de alunas, girando em torno de dez a quinze alunas, uma vez que nem todas sentiram-se motivadas em participar das discussões.

A partir da pesquisa, detectou-se que algumas alunas apenas se apropriaram do material e das discussões, abstendo-se de comentários, porém aproveitando-se do material para crescimento pessoal, como demonstrado no Apêndice 1 (Monitoramento das conversas do grupo de *WhatsApp*), que demonstra todas as conversas obtidas pelo grupo.

Com o grupo estabelecido e as discussões em curso, notou-se que as alunas estavam interessadas e participavam das discussões, mesmo que, ao

longo das oito semanas, algumas alunas tivessem desistido de participar; duas porque seus celulares foram roubados e, assim, ficaram sem acesso e, uma, por alegar não ter tido tempo para participar. Houve casos de alunas que não estavam participando da pesquisa, mas pediram para entrar no grupo, pois ouviram comentários das participantes e gostariam de poder fazer parte do trabalho. Para essas alunas, o acesso foi negado, uma vez que, pelos moldes estabelecidos para esta pesquisa, o grupo foi formado no início do trabalho e não se estabeleceu regra alguma para entradas tardias.

Percebeu-se, ao longo de todo o trabalho com o grupo de *WhatsApp*, que mesmo que algumas tivessem desistido e que outras tivessem, apenas, se apropriando do conteúdo e das discussões, sem dar contribuição ao grupo, o trabalho utilizando o *WhatsApp*, para fins acadêmicos, é viável, favorece ao crescimento do grupo e é capaz de promover construção coletiva de saberes, inovando o processo comunicacional entre professores e alunos, contribuindo para uma aprendizagem problematizadora.

4. 2 Análise do questionário aplicados

Antes de iniciado o processo de pesquisa, realizou-se reunião explicando todo o procedimento que a pesquisa iria dispender. Assim, nesta mesma reunião, foi fornecido às participantes um pedido de consentimento formal para publicação dos dados (apresentado no Apêndice 2). Um questionário (apresentado no Apêndice 3), foi aplicado ao grupo de alunas, para que fosse possível perceber a intenção das mesmas em utilizar a recurso do *WhatsApp* em sua vida profissional. O questionário em questão foi aplicado no momento imediato ao término da última semana de trabalho.

Após a aplicação deste questionário, as respostas foram digitadas para serem compiladas no aplicativo *google drive* que gerou dados, planilhas e os gráficos que foram analisados e suas respostas comparadas, como aponta a análise descrita nesta pesquisa.

O questionário trata de um estudo estruturado, com questões fechadas, baseado no questionário aprovado e utilizado no trabalho: *User acceptance of information technology: Toward a unified view. Viswanath Venkatesh (2003)*, com as categorias de investigação (Apêndice 3).

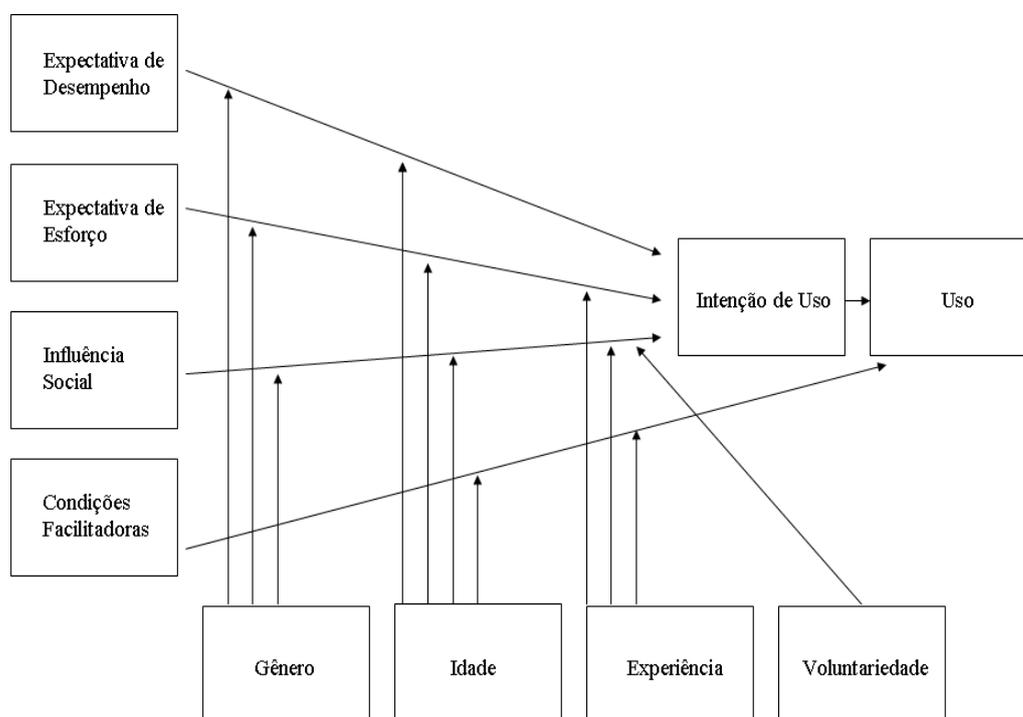
O UTAUT é um modelo de questionário unificado que integra elementos de diversos outros modelos. Ele vem sendo utilizado para detectar a intenção de uso de diversas tecnologias em contextos variados. Nesta pesquisa, este modelo foi utilizado para detectar a intenção de uso efetivo do recurso *WhatsApp* pelas alunas do curso de Pedagogia de uma instituição particular de ensino superior, da cidade de São Paulo.

Analisando o modelo, pode-se perceber que quatro desses indicadores são determinantes e influenciam diretamente a aceitação deste recurso e o comportamento de uso dos entrevistados. São eles: Expectativa de Desempenho, encontrados nas questões 1 a 5; Expectativa de Esforço, destacados nas questões 21 a 28; Influência Social, localizados nas questões 13 14 e 15 e Condições Facilitadoras, encontrados nas questões 6 a 12 e 16 a 20. Estes indicadores serão denominados, nesta pesquisa, como Indicadores Primários, pois serão os mais relevantes para a análise pretendida.

A Expectativa de Desempenho é um indicador para a auto percepção do quanto a tecnologia poderá melhorar o desempenho em atividades, nesse caso, no processo de aprendizagem. A Expectativa de Esforço relaciona-se com a auto percepção em relação ao grau de dificuldade esperado para o uso da tecnologia. A Influência Social destaca a auto percepção em relação à opinião de outros, que lhe são importantes, quanto à adoção da tecnologia. As Condições Facilitadoras refletem o entendimento do usuário em relação à disponibilidade das condições necessárias para o uso da tecnologia. Esses indicadores principais são condicionados por outros quatro indicadores, ou fatores secundários. São eles: Gênero do usuário, que foi levantado logo no início dos questionários, antes mesmo de iniciar a primeira questão; Idade das entrevistadas; Experiência com a utilização do recurso, que foi levantada logo nas 3 primeiras questões e Voluntariedade em utilizar a tecnologia encontrada nas questões 29, 30 e 31 do questionário

A Figura 1 – Modelo conceitual do UTAUT, apresenta um quadro que demonstra a inter-relação entre os indicadores acima mencionados.

Figura 1 – Modelo conceitual do UTAUT



Fonte: SILVA. (2009, p. 16).

Esse modelo geral indica que o uso de uma tecnologia é determinado pela Intenção de Uso da pessoa. Por sua vez, a intenção de uso depende da influência dos indicadores primários, sendo condicionados pelos indicadores secundários.

Nesse trabalho, segundo Tacco (2011), adotou-se uma variação do modelo geral, conforme mostra a Figura 2 – Modelo empregado na pesquisa, abaixo.

Observa-se a retirada dos indicadores secundários, uma vez que todos os participantes da pesquisa são estudantes, mulheres de uma série escolar, sem experiência prévia no uso do *WhatsApp* como instrumento educacional e voluntárias na pesquisa.

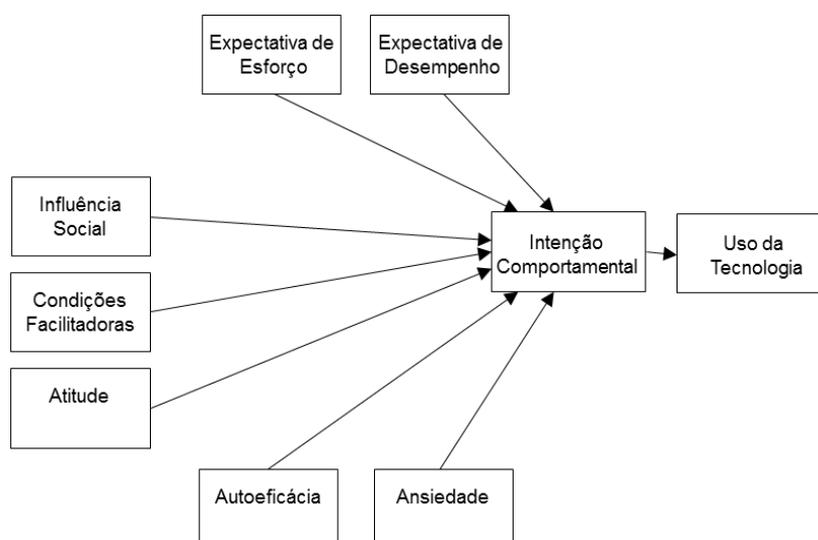
Além disso, considerou-se importante a análise das percepções de auto eficácia das pesquisadas, suas percepções de atitude frente à tecnologia e suas ansiedades em enfrentar o “novo” como fator formal de aprendizagem e suas consequências em termos avaliativos na disciplina.

Esse modelo originou as questões em escala de Likert, para análise estatística baseada em Equações Estruturais com emprego do *software SmatPLS*, conforme descrito por Tacco (2011).

Inicialmente, serão apresentados os resultados descritivos dos dados e, na sequência, a discussão dos resultados do *software* mencionado.

A pesquisa foi realizada com alunos do terceiro semestre do curso de Pedagogia, de uma universidade privada da cidade de São Paulo, nos meses de março, abril e maio do ano de dois mil e dezesseis.

Figura 2 – Modelo empregado na pesquisa.

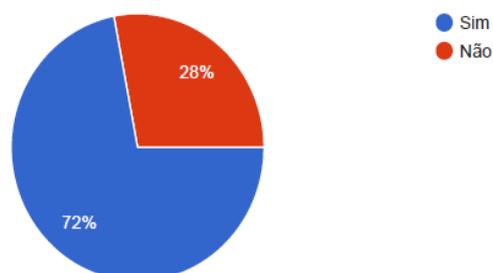


Fonte: Tacco (2011).

4.3 Análise descritiva dos dados

O gênero das entrevistadas foi de 100% do feminino e, a faixa etária, está contida no intervalo entre 19 e 63 anos de idade.

Gráfico 4 – Curso na área de informática



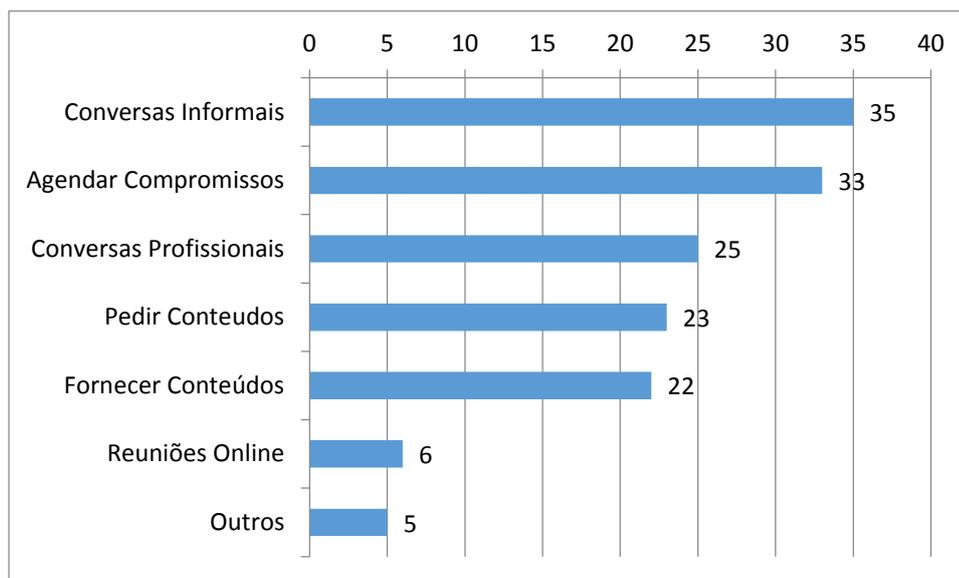
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Quando questionadas se possuem curso na área de informática, pode-se analisar que 72% das entrevistadas possuem curso na área e 28% alegaram nunca ter feito cursos de informática.

Gráfico 5 – Conhecimento sobre o *WhatsApp*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Com relação ao conhecimento da ferramenta *WhatsApp*, 98,7% das entrevistadas alegaram conhecer a mesma e, 1,3%, disseram desconhecer essa ferramenta.

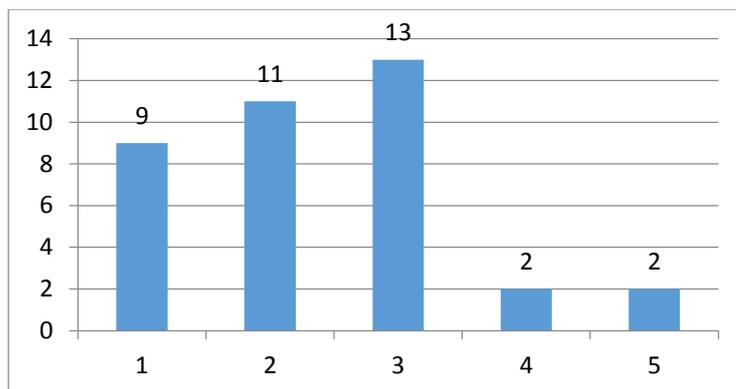
Gráfico 6 – Formas de utilização do *WhatsApp*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

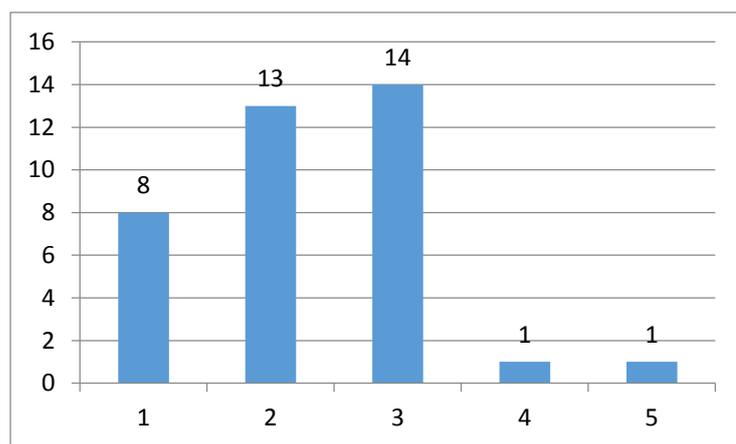
Na análise das formas de utilização do *WhatsApp*, percebe-se que o item Conversas Informais é o que apresenta o maior índice entre as entrevistadas, seguido por Agendar Compromissos, que foi a resposta de 22,1% das entrevistadas. O item Solicitar Conteúdos Acadêmicos também apresenta um número bastante significativo, sendo mencionado por 14,8%. Fazer Reuniões foi o item com o menor número de indicações, sendo citado por 4% das entrevistadas.

Analisando os dados, do Gráfico 7 – Pretensão de uso do *WhatsApp*, com olhares voltados para o uso acadêmico, que é o objeto de estudo desta pesquisa, pode-se notar que três itens que estão diretamente relacionados à esta pesquisa aparecem como intenção de uso e com índices bem elevados. São eles: Conversas Informais, Solicitar Conteúdos Acadêmicos e Fornecer Conteúdos Acadêmicos.

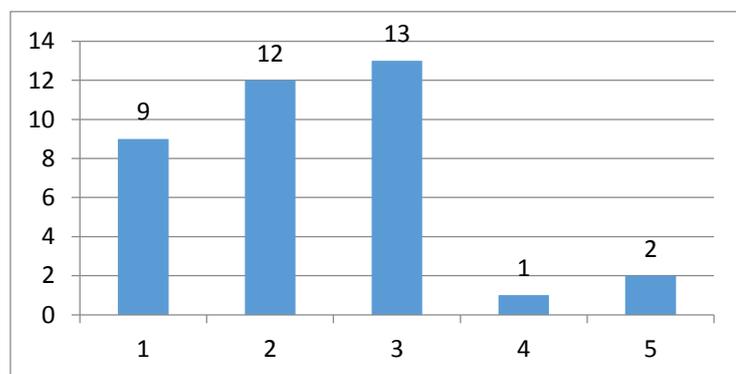
Todos esses itens são indicadores que, se o professor souber apropriar-se dos mesmos, direcionando-os corretamente, poderão ser úteis na troca de informações e compartilhamento de conteúdo que poderão contribuir para uma mudança no sistema comunicacional de professores e alunos, auxiliando o processo de construção de saberes que está diretamente relacionado ao processo ensino e aprendizagem.

Gráfico 7 – Pretensão de uso profissional do *WhatsApp*

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Gráfico 8 – Previsão de utilização profissional do *WhatsApp* em 6 meses.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Gráfico 9 – Planejamento de utilização profissional do *WhatsApp* em 6 meses

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

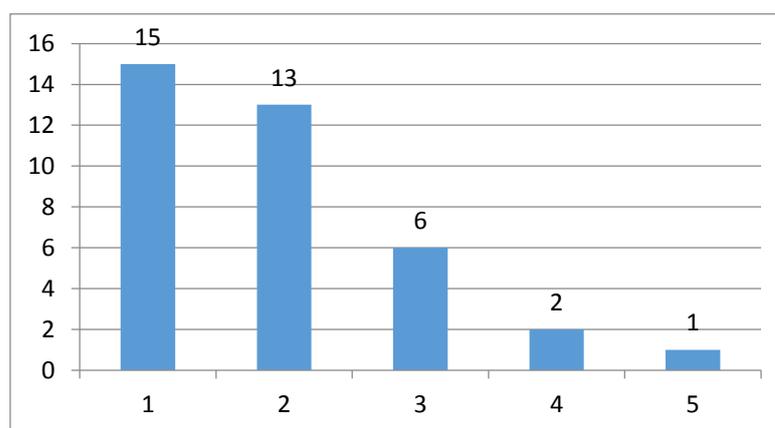
Com relação à pretensão e planejamento do uso do *WhatsApp* em sua vida profissional, pode-se perceber uma leve variação nas respostas das entrevistadas. Porém, também é possível perceber que existe, sim, uma expectativa voluntária, favorável, para a utilização da ferramenta profissionalmente, como pode-se perceber nos gráficos acima, que analisaram as três respostas onde o tema foi abordado.

Partindo destas análises, é possível perceber que as estudantes do terceiro semestre, do curso de Pedagogia, que responderam ao questionário, são exclusivamente do gênero feminino, na faixa etária entre 19 e 63, que, em sua maioria, fizeram cursos na área de informática, conhecem o *WhatsApp*, já fazem uso dessa ferramenta em sua rotina das mais variadas formas e se dispõem a fazer uso da ferramenta em suas vidas profissionais, nos próximos seis meses.

De posse destes resultados, foram analisados os indicadores primários, indicadores esses que, juntos, formarão a parte mais relevante desta pesquisa.

O indicador Expectativa de Desempenho nos apresenta a medida em que as entrevistadas supõem que a utilização do recurso pode auxiliá-las a conseguir melhorias em seu desempenho na vida profissional. Os gráficos abaixo apresentam os resultados que são diretamente relacionados à expectativa de desempenho.

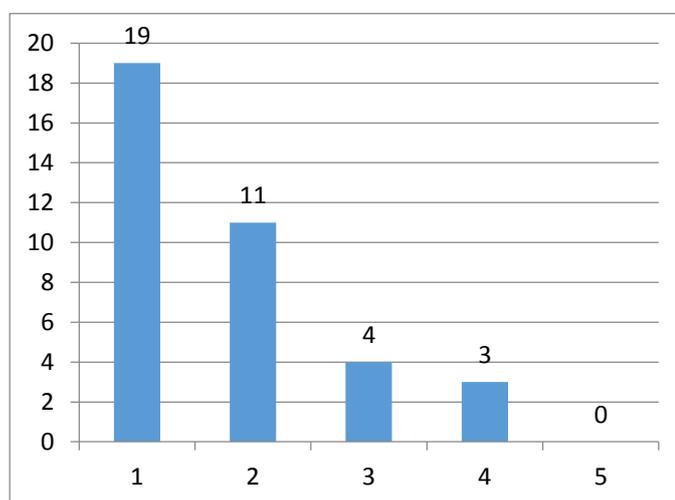
Gráfico 10 – Utilização do *WhatsApp* no trabalho



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

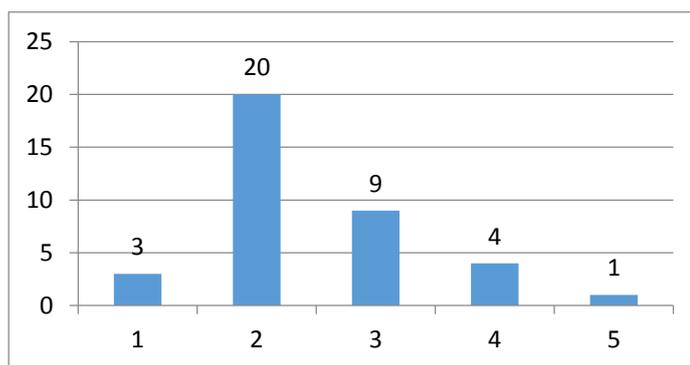
Analisando o Gráfico 10 – Utilização do *WhatsApp* no trabalho, nota-se que 40,5% das respostas apontam que concordaram plenamente que a utilização do *WhatsApp* seria útil em seu trabalho. 35,1% demonstraram concordar parcialmente com a utilidade desta ferramenta, enquanto que 8,1% das entrevistadas disseram discordar que o *WhatsApp* pode ser útil em seu trabalho. Percebe-se que a maioria, 75,6%, apontou o *WhatsApp* como uma ferramenta que pode auxiliar no ambiente profissional.

Gráfico 11 – Rapidez na realização de tarefas com a utilização do *WhatsApp*.



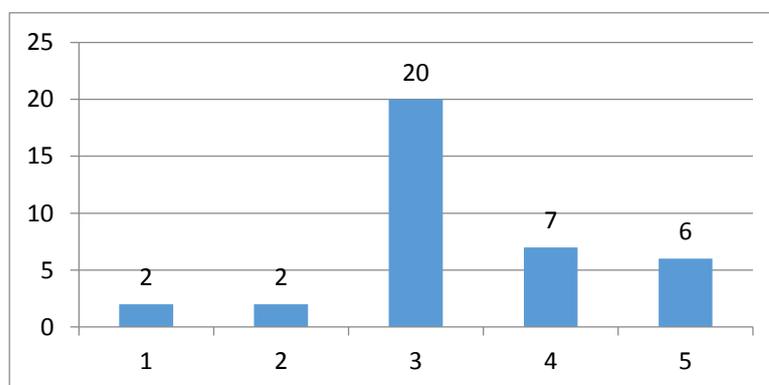
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

No tocante à realização de tarefas com mais rapidez, 51,4% das entrevistadas afirmaram concordar plenamente que o *WhatsApp* lhes permite realizar tarefas mais rapidamente. 29,7% afirmaram concordar parcialmente com essa afirmação e, apenas, 8,1% das entrevistadas afirmaram discordar parcialmente que o *WhatsApp* pode melhorar a rapidez na realização de tarefas. Percebe-se, mais uma vez, que a maioria das entrevistadas, 81,1%, apontou mais esse benefício que o uso do *WhatsApp* pode agregar ao ambiente profissional.

Gráfico 12 – Aumento da produtividade com a utilização do *WhatsApp*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Quando questionadas sobre o aumento de produtividade com a utilização do *WhatsApp*, os números sofrem alterações. 8,1% das entrevistadas afirmaram concordar, plenamente, que a utilização do *WhatsApp* pode aumentar a produtividade no ambiente profissional. 54,1% afirmaram concordar parcialmente com esse aumento, enquanto que 2,7% alegaram discordar plenamente e 10,8% alegaram discordar parcialmente que a ferramenta aumenta a produtividade. Embora os números sejam menores, ainda assim, para 62,2% das entrevistadas, mais uma vez, o *WhatsApp* aparece como uma ferramenta auxiliar na produtividade, contra 13,5% que discordaram com essa afirmação. O *WhatsApp* aparece, mais vez, como agregador de valor no ambiente profissional.

Gráfico 13 – Aumento salarial com a utilização do *WhatsApp*

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Com relação a reforçar as chances de aumento salarial, com a utilização do *WhatsApp*, os números sofrem uma sensível alteração. 5,4% das entrevistadas disseram concordar plenamente que o conhecimento para a utilização *WhatsApp* pode aumentar as chances de aumento salarial e 5,4% afirmaram que concordam parcialmente com esta afirmação, ou seja, apenas 10,8% da população entrevistada concordaram que o conhecimento da utilização do *WhatsApp* possa contribuir para um aumento salarial. Para 16,2% das entrevistadas essa colocação foi plenamente rejeitada e para 18,9%, a afirmação foi parcialmente rejeitada. Temos, aqui, um total de 35,1% de entrevistadas que discordaram que o conhecimento da aplicação do *WhatsApp* possa aumentar as chances de aumento salarial. Nesse quesito, o que se pode perceber é que a maioria, 44%, das entrevistadas é indiferente à afirmação, ou seja, elas não souberam opinar se o conhecimento da aplicação *WhatsApp* pode, ou não, contribuir para um aumento salarial.

O indicador Expectativa de Esforço é definido como a percepção do nível de facilidade de uso da ferramenta em sua rotina. Para classificar esse indicador, o questionário aborda oito questões que exploram esse quesito com as entrevistadas. Para esse indicador, elaborou-se uma análise das questões vinte e um a vinte e oito e os resultados dessa análise, estão expostos abaixo.

Questão 21 - Se não existir ninguém ao meu lado para me dizer o que fazer:

Analisando esta resposta, nota-se que 70,7% das entrevistadas afirmaram que concordam plena e parcialmente que, com seu esforço pessoal, conseguem trabalhar com o *WhatsApp*, sem auxílio. 13,3% alegaram necessitar de algo mais do que seu esforço pessoal e 16% não opinaram sobre esta questão.

Questão 22 - Se eu puder chamar alguém para ajudar, no caso de ficar sem saber o que fazer:

Esta análise aponta que 80% concordaram plena e parcialmente que se pudessem contar a ajuda externa, ficaria mais fácil saber o que fazer. 4% disseram discordar da necessidade de ajuda e 16%, também, não opinaram sobre esta questão.

Questão 23 - Se eu tiver muito tempo para terminar o trabalho para o qual o *WhatsApp* é necessário:

A percepção desta análise, aponta que 61,4% responderam concordar plena e parcialmente que, se tivessem muito tempo, terminariam o trabalho sozinhas. 10,6% discordaram plena e parcialmente que conseguiriam terminar o trabalho, mesmo com muito tempo e 28% não opinaram sobre esta questão.

Questão 24 - Se eu tiver apenas a ajuda *online* disponível para o *WhatsApp*:

Análise: 69,4% alegaram concordar plena e parcialmente que se tivessem apenas ajuda *online*, conseguiriam completar uma tarefa com o *WhatsApp*. 10,7% afirmaram que discordam plena e parcialmente que conseguiriam completar uma tarefa apenas com ajuda *online* e 20% não opinaram sobre essa questão.

Questão 25 - Eu me sinto apreensivo(a) sobre o uso do *WhatsApp*:

A análise desta questão aponta que 18,7% das entrevistadas afirmaram concordar plena e parcialmente que ficam apreensivas sobre o uso do *WhatsApp* para completar uma tarefa. 60% acreditaram discordar plena e parcialmente que se sentem apreensivas em usar o *WhatsApp* para completar uma tarefa e 21,3% não opinaram sobre a questão.

Questão 26 - Assusta-me pensar que eu poderia perder muitas informações por 'clicar' em uma tecla errada ao usar o *WhatsApp*:

Na análise destas respostas é possível detectar que 48% das entrevistadas alegaram concordar plena e parcialmente que as assusta clicar em uma tecla errada ao usar o *WhatsApp*. 33,3% afirmaram discordar plena e parcialmente que as assusta clicar em uma tecla errada ao usar o *WhatsApp* e 18,7% não responderam à questão.

Questão 27 - Eu hesito usar o *WhatsApp* pelo receio de cometer erros que eu não possa corrigir:

Esta análise aponta que 60% das entrevistadas alegaram discordar plena e parcialmente que se sentem receosas em cometer erros que não possam corrigir ao usar o *WhatsApp*. 24% das respostas apontam que as entrevistadas concordaram plena e parcialmente que se sentem receosas em cometer erros que não possam corrigir e, novamente, 16% das entrevistadas não responderam à questão.

Questão 28 - O *WhatsApp* é algo que me intimida:

Análise: 76% das entrevistadas alegaram discordar plena e parcialmente

que o *WhatsApp* as intimida, enquanto, apenas 12% das respostas apontam que as entrevistadas concordaram plena e parcialmente que o *WhatsApp* as intimida e outras 12% das entrevistadas não responderam à questão.

De posse de todas estas análises, é possível perceber que existe grande intimidade das entrevistadas com relação ao uso do *WhatsApp*. Segundo as respostas, essa é uma ferramenta que não as intimida, que apenas com os recursos disponíveis *online* é possível para elas resolverem tarefas, que as mesmas sabem operar com o tempo para realização de tarefas com o *WhatsApp* e que não possuem receio em utilizar, ou mesmo clicar em algo que não possam corrigir depois.

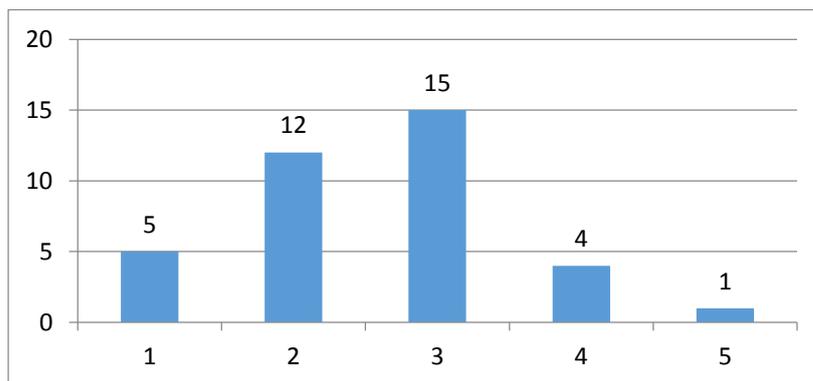
Nota-se, porém, que em todas as questões houve um número sensível de entrevistadas que responderam ser indiferentes aos quesitos levantados. Nesse tocante, a pesquisadora entende que se deve pensar em um trabalho diferenciado, buscando perceber as razões que levaram essas entrevistadas a não opinar sobre as questões.

É possível perceber, com as análises, que o esforço empregado pelas entrevistadas para trabalhar com o *WhatsApp*, deve ser considerado e acarreta benefícios para esta pesquisa, uma vez que as mesmas, além de saberem trabalhar com a ferramenta, possuem intimidade com a mesma e não necessitam de um tempo muito longo para resolver tarefas no *WhatsApp*.

O indicador de influência social, está diretamente associado à convivência social e à influência que esta convivência exerce sobre a postura das pessoas. Esse fator é determinante para influenciar a percepção do uso da ferramenta *WhatsApp* pelas entrevistadas. Para medir o quanto a influência social determina esse indicador, o questionário aborda três questões que têm seus resultados analisados pelos gráficos comentados.

O Gráfico 14 – Pessoas que influenciam positivamente meu comportamento, pensam que eu deveria usar o *WhatsApp*, revela o quanto as pessoas que influenciam o comportamento das entrevistadas, pensam que estas deveriam usar o *WhatsApp*.

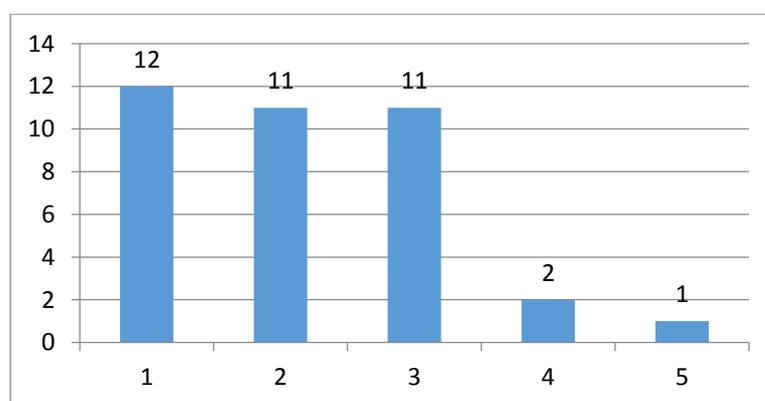
Gráfico 14 – Pessoas que influenciam positivamente meu comportamento, pensam que eu deveria usar o *WhatsApp*.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

O Gráfico 14 – Pessoas que influenciam positivamente meu comportamento, pensam que eu deveria usar o *WhatsApp*, aponta que 48,9% das entrevistadas concordaram plena e parcialmente que as pessoas que as influenciam positivamente, acreditam que elas devam usar o *WhatsApp*. Para 13,5% das entrevistadas, as pessoas que as influenciam não interferem na decisão de usar o *WhatsApp* e 40,5% das entrevistadas alegaram ser indiferentes a essas pessoas com relação à sua opção por usar ou não o *WhatsApp*. Percebe-se, aqui, que o número de entrevistadas que não são influenciadas por outras pessoas, embora seja elevado, ainda assim, é menor do que o número de entrevistadas que são influenciadas a usarem o *WhatsApp*. Assim, é possível comprovar, por essa resposta, que outras pessoas podem, sim, influenciar o uso do *WhatsApp*.

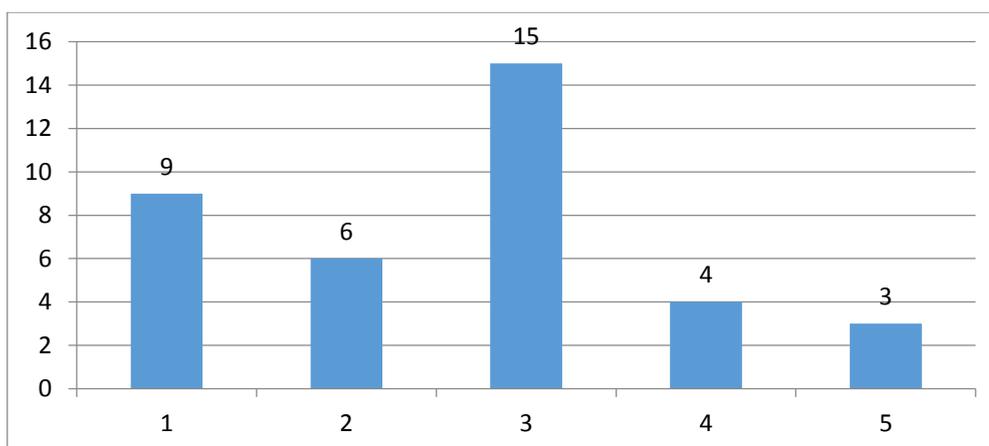
Gráfico 15 – Pessoas que não são importantes para mim, pensam que eu deveria usar o *WhatsApp*



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

O Gráfico 15 – Pessoas que não são importantes para mim, pensam que eu deveria usar o *WhatsApp*, aponta as respostas que as entrevistadas deram sobre pessoas que não são importantes para elas, mas que pensam que as mesmas deveriam usar o *WhatsApp*. Para esta resposta, os números apontam que 62,1% das entrevistadas afirmaram concordar plena e parcialmente que pessoas que não são importantes para elas, pensam que as mesmas deveriam usar o *WhatsApp*. 8,1% das entrevistadas alegaram discordar plena e parcialmente que pessoas que não são importantes para elas, pensam que deveriam usar o *WhatsApp* e, para 29,7% das entrevistadas, o que as pessoas que não são importantes pensam sobre o uso do *WhatsApp* é irrelevante. Esta resposta levanta uma questão interessante: se as entrevistadas não se importavam com estas pessoas como, assim mesmo, a maioria alegou concordar plena e parcialmente que pessoas que não são importantes pensam que elas deveriam usar o *WhatsApp*? Percebe-se que a influência de pessoas, mesmo as que não são importantes, ainda corrobora para a tomada de decisão de algumas pessoas.

Analisando o Gráfico 16 – A diretoria da escola tem sido auxiliada pelo *WhatsApp*, abaixo, percebe-se que 40,5% das entrevistadas afirmaram concordar plena e parcialmente que a direção da escola tem sido auxiliada pelo *WhatsApp* de alguma forma. Para 18,9% das respostas, as entrevistadas afirmaram discordar plena e parcialmente que a direção da escola é auxiliada pelo *WhatsApp* e, para a maioria, ou seja, para 40,5% das entrevistadas a direção da escola é indiferente com relação ao uso do *WhatsApp*. Esta questão também levanta um novo questionamento: será que as escolas estão fazendo uso do *WhatsApp* ou esta é uma ferramenta que ainda não faz parte deste universo?

Gráfico 16 – A diretoria da escola tem sido auxiliada pelo *WhatsApp*

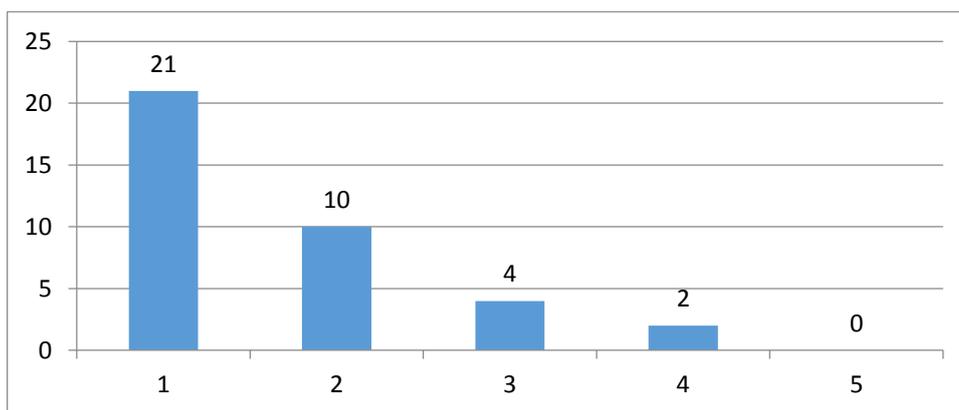
Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Partindo das análises destes três gráficos, percebe-se que a influência social afeta a tomada de decisão das entrevistadas sobre o uso ou não do *WhatsApp*. Mesmo quando, em alguns casos, essa influência seja um pouco menor, mesmo assim, colabora para a tomada de decisão.

Esta análise torna-se importante para esta pesquisa por validar a hipótese de que se o professor propuser um trabalho, utilizando o *WhatsApp* para seu grupo de alunos, certamente esta proposta será aceita pelo grupo e o professor poderá facilitar o processo comunicacional, estabelecendo, assim, uma forma inovadora de aproximação dos alunos com o conteúdo.

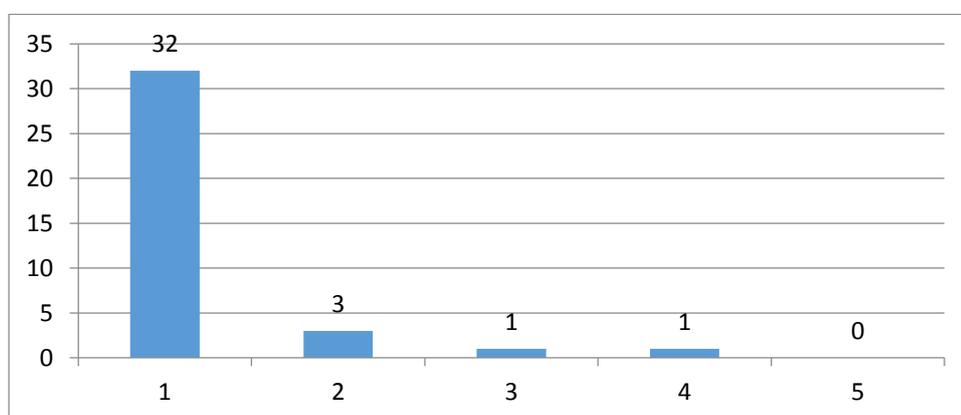
Com esta ação, estará o professor favorecendo as trocas e compartilhamento de informações, nutrindo uma aprendizagem problematizadora que irá despertar, de forma incentivadora, o processo de construção de saberes coletivos e individuais do grupo de alunos.

O indicador de Condições Facilitadoras é definido como o nível em que as entrevistadas demonstraram ter as condições necessárias para utilizar a ferramenta de forma satisfatória. É possível, também, medir o nível de condições que as instituições oferecem para essa utilização. Para classificar este indicador, o questionário aborda doze questões explorando a aplicabilidade dessas condições na ferramenta *WhatsApp*. A análise deste indicador organizou-se a partir da interpretação dos dados dessas questões que são descritas e demonstradas abaixo, pelos gráficos comentados.

Gráfico 17 – Seria fácil tornar-me habilidoso no uso do *WhatsApp*

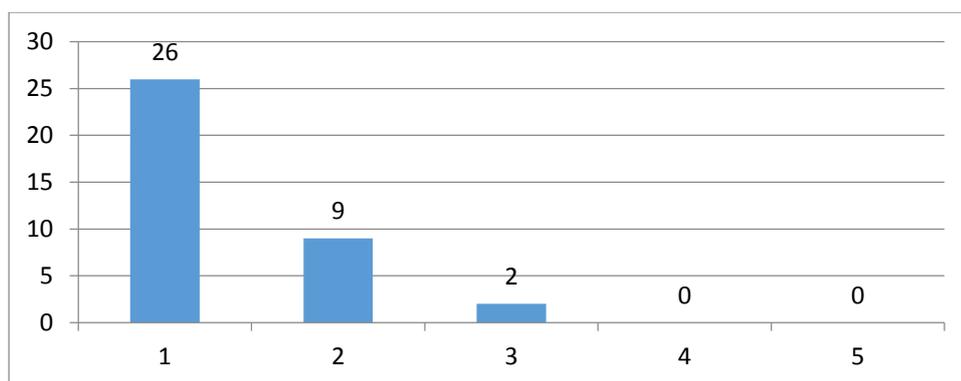
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Ao analisar as respostas a esta questão, percebe-se que 83,8% das entrevistadas afirmaram concordar plena e parcialmente que seria fácil para elas tornarem-se habilidosas no uso do *WhatsApp*. 5,4% alegaram discordar plena e parcialmente com essa afirmação e 10,8% alegaram ser indiferentes a esta questão.

Gráfico 18 – Para mim, o *WhatsApp* é fácil de usar

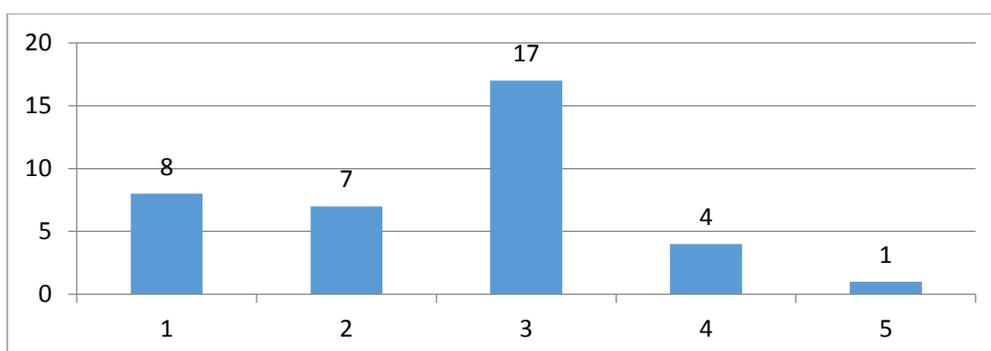
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Quando questionadas sobre acharem o *WhatsApp* uma ferramenta fácil de se usar, obteve-se um resultado muito expressivo. 94,6% das entrevistadas alegaram concordar plena e parcialmente que sim, o *WhatsApp* é uma ferramenta de fácil utilização. 2,7% das respostas apontaram que as entrevistadas discordaram plena ou parcialmente com esta afirmação e 2,7% das entrevistadas mostraram-se indiferentes a essa pergunta.

Gráfico 19– Usar o *WhatsApp* é uma boa ideia

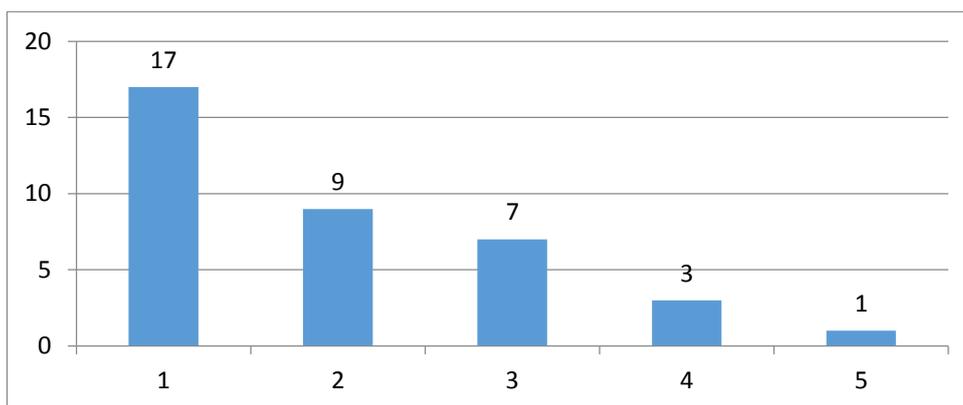
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

A análise sobre a ideia de usar o *WhatsApp* ser boa, aponta para um resultado também muito expressivo. Para esta pergunta, 94,6% das entrevistadas alegaram concordar plena e parcialmente que a ideia de usar o *WhatsApp* é boa alternativa. 5,4% das entrevistadas, não opinaram sobre essa questão. Nota-se que nenhuma das participantes alegou discordar sobre o uso do *WhatsApp* ser uma boa ideia. Esta questão aponta que, para a maioria das entrevistadas, a ideia de usar o *WhatsApp* em atividades diárias é apreciada.

Gráfico 20 -- O *WhatsApp* torna meu trabalho mais interessante?

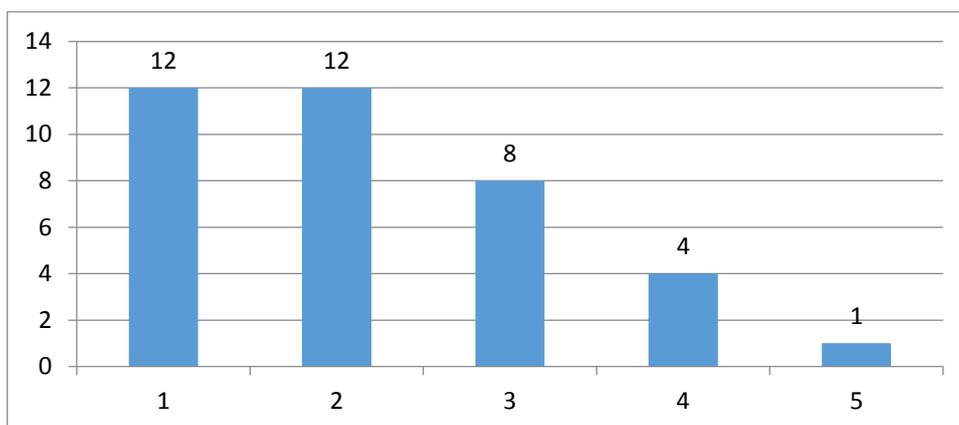
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Com relação a tornar o trabalho mais interessante, as entrevistadas alegaram concordar plena e parcialmente em apenas 13,5% das respostas. Já, 40,5% das respostas, apontaram que as entrevistadas discordaram plena e parcialmente com essa afirmação e 45,9% delas foram indiferentes a essa questão.

Gráfico 21 – Trabalhar usando o *WhatsApp* é divertido.

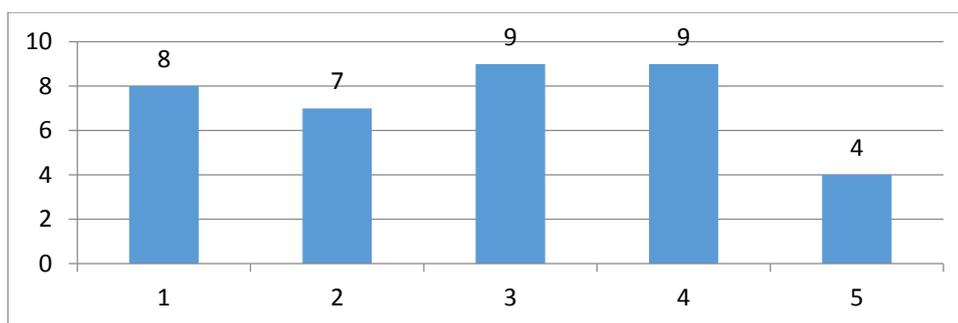
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Quando questionadas sobre trabalhar usando o *WhatsApp* ser divertido, 70,3% das respostas apontam que as entrevistadas concordaram plena e parcialmente que trabalhar usando o *WhatsApp* pode, sim, ser divertido. 10,8% afirmaram discordar plena e parcialmente desta afirmação e para 18,9% das entrevistadas esta questão foi indiferente.

Gráfico 22 – Eu gosto de trabalhar usando o *WhatsApp*

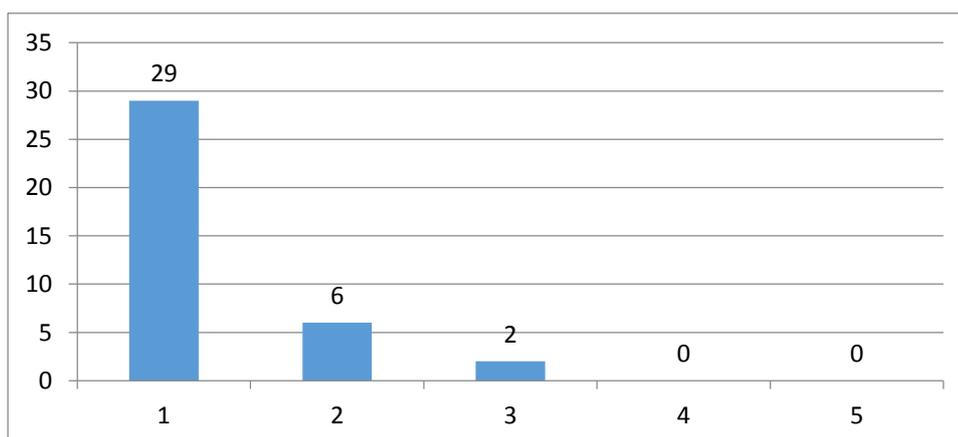
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

As respostas para a pergunta se as entrevistadas gostam de trabalhar usando o *WhatsApp* apontam que 64,9% delas afirmaram concordar plena e parcialmente que gostam de trabalhar usando o *WhatsApp*. 13,5% das respostas indicaram que as entrevistadas discordaram plena e parcialmente gostar de trabalhar usando o *WhatsApp* e que 21,6% delas opinaram ser indiferentes com relação ao uso do celular no trabalho.

Gráfico 23 – Em geral, a escola tem apoiado o uso do *WhatsApp*?

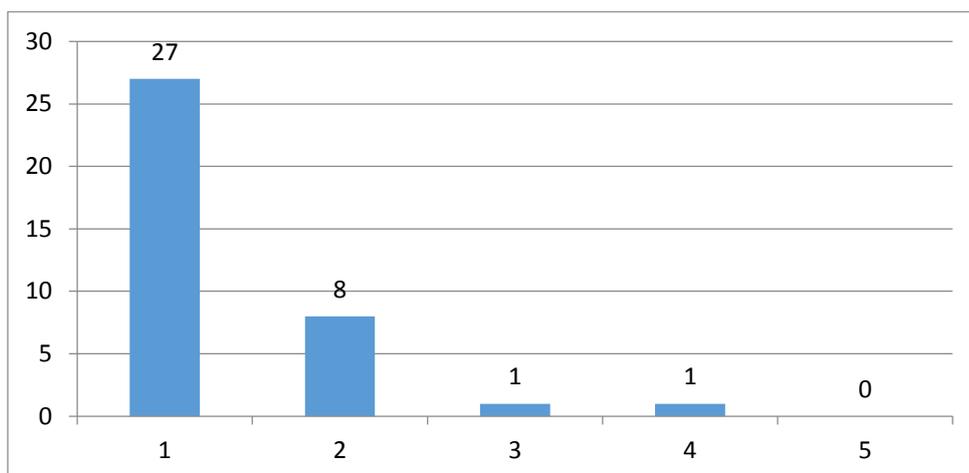
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

A análise da pergunta sobre a escola, se esta tem apoiado o uso do *WhatsApp*, aponta que em 40,5% das respostas as entrevistadas afirmaram concordar plena e parcialmente que as escolas as apoiam a usar o *WhatsApp* no trabalho. Em 35,5% das respostas, as entrevistadas afirmaram discordar plena e parcialmente que a escola as apoia a usar o *WhatsApp* no trabalho e, para 24,3% das entrevistadas, a resposta a esta pergunta lhes foi indiferente. Percebe-se nestas respostas que o maior índice encontrado aponta a escola como um elemento dificultador do uso do *WhatsApp* para fins profissionais.

Gráfico 24 – Eu tenho o que é necessário para usar o *WhatsApp*.

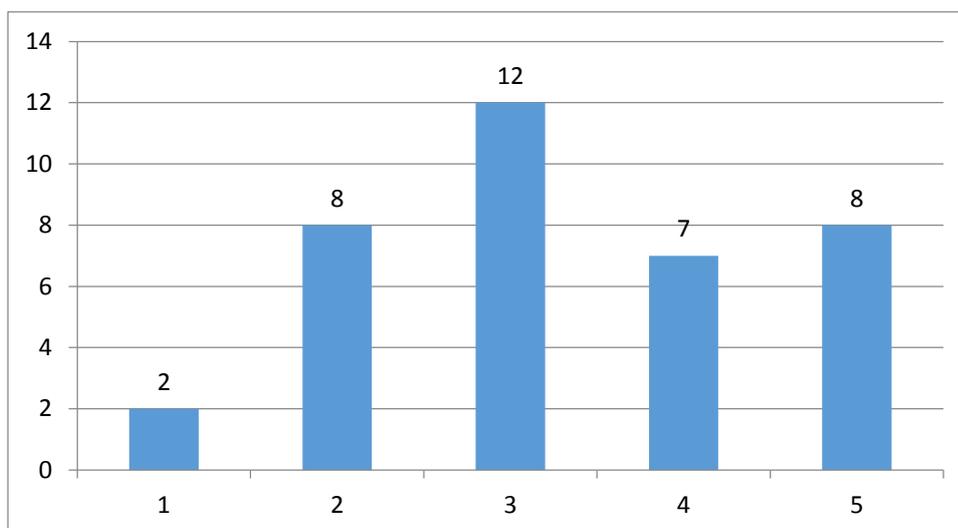
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Analisar a questão: ter o que é necessário para usar o *WhatsApp*, apontou que 94,6% das entrevistadas afirmaram concordar plena e parcialmente ter todos os recursos necessários para utilização do *WhatsApp* e 5,4% das entrevistadas disseram ser indiferentes a essa questão.

Gráfico 25 – Eu tenho conhecimento necessário para usar o *WhatsApp*

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Do total, 2,7% indicaram não possuir o conhecimento necessário para o uso do *WhatsApp*, enquanto 94,5% das estudantes disseram ter o conhecimento necessário. Ressalte-se que 2,7% não responderam a essa questão porque não entenderam a questão (difícil), ou porque não quiseram indicar o desconhecimento (mais provável). Contrasta-se com o Gráfico 5 -- Conhecimento sobre o *WhatsApp*, onde 98,7% disseram conhecer a ferramenta; talvez não conheçam o suficiente para encarar uma tarefa de aprendizagem formal.

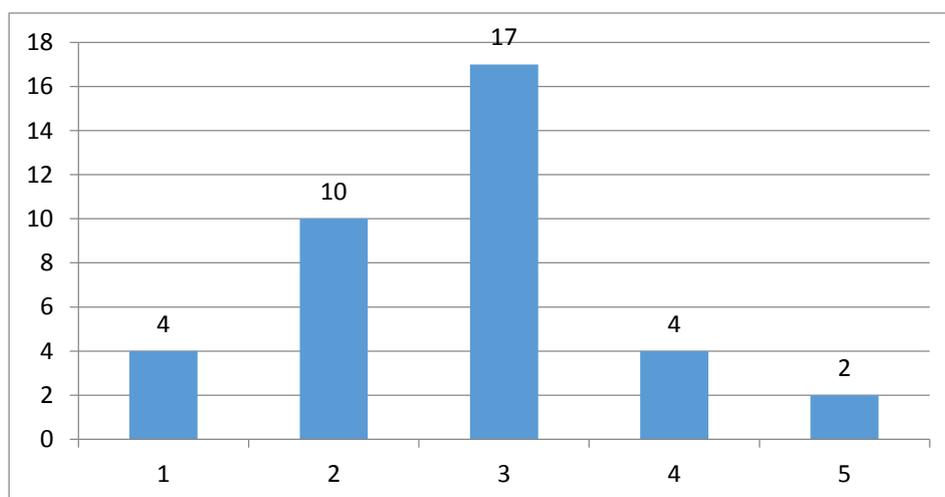
Gráfico 26 – O *WhatsApp* é compatível com os sistemas que uso.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

A análise: compatibilidade do *WhatsApp* com os sistemas operacionais utilizados pelas entrevistadas aponta que 27% das respostas indicam que as entrevistadas concordaram plena e parcialmente com a compatibilidade dos sistemas de uso que possuem com o *WhatsApp*. 40,5% das respostas apontam que as entrevistas discordaram plena e parcialmente possuir os sistemas compatíveis com os usados pelo *WhatsApp* e 32,4% das entrevistadas alegaram ser indiferentes a essa resposta. Ao visualizar esses números, resultados da pesquisa, pode-se perceber que a compatibilidade de sistemas se apresenta como um fator importante com relação ao uso do *WhatsApp*, uma vez que para 42,6% os sistemas que fazem uso não são compatíveis com o *WhatsApp*.

Esse pode ser um determinante importante para viabilizar o uso do *WhatsApp* como ferramenta acadêmica.

Gráfico 27 – Existe suporte técnico disponível para assistência a dificuldades no uso do *WhatsApp*.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Com relação ao suporte técnico disponível para auxílio às dificuldades de uso do *WhatsApp*, 37,8% das entrevistadas alegaram concordar plena e parcialmente que existe um suporte para suprir essas necessidades. 16,2% das entrevistadas afirmaram discordar plena e parcialmente dessa existência e 45,9% das entrevistadas, alegaram ser indiferentes à existência de suporte técnico que as auxilie nas dificuldades em usar o *WhatsApp*.

Após fazer esta última análise, um questionamento surge para a entrevistadora: será que estas pessoas que se dizem indiferentes com relação à existência de assistência técnica disponível para auxiliar o uso de *WhatsApp*, realmente já recorreram a esse recurso, ou nem sequer sabem como fazê-lo? Este, também, pode ser um outro fator dificultador do uso do *WhatsApp* como recurso acadêmico. Após analisar todas as perguntas que formam o indicador de Condições Facilitadoras, chega-se à conclusão que alguns itens podem auxiliar na tomada de decisões sobre o uso do *WhatsApp* como recurso acadêmico. Esses itens estão diretamente relacionados à facilidade de manuseio e ao interesse das entrevistadas em utilizar essa ferramenta em seu cotidiano, quer seja profissional, ou pessoal.

Quando se questiona sobre suporte técnico, compatibilidade e apoio da escola para a utilização, nota-se que as entrevistadas encontram nestes pontos os fatores que podem levar à não utilização do *WhatsApp* como ferramenta acadêmica, ou por desconhecerem esses recursos, que podem auxiliá-las, ou por terem que convencer a escola onde atuam sobre as facilidades e benefícios que a utilização do *WhatsApp* pode trazer para os educandos.

Nota-se que muitos são os desafios a serem enfrentados para que o *WhatsApp* possa fazer parte da realidade das escolas, auxiliando a construção de conhecimento, proporcionando mudanças no processo comunicacional de alunos e professores e contribuindo, dessa forma, para uma aprendizagem problematizadora.

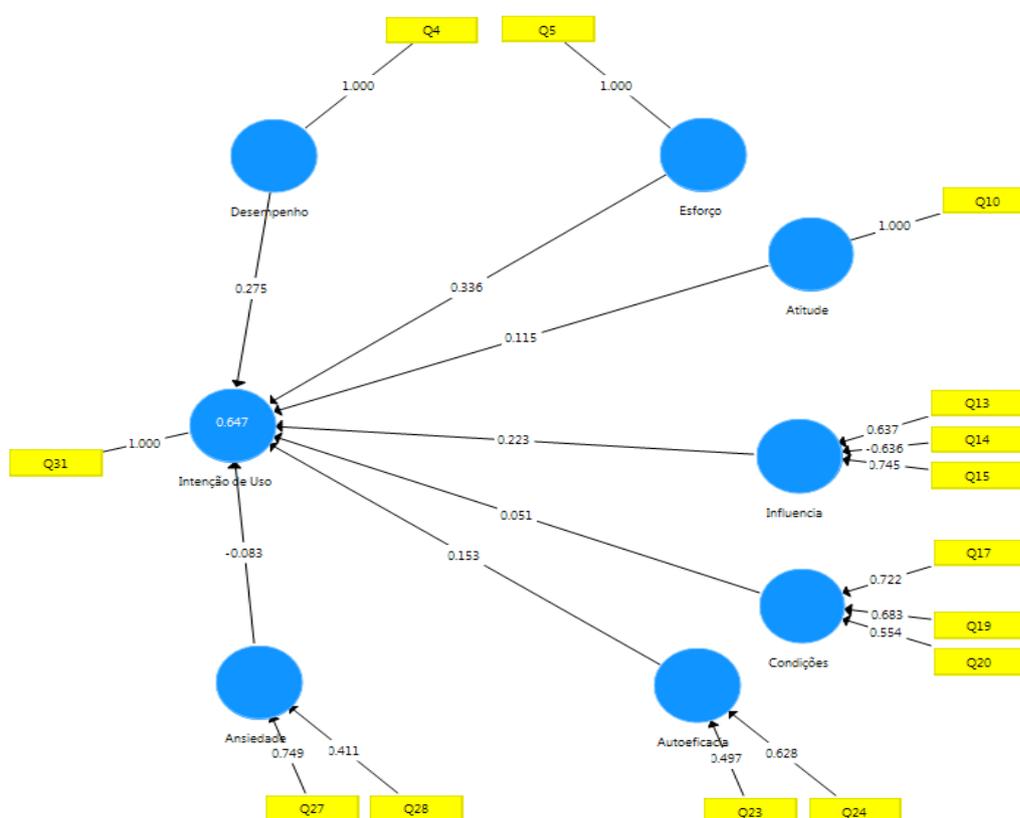
4.3.1 Análise estatística dos dados

A análise inferencial de dados foi realizada mediante a técnica de modelagem de equações estruturais, por meio da ferramenta *Partial Least Squares* (PLS), regressão por mínimos quadrados parciais. Segundo Prearo (2013), essa é uma técnica atual e que se adequa muito bem nos casos com multiplicidade de variáveis concomitantes. Essa foi a mesma técnica empregada por Venkatesh et al. (2003) em seu estudo inicial do UTAUT. Realizou-se a avaliação da significância por meio da técnica de *Bootstrap* com a realização de testes com 1.000 subamostras com reposição, na versão 2.0 do programa *SmartPLS*.

A Figura 3 – Resultado da análise dos dados com a técnica PLS, mostra o resultado obtido, onde se observam os ‘círculos’ azuis indicativos das variáveis sob análise e os ‘retângulos’ amarelos denotam as questões preponderantes.

A técnica recomenda a retirada das questões com fator menor que 0,5 sobre as variáveis de análise, de forma que o diagrama se ajuste iterativamente na medida em que os pesos são recalculados pelo programa.

Figura 3 – Resultado da análise dos dados com a técnica PLS.



Fonte: Prearo, 2013.

Conforme explicitado por Prearo (2013), a Intenção de Uso é a ‘variável latente’ que sofre influência (ou depende) das demais cujas setas lhe relacionam. Ainda, o valor do peso, ou o fator de determinação do PLS, em cada seta indica quanto o modelo explica sobre aquela variável. Os valores de corte para o peso são 0,67; 0,33; e 0,19; que correspondem a uma explicação substancial, moderada e fraca, respectivamente.

A questão 31 (planejo usar a tecnologia) explica a Intenção de Uso diretamente, conforme a figura. Nenhum outro fator explica substancialmente a Intenção de Uso dessa tecnologia. Moderadamente, a Expectativa de Desempenho explica a Intenção de Uso, provavelmente pelos benefícios que a tecnologia poderá trazer para a ação pedagógica e Fracamente a Intenção de Uso está relacionada com a Influência Social que é percebida pelas estudantes.

Ressalte-se que esses resultados representam as percepções e atitudes frente ao uso educacional do *WhatsApp* para esse grupo estudado.

4.4 Transcrição e análise da entrevista

Segundo Flick (2004), a entrevista de grupo reúne um pequeno grupo de pessoas (seis a oito) sobre um tópico específico por um período de 30 minutos a 2 horas. Dentre os aspectos positivos, a entrevista de grupo estimula os respondentes a lembrarem-se de acontecimentos e contribuir com respostas que ultrapassam os limites das respostas de um único entrevistado.

Assim, a contribuição dessa pesquisa coletiva é superior que a soma ou média das opiniões de cada entrevistado. “O grupo transforma-se em uma ferramenta que reconstrói opiniões individuais de forma mais adequada” (Flick, 2004, p. 126).

Ainda, segundo o entendimento de Flick (2004), para que ocorra essa sinergia, é necessário que os membros do grupo partam de uma história de interações compartilhadas em relação ao assunto em discussão.

O papel esperado do moderador da entrevista é o de estimular e dar oportunidades a todos de se manifestar a partir de um planejamento que se inicia com a explicação sobre o procedimento, a apresentação de todos os integrantes de grupo, discussão a partir de um roteiro que contenha as variáveis que compõem o tópico específico a ser discutido, além de abertura para que cada participante faça as intervenções que julgar pertinente.

Portanto, não se trata da modalidade de entrevista *focus group*, ou grupo focal, em que várias sessões são sugeridas para obtenção dos resultados e, sim, entrevista de grupo, única, uma vez que haverá, apenas, uma reunião com as participantes, a fim de discutir sobre a proposta desta pesquisa “Interações Inovadoras: uso do Aplicativo *WhatsApp* no curso de Formação de Professores”,

Essa discussão leva em conta as experiências que as convidadas passaram e os resultados apurados com a análise dos questionários, que foram apresentados no subcapítulo 4.3.

As convidadas foram incentivadas a se manifestarem sobre o assunto, a partir das experiências que tiveram com o grupo de conversas do *WhatsApp*, expondo suas considerações. Sendo assim, a entrevista de grupo foi um aprofundamento qualitativo, crítico e avaliativo do conteúdo obtido na análise dos questionários.

Seguindo esses padrões, foi agendado um encontro presencial com o grupo de alunas. Apesar de todas as participantes terem sido convidadas a participarem desse encontro, apenas dez alunas compareceram, que foi organizado nas dependências da própria instituição de ensino que o grupo de alunas pertence. O encontro foi no dia 20/06/2016.

Nesse encontro, as participantes foram encorajadas, por meio de uma entrevista, a relatarem sua visão pessoal, expondo suas considerações, sobre as experiências de interação com as demais participantes do grupo, via *WhatsApp*.

Todos os depoimentos foram gravados, a fim de garantir a legitimidade dos mesmos, como pode-se ver na transcrição da entrevista.

Mediadora -- Primeiro, boa noite. Obrigada a todas por terem participado, aceitado o convite, primeiro para participarem do grupo de trabalho no *WhatsApp*, depois de aceitarem o convite de vir aqui para a gente fazer o fechamento. O que consiste esse encontro: eu vou só colher o depoimento de vocês para saber como foi a percepção de vocês com relação à receptividade do trabalho que nós desenvolvemos ao longo desse semestre. Então, assim, respondam livremente, exponham suas ideias. Nada do que vocês forem dizer vai caracterizar o nome de vocês. Foi, por isso, que cada uma de vocês recebeu um número, está bom? Bom. Então, vamos lá!

Mediadora -- Primeiro, eu faço as perguntas uma a uma e, vocês, vão respondendo. Depois, a gente vai mudando para a próxima. Eu só queria que cada uma esperasse uma falar para, depois, a outra começar a falar, em função dos números atribuídos a cada uma das participantes, para que depois eu possa transcrever, OK?

Pergunta 1: Você gostou da experiência de trabalhar com o *WhatsApp* de forma acadêmica?

Aluna1 – Sim

Aluna 2 – Sim

Aluna 3 – Sim

Aluna 4 – Sim

Aluna 5 – Sim

Aluna 6 – Sim

Aluna 7 – Sim

Aluna 8 – Sim

Aluna 9 – Sim

Aluna 10 – Sim

Mediadora – Até aqui, está ótimo. Vamos em frente.

Análise das respostas: Como foi possível perceber, todas as participantes responderam ter gostado da experiência de trabalhar com o *WhatsApp* de forma acadêmica.

Pergunta 2: Você acredita que o trabalho desenvolvido utilizando a ferramenta, colaborou para melhorar seu aprendizado sobre o tema discutido?

Aluna 1 – Sim, e deu muitas ideias e abriu a mente para diversos assuntos.

Aluna 2 – Sim, porque é prático, rápido e a gente consegue solucionar as dúvidas na hora.

Aluna 3 – Sim, porque teve bastante conteúdo e foi bom, o aprendizado.

Aluna 4 – Sim, eu aproveitei bastante, embora eu não respondesse a tudo, mas eu sempre olhava o depoimento das outras colegas e isso me enriqueceu.

Aluna 5 – Sim, porque alguns dos temas abordados realmente são bem de acordo com a atualidade e a questão de cada uma ter uma opinião diferente é o que abre a porta para outras opções, não quer dizer que você vai fazer aquilo que o autor fez, mas te dá ideia para outras coisas. E a discussão, por ser quase que em tempo real, mas que não são todas ao mesmo tempo, né, mas quando você já via a resposta de uma e, logo quando pudesse,

já revia a resposta de outras e como ela, a número quatro falou, realmente abre assim a mente para outras coisas.

Aluna 6 – Sim, ajuda bastante, pois é uma forma prática, né? E rápida da gente ter nova, novos conhecimentos e novas práticas.

Aluna 7 – Sim, porque ajuda bastante pelo fato de ser prática né? E não sei.

Aluna 8 – Para mim, teve uma aprendizagem, mesmo porque eu nem conhecia o tema, né? Sobre acolhimento, né? Então, eu passei a conhecer e também ver opiniões, opiniões pró e contra, isso foi muito bom, abriu, mesmo, a mente.

Aluna 9 – Sim, porque é. Tem a questão de você aprender vocabulários, abrir novas ideias. Você ter ideias de coisas que você pode aplicar no seu trabalho inclusive e, então, eu acho que foi enriquecedor, sim. Até pelo fato da gente ver conteúdos diferentes, ver lugares diferentes. Às vezes, o mesmo conteúdo falando da questão do acolhimento, quando a criança chega na escola, mas vê autores diferentes falando do mesmo tema. Isso abre um pouco mais a cabeça da gente.

Mediadora – Clareia as ideias. Legal!

Aluna 9 – É! Clareia, sim.

Aluna 10 – Sim. Foi uma atividade que foi mais acessível, mais prática. Eu pude ver a opinião de todo mundo assim. Foi bom.

Análise das respostas: Quando questionadas sobre a utilização da ferramenta, para melhoria do aprendizado pessoal, sobre o tema abordado, o grupo também foi unânime em dizer que sim, que a ferramenta colaborou para melhorar o aprendizado sobre o tema abordado nas discussões. Surgiram respostas que deixaram claro que, com a utilização da ferramenta, foi possível, não apenas ter mais clareza sobre as questões abordadas, mas, também, que as discussões serviram para que elas pensassem melhor sobre novas estratégias e que puderam aplicar em sua rotina.

Pergunta 3: Você encontrou alguma dificuldade para utilizar o aplicativo? Se encontrou, quais as dificuldades?

Aluna 1 – Não encontrei nenhuma dificuldade.

Aluna 2 – Não. Não encontrei nenhuma dificuldade.

Aluna 3 – Eu, também, não encontrei nenhuma dificuldade.

Aluna 4 – Também, nenhuma dificuldade.

Aluna 5 -- Também, nenhuma dificuldade.

Aluna 6 – Nenhuma dificuldade.

Aluna 7 -- Nenhuma dificuldade.

Aluna 8 – Eu encontrei a dificuldade em ler no celular, né? É, não é em todo lugar que dá para poder ler, né? Então, eu passei a ler em casa no *notebook*, mas, por isso mesmo, mas não dificuldade, assim, em acessar esse tipo de coisa, não.

Mediadora – Você baixou o aplicativo no *notebook* para ler ou usou....

Aluna 8 – Isso! Para ler no *notebook*. Eu achei que, no celular, ficava ruim, de ficar voltando, essas coisas.

Mediadora – Está muito pequena a letra?

Aluna 8 – Isso. Muito pequena a letra.

Aluna 9 -- Nenhuma dificuldade.

Aluna 10 -- Nenhuma dificuldade.

Análise das respostas: Quando as alunas foram questionadas se encontraram alguma dificuldade em utilizar o aplicativo, 90% das entrevistadas alegaram não ter encontrado nenhuma dificuldade em trabalhar com o aplicativo. Apenas 10% das entrevistadas disseram ter encontrado algum tipo de problema, como a letra muito pequena que, além de tornar a leitura pelo celular muito difícil, ainda as impossibilitou de lerem em qualquer lugar. As entrevistadas alegaram ter resolvido o problema, acessando o *WhatsApp* pelo *notebook* em casa.

Pergunta 4: Você acredita que a utilização do celular como recurso educativo é uma boa alternativa para utilizarmos nas escolas? Porque?

Aluna 1 – Acredito que sim, porém tem seus prós e contras, porque querendo, ou não, o celular te traz outras tecnologias também, que vai acabar desviando seu interesse só pelo trabalho.

Mediadora – O aluno pode te enrolar, né? (Risos)

Aluna 1 – Sim. (Risos)

Aluna 2 – Eu acredito que sim, mas como a aluna número um disse, eu acredito que você tem que saber adequar, né? O momento certo, a hora certa de utilizar, senão pode atrapalhar em algumas questões.

Aluna 3 – Esse é um ponto negativo que eu vejo no *WhatsApp* é justamente do uso. Por exemplo, se o aluno vê ele não pode, qual vai ser o momento que ele vai utilizar o *WhatsApp*? Vai ser sempre fora, então ele vai ter que estar estudando sempre, vai ser com assuntos formais ou informais, são para acrescentar ao conteúdo ou aquilo vai ser uma tarefa que ele tem que devolver. É nesse ponto de vista, do que vai ser ensinado no *WhatsApp*?

Aluna 4 – Eu, eu concordo com o uso do *WhatsApp* como ferramenta no ensino para educação. A tecnologia hoje é uma, uma realidade que nós, que já passamos, pegamos um pouco mais essa questão mais adiante. A gente pegou carona com essa geração aí. É... Eu penso que a gente precisa adaptar essa ferramenta àquilo que a gente quer, porque é uma realidade na vida deles e, querendo ou não, a gente não pode negar isso, e transformar isso em uma coisa interessante é que é desafio. Porém, é que pode dar ótimos resultados, por exemplo, criar rede de conversas entre sala. O professor pode, até, participar do grupo, criar outro grupo fora sem o professor, mas se for pensar realmente em adequar isso com criatividade, eu penso que pode, sim, dar muito certo. Agora, a questão de horário, de tempo, de limite, seria uma questão de combinados, mesmo. O aluno que vem já entendendo os combinados, desde da educação infantil, ele pode, ele tem, também, a capacidade de entender, também, essa questão em níveis mais acima, mais elevados das séries.

Aluna 5 – É lógico que todos têm os prós e contras, mas, no âmbito geral, eu acho que tem que ver, primeiramente, a disponibilidade pelo fato que nem todos têm acesso a. Então, como a número três falou, às vezes, assim, não é nem questão se vai ser lição de casa, se vai ser obrigatório, se vai ser na escola ou se vai ser fora, mas outros meios que eu já vi, por exemplo o *facebook*, muitas vezes, não tem acesso a um computador. No caso, por exemplo, então, assim, às vezes, não tem como você querer fazer uma coisa para ajudar, sendo que não pode atingir a todos. Então, muitas vezes, esse tipo de trabalho, ele realmente ajuda. Como eu falei, é uma coisa em tempo real, é uma coisa que dá para trabalhar bem. Ele é prático, e eles são uma geração que tem facilidade com isso, né? Então, quanto mais você puder dar, mais eles absorvem muito rápido. Mas, a questão, assim, de saber delegar o momento de usar, quando usar, porque como usar eles já sabem. Então, é só a questão mesmo, assim, de saber se é acessível mesmo a todos de fato e saber delegar o tempo, quando

você vai usar e porque, porque muitas vezes é você pegar uma turma maior, por exemplo médio que eles entre si, eles já delegam isso. Então, eles trocam informação, eles solicitam o professor, o professor interage com eles. Então, assim, não precisa delegar. Eles mesmos sabem quando fazer isso. Para os menores, às vezes não. Então, tem que ter, às vezes, até mesmo os pais por trás disso para auxiliá-los.

Mediadora – Ou o professor, como mediador.

Aluna 5 – Isso. Ou o professor, como mediador.

Aluna 6 – Não respondeu.

Aluna 7 – Não respondeu.

Aluna 8 – Sim. Sim. Tudo. Eu acho que tudo que está aí é para ser usado, tem que ser usado na área educacional, né? O *e-mail* que era uma coisa tão do outro mundo, hoje em dia, está acessível. Todos acessam, né? Então, eu acho que o *WhatsApp*, também, daqui um tempo, ele vai estar, sim, na sala de aula, sim. Eles vão ter que, até mesmo o Estado vai ter que se adequar a isso, né? E, assim, vai. Eles vão acabar dando um jeito, sim. Isso vai, daqui a um tempo, também, o *WhatsApp* nem será mais usado, assim como o *e-mail*, né? Já está ultrapassado né? Essa é a minha opinião.

Aluna 9 – Eu acho, sim, que é válido. Desde que você use com uma certa moderação, por exemplo, vai trabalhar a questão de estudo, de escola então limita, por exemplo, ahan, dentro da sala de aula, ahan, sei lá, 20 minutos, a gente pode usar, pode pesquisar, pode utilizar o *WhatsApp* para compartilhar informações, para isso, para aquilo, para procurar coisas no *facebook* etc. “Acabou” esses 20 minutos, encerra, vamos voltar para a aula e aí, depois, fora do horário de aula aí continua, aí vê: é importante, não é, vale a pena a gente continuar, aí faz uma discussão, cria grupos no *WhatsApp* para os alunos mesmos compartilhem informações que eles têm. Então, aí, sendo usado com moderação, eu acho que tudo é válido. Como a número oito falou, tudo é válido, tudo o que está aí deve ser usado.

Aluna 10 – Sim. Eu acho que, sabendo agregar, como a aluna quatro falou, sabendo usar com disciplina, só serve para acrescentar.

Moderadora – Pelo que eu entendi, tem que ter regras. Se fizer os combinados, tudo funciona. Bom, vamos lá!

Análise das respostas: Quando questionadas se acreditavam que o uso do celular como ferramenta educativa era uma boa alternativa, tivemos respostas diferentes, com explicações que justificavam seu ponto de vista. Entre as respostas, 60% das entrevistadas alegaram que sim, que o celular como ferramenta educativa pode ser uma boa alternativa. 20% das entrevistadas estavam em dúvida, pois alegaram que essa utilização possui prós e contras, o que, em parte, vai de encontro com as justificativas das alunas que disseram ser uma boa alternativa. Esses dois grupos afirmaram que, para a utilização do celular como recurso educativo é, antes de tudo, necessária a atuação de um mediador, o professor, ou professora, que deverá ser aquele que vai atuar adequando a utilização dessa ferramenta, estabelecendo combinados e organizando situações onde os alunos possam utilizar essa ferramenta, em momentos de sala de aula, estipulando o tempo de uso e em momentos externos, criando salas de bate-papo e trocas de informações. O que se pode perceber nestes dois grupos, que formam 80% da opinião, é que as tecnologias da informação estão presentes e, os alunos, sabem utilizá-las. Desta forma, a utilização destas ferramentas, como recurso educativo, se bem mediado pode, sim, ser eficaz. As outras 20% das entrevistadas, não responderam à pergunta e, também, não deixaram claro se não tinham, ainda, uma opinião formada ou se não concordavam com a utilização da ferramenta. Elas, simplesmente, optaram por não responder à pergunta, o que deixou o grupo sem entender a posição das mesmas.

Pergunta 5: O que vocês acharam do material disponibilizado ao grupo?

Aluna 1 – Achei muito interessante, bem produtivo, até, porque, ele traz diversos assuntos e diversos conteúdos que faz com que a gente coloque na nossa realidade e, também, conheça outros tipos de práticas.

Aluna 2 – É! Eu achei rico assim, em questão de conhecimento. Deu para agregar muita coisa. A gente vendo a opinião de muita gente que nem sempre são iguais à nossa, achei muito interessante.

Aluna 3 – Eu, também, achei bastante enriquecedor, porque falou, na verdade, de um assunto mais de vários pontos de vista e eu achei bem “bacana” isso e que acrescentou bastante.

Aluna 4 – Os assuntos foram bem selecionados, foram direcionados. Eu entendi, às vezes, que foi uma linha. Começou com uma coisa, mais ou menos,

mas, assim, depois, foi crescendo e tomou um viés bem educativo mesmo. Uma coisa que parecia simples, como o processo de adaptação, uma coisa que parecia tão simples, começou a tomar um rumo, assim, que a gente foi observando e eu fiquei bem encantada com os diversos “viés”, com as diversas formas, as diversas práticas e o complemento que a tinha que sair da ferramenta do *WhatsApp* e ir para a Internet, uma coisa mais elaborada. No meu caso, eu preferia ir diretamente “no” computador ao invés de usar o celular, dar continuidade no celular. Então, essa dinâmica, também, foi interessante para mim, porque ali já via mais coisas. Então, o assunto foi bem elaborado, na minha opinião.

Aluna 5 – Mesmo eu não tendo participado de todas os debates que teve, alguns eu achei, realmente, que foram todos direcionados para área mesmo. Acho que a discussão entre o grupo assim é o que foi mais enriquecedor. Como a número dois falou, ninguém tem a opinião igual a de ninguém e essa diversidade do mesmo assunto, cada um tendo um ponto de vista diferente, acho que é o que faz assim a ferramenta de fato ser mais utilizada. Eu, também, pesquisei no computador, igual no *WhatsApp*, lá eu já via outra coisa. Então, é uma coisa que enriquecesse mesmo, não só o grupo, mas pessoalmente. Também para agregar na profissão. O grupo, ele ajuda bastante.

Aluna 6 – Foi muito interessante, pois tinham muitas ideias diferentes. Então, isso ajudou bastante.

Aluna 7 – Foi muito interessante. Eu achei que foi, assim, um trabalho que teve, assim, não só uma opinião, assim, mas deu para dar a opinião de todas e enriqueceu bastante o aprendizado.

Aluna 8 – Foi bom, foi proveitoso. Aproveitei. Não li todos os textos, mesmo porque nós estávamos em época de provas e tinha que estudar também, né? Mas, foi, foi muito bom.

Aluna 9 – Eu achei que foi enriquecedor em vários aspectos, porque você via pontos de vistas diferentes, tanto dos autores, como das próprias alunas que estavam participando do debate e, então, cresceu do tipo, ahan, você via coisas diferentes, você pensava de jeitos diferentes. Aí, você parava para olhar a opinião de alguma colega por exemplo, você via (barulhos), “pera” aí que eu perdi a ideia. Então, você via pontos de vistas diferentes, tantos dos autores, como das pessoas que estavam participando do grupo. Então, você também

parava para observar dentro da sua realidade, quem já está trabalhando na área conseguia ver a questão realmente da dificuldade. Você via os dois lados. Não era só o autor falando. Você via, realmente, entendia a dificuldade da criança na fase do acolhimento, na fase da adaptação, tanto das mães, quanto dos pais, da própria criança em si, das professoras. Então, era uma coisa, assim, que você querendo, ou não, você acaba crescendo, você acaba abrindo os olhos para outras coisas que estão acontecendo.

Mediadora – Outra visão, né?

Aluna 10 – Achei bastante agregador, porque pude ver várias opiniões. Fez com que eu abrisse mais a minha a mente para assuntos tão enriquecedores.

Mediadora – Então, está bem. Vamos lá!

Análise das respostas: Para a pergunta que abordou sobre o material disponibilizado, o grupo foi unânime em dizer que o material foi muito interessante e enriquecedor. Todas alegaram que com a participação no grupo, com a leitura do material e com as discussões sobre os temas disponibilizados, foi possível ter outra visão do assunto. Todas alegaram ter se apropriado do material para crescimento pessoal e profissional, enriquecendo os conhecimentos que tinham sobre o tema abordado. Mesmo as que não participaram de todas as discussões, disseram que o trabalho foi muito proveitoso.

Pergunta 6: Quanto tempo, em média, você disponibilizou para participar das discussões e ler o material disponibilizado?

Aluna1 – Então, quando o material era curto, quinze a vinte minutos. Quando era mais comprido, eu levava mais tempo para entender e dar uma resposta legal.

Aluna 2 – Sempre que possível, eu dava uma “olhadinha” no celular para estar sempre acompanhando e respondendo, mas, também, não só a minha resposta para, também, estar vendo as respostas anteriores para ver o raciocínio de cada uma, se era “bacana”, se a gente estava em sintonia “legal”, enfim, isso.

Aluna 3 – Acho que o tempo, também, foi rápido, em média de um dia, o tempo maior quando teve um texto maior, mas acho que essa foi a média, um dia.

Aluna 4 - Em média, eu levava uns trinta minutos entre ler o conteúdo, elaborar e escrever para o grupo.

Aluna 5 – Em média, também, mais ou menos, uma meia hora, dependendo do conteúdo. Às vezes, um pouco mais quando eu via as respostas das colegas e, aí, ponderar sobre o tema e as respostas delas, mas, então, a média era isso, mais ou menos.

Aluna 6 – Também, em torno de trinta minutos. Às vezes, eu mudava a resposta porque via uma coisa diferente. Aí, você refletia. Aí, poxa, realmente, o que ela está dizendo bate com aquilo que eu quero ou não. Então, acho que é isso, em torno de trinta minutos.

Aluna 7 – Não respondeu.

Aluna 8 – Era aos finais de semana que é quando eu tenho mais tempo. Muitas vezes, eu ficava quieta, só vendo as opiniões, outras vezes, eu opinei, mas eu li tudo.

Aluna 9 – Em média, uns vinte minutos, até conseguir ler, porque às vezes, dependendo da hora que recebia o conteúdo, se estava “num” horário, impróprio, então, às vezes, eu não conseguia ver. Aconteceu de eu receber de manhã, então, eu estava em meu intervalo. Aí, eu dizia: “Não, agora eu não posso ver, vou ver quando chegar em casa que aí eu tenho mais tempo”. Mas, uns vinte minutos, até ler o conteúdo, absorver tudo ver as ideias e conseguir responder.

Aluna 10 – Em média, uns vinte e cinco minutos.

Análise das respostas: Com relação ao tempo disponibilizado para participar das discussões, as respostas foram bem diversificadas. Algumas alegaram que disponibilizaram, em média, trinta minutos para as leituras e discussões. Uma delas alegou que, dependendo do material, poderia usar menos tempo, ou, em outras vezes, um tempo maior, mas não soube precisar quanto tempo exatamente disponibilizou. Outra participante alegou que quinze minutos era tempo suficiente para ler e responder às discussões. Uma outra participante disse que acessava sempre ao longo do dia, para ver as respostas e participar das discussões e, uma outra, disse verificar o material e ver as discussões aos finais de semana, que era a ocasião que possuía mais tranquilidade para fazê-lo, mas, também, não soube precisar quanto tempo foi disponibilizado para essa atividade. Mais uma vez, uma participante não

respondeu a questão. Ao final da entrevista, já com o gravador desligado, ela procurou a pesquisadora e alegou que nunca marcou o tempo que utilizou para ler e participar das discussões, por isso preferiu não opinar.

Pergunta 7: Em que momento do dia você acessou o material? Qual seria o melhor momento para organizarmos futuras discussões.

Aluna 1 – À tarde, sempre à tarde, porque, de manhã, eu não sou ninguém.

Mediadora – Então, na sua opinião, o melhor momento para organizarmos futuras discussões, sempre à tarde,

Aluna 1 – Sim. É o horário que eu estou mais livre. Mesmo assim, quando eu estou de folga, porque quando eu estou trabalhando, aí não teria muito jeito, mas, mesmo assim, seria à tarde, mesmo assim.

Aluna 2 – Eu tinha preferência no horário noturno. Já havia passado um dia e, aí, já tinha visto vários comentários, mas o melhor horário, para mim, é a à noite, que eu tinha tempo de sentar com calma, ler e poder avaliar tudo de uma forma mais clara e poder opinar de forma coerente.

Aluna 3 – Eu via a mensagem normalmente quando ela vinha, né, porque eu tinha curiosidade, mas para responder, no período da tarde que é quando eu estou um pouco mais livre.

Aluna 4 – Embora eu não tenha respondido a todas, o horário que eu sempre usava para responder era à tarde também, que é quando eu tinha mais tempo livre e seria o melhor horário.

Aluna 5 – Por eu ter um horário esporádico de trabalho, então, sempre que dava eu respondia, de manhã, às vezes à tarde, no finalzinho do dia, então quando eu tinha um horário livre eu respondia.

Aluna 6 – Também, igual à aluna 5, porque sempre que tinha um horário, então independente se de manhã ou à tarde, sempre que dava para mim.

Aluna 7 – Eu preferia na parte da tarde, que é quando eu tenho horário livre. Eu trabalho, então, à tarde eu tenho mais tempo.

Aluna 8 – À noite, nos finais de semana e à noite é mais sossegado.

Aluna 9 – No final do dia e à noite.

Aluna 10 – Sempre à noite, antes de dormir, que é mais sossegado.

Mediadora – Servia para embalar o sono! (Risos).

Análise das respostas: Quando questionadas sobre o melhor momento para acessar o material e qual seria o momento mais adequado para organizarmos futuras discussões, as respostas também foram variadas. 10% das participantes disseram ser o melhor momento pela manhã, que é quando estão mais tranquilas e possuem tempo disponível. Outras 10% alegaram que acessaram o material no final da manhã e começo da tarde, e a alegação foi a mesma: mais tempo disponível para se dedicar às leituras e discussões. 40% das entrevistadas disseram ser na parte da tarde, que é o momento do dia que encontram mais tempo para se dedicar às leituras e discussões. Outras 40% alegaram ser à noite. Disseram ser o momento mais tranquilo do dia e que à noite elas tinham tranquilidade para ler, refletir sobre as discussões existentes e postarem a opinião delas. Uma das entrevistadas que disse ser à noite, também completou sua fala dizendo ser à noite, porém nos finais de semana, pois, assim, ela podia ler o material, ver todas as discussões postadas, refletir e, aí sim, fazer a sua postagem. Essa pergunta deixa claro que antes de organizar este grupo de trabalho é importante que o mediador conheça seu grupo e procure adequar as postagens e discussões às necessidades dos participantes, embora essa percepção pode não afetar o desenrolar do trabalho, porque todas as participantes foram unânimes em dizer que viam as postagens tão logo as mesmas chegavam; porém, se dedicar às mesmas, apenas nos momentos onde tinham tempo disponível. Como as postagens foram feitas semanalmente, houve tempo suficiente para que todas acessassem o material, lessem o mesmo e participassem das discussões, cada uma a seu tempo.

Pergunta 8: Você usaria esse tipo de trabalho com seus alunos?

Aluna1 – Sim.

Aluna 2 – Sim.

Aluna 3 – Sim.

Aluna 4 – Sim.

Aluna 5 – Sim.

Aluna 6 – Sim.

Aluna 7 – Sim.

Aluna 8 – Sim.

Aluna 9 – Sim.

Aluna 10 – Sim.

Análise das respostas: Quando questionadas se usariam esse tipo de trabalho com seus alunos, todas as participantes alegaram que sim, que fariam uso deste tipo de trabalho com seus alunos. Principalmente essa última resposta, afirma a hipótese da pesquisadora sobre a possibilidade de desenvolver um trabalho de apoio acadêmico com os alunos.

Mediadora – Obrigada a todas pela participação. Tenham todas uma boa noite e até um próximo encontro. Beijos.

Analisando todas as respostas, percebe-se que a utilização do *WhatsApp*, como ferramenta, no processo educacional, é uma possibilidade viável. Porém, destaca-se, também, a necessidade de a importância do professor assumir o papel de mediador, construindo junto com a turma uma lista de combinados, disponibilizando material rico e interessante, organizando situações que favoreçam a troca de informações que irão levar a discussões que proporcionem, acima de tudo, a construção coletiva de saberes entre os participantes do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após revisão da literatura e análise do material coletado ao longo de toda a pesquisa, foram observadas algumas considerações gerais e específicas sobre o objeto de estudo: a apropriação das mídias móveis digitais como recurso inovador no processo comunicacional entre professores e alunos.

Este trabalho realizou observações acerca da importância que as novas tecnologias da informação e comunicação representam para a sociedade atual e levantou aspectos que a inclusão dessas tecnologias podem causar, uma vez que vivemos em uma era tecnológica onde a adoção desses recursos mostra-se, amplamente, presente em muitas áreas das ciências, da cultura e do entretenimento, provocando mudanças na forma das pessoas se comunicarem e entenderem o mundo.

Nesse sentido, o presente trabalho propôs a seguinte questão-problema: “Como a utilização das mídias digitais móveis, em especial o *WhatsApp*, pode tornar o processo de comunicação mais inovador, rápido e significativo para estudantes do curso de formação de professores?”

Desta forma, ao analisar os resultados obtidos com esta pesquisa, é possível afirmar que as intenções propostas de caracterizar a utilização das novas tecnologias de comunicação e educação no contexto da melhoria do processo comunicacional entre professores e alunos foram alcançados.

Discorreu-se sobre a apropriação das mídias digitais móveis, sendo este um conceito que reúne os aspectos da comunicação, da escola e da interação entre alunos e professores e que, ao longo da última década, vem sendo explorado no intuito de melhorar a aproximação da escola com os alunos, tornando-a mais acessível, real e significativa para esses jovens.

A pesquisa contribuiu, ainda, para evidenciar uma nova forma dos professores se relacionarem com os alunos.

Destacou-se que a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação pela educação poderá inovar o processo comunicacional entre professores e educandos, beneficiando o processo ensino e aprendizagem, além de favorecer um maior engajamento social dos educandos.

Entende-se que novas tecnologias da informação e da comunicação, por

possuírem um caráter dinâmico e diversificado, podem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais interessante para os jovens, aproximando-os mais da escola e fazendo-os ser sujeitos ativos em seu processo de construção de saberes.

A utilização de referencial teórico, com as temáticas mídias social e apropriação, mídia digital, comunidades virtuais, mídia educação e tecnologias móveis disponíveis, ofereceu base para a organização da pesquisa e para a aplicação de um questionário com alunas do curso de Pedagogia de uma instituição particular da cidade de São Paulo. Com base nas respostas desse questionário, organizou-se uma entrevista de grupo, para levantamento e aprofundamento dos resultados anteriores, obtidos através dos questionários.

Com a análise dos questionários e a transcrição das entrevistas, foi possível descrever as principais ideias apontadas pelas alunas e, também, perceber a intenção de uso que as mesmas possuem sobre a utilização do aplicativo *WhatsApp* como facilitador do processo comunicacional entre professores e alunos.

Ao analisar as respostas das participantes da pesquisa, foi possível observar que as mesmas gostaram de usar o *WhatsApp*, como recurso educacional. Porém afirmaram que, para essa utilização, é necessário que, antes, crie-se, junto à turma, uma lista de regras que deverão ser seguidas pelo grupo, para que o mesmo possa obter um melhor resultado e para que o professor consiga perceber se a utilização do aplicativo está realmente sendo eficaz para o grupo. Foi possível perceber, também, que as participantes possuíam habilidade para operar com o aplicativo, sabiam encontrar respostas para possíveis dúvidas e não se sentiam receosas em usar o aplicativo. Porém, em muitos casos, as escolas em que elas trabalham não aprovam o uso desse aplicativo e não incentivam essa prática junto aos professores.

Todas as entrevistadas foram unânimes em afirmar que gostariam de usar o aplicativo como recurso facilitador em suas aulas. Porém, também, afirmaram não saber se as escolas aprovariam esta decisão. Embora as TDMs estejam presentes e facilitem o acesso e compartilhamento de informações, o caminho para a adoção das mesmas em ambientes escolares ainda é prematuro, pois faz-se necessário, primeiramente, capacitar professores e escola para utilizarem esses recursos em benefício do processo de ensino aprendizagem. Essa adoção

abriria possibilidades para a complementação da educação formal, trazendo benefícios, não apenas para os educandos, mas para a comunidade local.

Fazer a escola acreditar que a adoção das TDMs a tornaria mais atrativa e eficiente a seus alunos, auxiliando, inclusive, a comunidade onde essa está inserida, é uma tarefa que requer muita reflexão e debate, para que a escola perceba que está ficando defasada e pouco atrativa para seus alunos, fazendo com que estes se afastem e busquem construir conhecimentos, mediados por outros recursos que estão, infelizmente, fora da escola.

Com a utilização do *WhatsApp* a aprendizagem pode tornar-se mais dinâmica, uma vez que a participação do aluno é ativa, compartilhando e discutindo a informação com os colegas e com o professor, em qualquer tempo e lugar. Essa troca é instantânea. Basta que o grupo esteja *online*.

Com os alunos e professores conectados à rede, formando uma comunidade virtual de aprendizagem, o envolvimento é constante. Aliar esse envolvimento ao fazer pedagógico, elaborando estratégias de trabalho que envolvam uma sequência didática de atividades, pode estimular os jovens e contribuir para a construção de conhecimentos significativos.

A educação em tecnologia e o treinamento de professores, para a utilização das mesmas, precisam fazer parte das pautas de discussões e estudos a fim de se evitar a exclusão digital nas escolas, desmotivando e afastando a sua clientela.

Apenas com estas discussões será possível pensar em transformação no processo comunicacional entre professores e alunos, favorecendo a construção de conhecimentos significativos e incentivando os jovens para a escola.

Desta forma, será possível pensar em um processo de transformação cultural, social, política e econômica do país. Citando Paulo Freire “A mudança é difícil, mas não é impossível”. Assim, o presente trabalho não pretende esgotar o assunto e, de fato, procura levantar questionamentos sobre a utilização das TDMs nas escolas, em particular, como estratégias de trabalho, para facilitar e inovar o processo comunicacional entre professores e alunos.

Pesquisas futuras podem investigar a adoção dessas tecnologias em ambiente escolar, para a efetivação de um trabalho dinâmico e questionador da escola, que vise atender aos anseios do perfil de sua atual clientela.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Construindo Comunidades Virtuais de Aprendizagem: experienciando novas práticas pedagógicas. In: **Conferência ELES´04**, 2004, Aveiro-Pt, p. 1-8. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8665686-Construindo-comunidades-virtuais-de-aprendizagem-experienciando-novas-praticas-pedagogicas-1.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância. A mídia no contexto educacional: Mídia e Educação. In: **Infância & consumo**: estudos no campo da comunicação. Agência de notícias dos direitos da infância (ANDI). Projeto Criança e Consumo do Instituto Alana. Brasília, 2009.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**. São Paulo: Moraes, 1982.

BARRAL, G. L.L. Liga esse celular! Pesquisa e produção audiovisual em sala de aula. In: **Revista Fórum de Identidades**. Itabaiana:Gepiadde. Ano 6. v. 12, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/viewFile/1889/1648>>. Acesso em: 20.04.2016.

BELLONI, M. L. **O que é Mídia - Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BEVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

BORUCHOVITCH, E. Inteligência e motivação: perspectivas atuais. In: BORUCHOVITCH, E. & BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CALVO, R., Arbiol, A., & Iglesias, A. (2014). **Are all chats suitable for learning purposes?** A study of the required characteristics. *Procedia Computer*. Madri, Espanha, 2014.

CAPRINO, M. P. Mídia e Educação: A necessidade do Multiletramento - Media education: multiliteracies need. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 14, n. 26:(13-19) jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1781>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. Mídia-educação, identidade e memória. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA: Aproximações com Memória e História Oral. Universidade São Caetano do Sul, São Caetano do Sul. 2015. **Anais...** São Caetano do Sul: USCS, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/12143624/M%C3%ADdiaEduca%C3%A7%C3%A3o_identidade_e_mem%C3%B3ria>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. v. 1, 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

CITELLI, A. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2004.

COPOBIANCO, L. Comunicação e literacia digital na Internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do Programa de Inclusão Digital ACESSA SP – PONLINE. In: **Biblioteca digital da USP, teses e dissertações**. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16062010-110410/pt-br.php>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: Efetividade ou ideologia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FERREIRA, A. L. **PBL no Ensino Médio Técnico: um estudo de caso na disciplina de Prática de Laboratório de Programação**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2012.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GAETA, C.; MASSETTO, M., T. **O Professor iniciante no ensino superior: Aprender, atuar e Inovar**. São Paulo: SENAC, 2013.

GIACOMINI, G.; SANTOS, R. E. Convergências conceituais e teóricas entre comunicação e inovação. In: CAPRINO, M. P. (Org), **Comunicação e inovação**. São Paulo: Paulus, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GILSTER, P. **Digital Literacy**. San Francisco, CA: John Willey & Sons, 1997.

GOULART, Elias E. (Org.). **Mídias Sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre: EDIPUCRS; PPGCOM-USCS, 2014.

GONÇALES, E. e SILVA, M. **A amplitude do diálogo nas redes sociais digitais: sentidos em construção**. In. **Mídias Sociais: uma contribuição de análise**, Porto Alegre: EDIPUCRS; PPGCOM-USCS, 2014.

GRINSPUN, M.P.S.Z. Educação Tecnológica. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.) **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo, Ed. Cortez, 1999.

GUIMARÃES, C.; PRENSKY, M.; O aluno virou o especialista. **Revista Época**. jun. 2016. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00-MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESPECIALISTA.html>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

HARASIM, L.; TELES, L.; TUROFF, M.; HILTZ, R. S. Tradução: Tavares Ibraime Defonte. **Redes de aprendizagem**. Um guia para o ensino e aprendizagem on-line. São Paulo: Senac, 2005.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução: Suzana Alexandria, São Paulo: Aleph, 2008.

KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. Consumer use and business potential of virtual worlds: The case of Second Life. **The International Journal on Media Management**; 11: 93–101, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAURENTI, C.; BARROS, M. N. F. de. Identidade: questões conceituais e contextuais. **PSI. Revista de Psicologia Social e Institucional**, 2000.

LEITE, L. S. Formando Profissionais Reflexivos na Sala de Aula do Século XXI. In: VALENTE, Jose A; BUSTAMANTE, Silvia B. V. (Orgs.). **Educação Vale do Arinos. Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT – Juara**, n. 1, v. 1, 2009.

LEMOS, A. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Revista Matrizes**, n. 1, out, 2007.

LEMOS C. Inovação na era do conhecimento. In: LASTRES, Helena M. M; ALBAGLI, Sarita. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

_____. PALACIOS, Marcos (Org.). **Janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MASETTO, M. T. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: MASETTO, Marcos (Org.). **Docência universitária**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf> >. Acesso em 24 agosto.2016.

MARTTELART, M. e Amand. **História das teorias da Comunicação**. São Paulo. Edições Loyola, 2011.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

PASSARELLI, B. **Interfaces Digitais na Educação: Alucinações Consentidas**. São Paulo, Escola do Futuro da USP; SENAC, 2007.

_____. B. JUNQUEIRA, A.H. **Crianças e Adolescentes Diante das Telas**. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, 11(1): 33-43, janeiro/abril 2009, Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/rosana/Peruzzo_2009.pdf>. Acesso em: 26 nov.2015.

PESSONI, A. e AKERMAN, M. **O uso da mídias sociais em saúde: a adoção por discentes do ensino superior**. IN: Mídias Sociais: uma contribuição de análise, Porto alegre: EDIPUCRS; PPGCOM-USCS, 2014

PREARO, Leandro Campi. **Os serviços públicos e o bem-estar subjetivo da população: uma modelagem multi grupos baseada em mínimos quadrados parciais**. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade de São Paulo, USP, 2013. Acesso em 11 nov. 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/Pisapc/Downloads/LeandroCampiPrearo.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, v. 9, n. 5, October (2001). Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

_____. **Teaching Digital Natives: partnering for real learning**. California, USA, Corwin Press, 2005. Disponível em: <http://marcprensky.com/wp-content/uploads/2013/04/Prensky-TEACHING_DIGITAL_NATIVES-Introduction1.pdf>. Acesso em: 20, abr. 2016.

RHEINGOLD, H. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona, 1994.

RECUERO, R. C. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: Beatriz Donelles (Org.) **Mídia, imprensa e as novas tecnologias**. 1ª ed. Porto Alegre: Edi pucs, v. 24, p. 221-240, 2002.

_____. **Comunidades virtuais em redes sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Ecompos, Internet, v. 4, dez 2005.

ROSSETTI, R. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, 2013.

SAMPAIO, M. Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

SANTAELLA, L. Os Espaços Líquidos da Cibernídia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/26/2>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

SANTOS, S. V. O uso do celular nas práticas de letramento. In: vi fórum identidades e alteridades. **In II Congresso Nacional Educação E Diversidade, 2013**, Itabaiana/SE. Anais. UFS/Itabaiana/SE Brasil. p. 1-10. Disponível em:<http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto_VI_Forum_5_8.pdf> Acesso em 07 jul.2016.

SILVA, M. A. F. **Métodos e técnicas de pesquisa**. Curitiba: Ibpex, 2005.

_____. M. L. da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: (Org.) **Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, I. de O. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOUZA, E. R. **Uma Abordagem com PBL e Redes Sociais na Formação de Professores**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2015.

TACCO, Fabiana Martins de Souza. **O impacto da influência social sobre a intenção de uso de sites de compras coletivas: um estudo baseado no modelo UTAUT**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Acesso em 10 nov. 2016. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/6/1/Fabiana%20Martins%20de%20Souza%20Tacco.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

TIC KIDS ONLINE BRASIL 2014. **Pesquisa Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil**. UCT Kids online Brasil 2014. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

UNESCO. **Diretrizes de Políticas para aprendizagem Móvel**. 2014. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

VENKATESH et al. **User acceptance of information technology: toward to a unified view**. MIS Quarterly, v. 27, n. 3, p. 425-478, 2003.

ZABALA, Antônio. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

APÊNDICES

Apêndice 1

Monitoramento das conversas do grupo de *WhatsApp* – uso educacional

Conversas de 14/03/2016 a 12/05/2016

14/03/16 16:41:25: Você criou o grupo “*WhatsApp*- uso educacional”.

14/03/16 16:41:44: Simone: Olá meninas, boa tarde!!

14/03/16 16:42:10: Camila Pesquisa: Boa tarde!

14/03/16 16:42:16: Dayane Pesquisa: Oi Pro, Boa tarde!

14/03/16 16:42:23: Mariana Pesquisa: Boa tarde!!

14/03/16 16:42:28: Simone: Nosso grupo está criado. Hoje à noite disponibilizo o material para leitura e começamos a brincadeira!!!!

14/03/16 16:42:30: Barbara Pesquisa: Oi prof!! Tardee.

14/03/16 16:42:34: Elaine Pesquisa: Boa tarde.

14/03/16 16:42:49: Barbara Pesquisa: 🙌🙌🙌🙌

14/03/16 16:42:59: Simone: Muito obrigada por participarem dessa importante etapa da minha pesquisa. Bjs.

14/03/16 16:43:20: Barbara Pesquisa: Tamu junto prof!! (Risos)

14/03/16 16:45:36: Tailane Pesquisa: Boa tarde prof!

14/03/16 16:46:55: Devanir Pesquisa: Boa tarde 😊

14/03/16 16:47:53: Silvia Pesquisa: Boa tarde 😊

14/03/16 16:48:24: Lucidalva Pesquisa: Boa tarde😊

14/03/16 16:51:00: Viviane Pesquisa: Oiii

14/03/16 16:53:07: Adriele Pesquisa: Boa tarde ☐

14/03/16 16:56:41: Natalia Pesquisa: Boa tarde prof, no aguardo pelo material. 😊😊

14/03/16 16:58:18: Carina Pesquisa: Boa tarde prof. E viva o nosso timão.

14/03/16 16:58:53: Alice Pesquisa: Oi, boa tarde Prof' e meninas 😊

14/03/16 17:07:14: Rute Pesquisa: Olá meninas

14/03/16 17:11:47: Claudia Maria Pesquisa: Boa tarde 😊

14/03/16 18:13:11: Vanuzia Pesquisa: 🙌 Boa tarde pro!

14/03/16 18:13:44: Tauana Pesquisa: Boa tarde!

14/03/16 18:15:26: Maria Veronica Pesquisa: Boa tarde!

14/03/16 18:27:33: Glediane Pesquisa: Boa tarde

14/03/16 18:27:53: Adila Pesquisa: Boa-tarde!!!

14/03/16 23:22:35: Adriana Pesquisa: Boa tarde!

15/03/16 11:34:16: Simone: Pessoal, bom dia!!

Agora começamos a brincadeira, peço que ao longo dessa semana procurem ler a matéria que está sendo indicada. Ao terminarem a leitura começaremos nossas discussões sobre o tema, vocês podem questionar dúvidas surgidas, tecer comentários sobre k texto ou apenas opinar sobre a reportagem. O intuito é formarmos um grupo de discussões sobre o tema abordado, "Adaptação na Educação Infantil". Bom trabalho!

15/03/16 11:35:55: Tauana Pesquisa: Bom dia, O! 😊

15/03/16 11:36:05: Rute Pesquisa: Ok

15/03/16 11:36:29: Camila Pesquisa: Bom dia, OK!

15/03/16 11:37:49: Luciana Pesquisa: Bom dia, OK!

15/03/16 11:40:40: Mariana Pesquisa: Bom dia! 🖐

15/03/16 11:42:19: Simone: Como todas já devem saber o período de adaptação é um momento muito importante para a criança. Esse é um período onde todos devem estar preparados para melhor atender as crianças. Cabe às escolas organizarem este período da melhor forma, dando suporte aos pais e capacitando seus professores para este momento. Cada escola organiza seu próprio período de adaptação, adequando as suas necessidades e a sua clientela. O que sabemos é que esse período não tem regras específicas e cada escola é livre para se estruturar, como melhor conseguir. É sabido que uma adaptação bem-feita, gera grandes benefícios para o futuro dessa criança na escola. Segue um *link* com reportagem da revista Nova Escola que aborda o tema. Boa leitura, aguardo comentários!!!

<<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/adaptacao-bem-feita-449821.shtml>>.

15/03/16 11:49:19: Silvia Pesquisa: Bom dia!!! Farei a leitura e logo os comentários. 😊

15/03/16 11:55:05: Simone: Ok, não tenham pressa, temos a semana toda para discutir o tema. Bjs.

15/03/16 12:07:16: Ana Paula Pesquisa: Bom, professora, dei a primeira lida na reportagem. E descobrir novas maneiras de se adaptar uma criança, porém para mim não ficou tão clara "quando será o momento certo para os pais saírem" apenas quando a criança para de chorar?

O certo na minha opinião, é durante uma semana começando na segunda, os pais vêm a escola com a criança e fica todo dia um período com ela e a professora e ao passar dos dias o período vai se aumentando e a mãe vai se "afastando".

Gostei do método das fotos, porém tem que ter toda uma estrutura atrás que acredito eu que não é tão fácil assim.

15/03/16 12:24:22: Simone: Ana, tudo vai depender a estrutura da escola. A meu ver os pais podem começar a se ausentar, por alguns períodos, mesmo com a criança ainda chorando, uma breve sávida para tomar água, por exemplo. Desta forma a criança sentirá a breve ausência, mas logo Vera o retorno dos pais, isso vai criando na criança confiança, ela vai começar a perceber que os pais vão sair, mas também irão retornar. As saídas podem começar a ficar mais longa e espaçadas, até durarem o período todo. Com relação às fotos, será preciso o envolvimento das famílias, se a escola organizar uma reunião antes do início das aulas, ou deixar esse aviso, no ato da matrícula, vai tornar a dinâmica bem mais fácil. Pense nisso!

15/03/16 12:35:13: Vilauba Pesquisa: Professora, comparado ao que já presenciei e vivi em creche *pública*, o período de adaptação não é tão estruturado. Os pais (que quiserem ou puderem) ficam com a criança na primeira semana só meio período. Ainda há aqueles que levam os filhos depois e outros que vão, mas a criança fica.

Na minha opinião, tanto o método da pública quanto o do particular realmente focam no bem-estar e adaptação da criança, e esse momento, não é de certa forma por fase, mas há uma progressão da criança nesse aspecto. É lógico que os pais ou responsáveis não estarão sempre com a criança ali, e é por isso que

a entidade deve realmente planejar e saber administrar a particularidade e o tratamento "personalizado" de cada criança.

As ideias apresentadas são muito boas mesmo, o que mostra que já há um trabalho começado bem antes de a criança chegar à instituição, para que ela seja acolhida e os pais ou responsáveis também se sintam-se seguros.

15/03/16 12:43:07: Camila Pesquisa: É interessante a forma trabalhada para adaptação das crianças e dos responsáveis nas duas situações. É de importante necessidade que isso venha ser algo pensado e planejado para não gerar um impacto brusco nas partes, principalmente nas crianças que em geral vem de rotinas diferentes, por isso deve se gerar um ambiente familiar para que essa adaptação venha acontecer de um modo mais tranquilo. Tudo é novo para os pequenos, isso acaba os assustando de fato. Por isso acredito que fazer um fio que liga a casa ao ambiente escolar é de extrema importância, as idas e participação dos pais (ou responsáveis) durante esse período acaba trazendo mais confiança para as crianças, porque eles terão a presença de alguém que eles convivem, e durante esse período irão também se acostumar a conviver com os novos educadores. Durante esse momento os pais devem ir deixando as salas aos poucos, saídas e voltas de 10, 15 minutos e daí por diante, penso que dessa forma a criança irá entender que "a mamãe vai, mas a mamãe volta".

Porém é algo trabalhoso, porque vai depender da disponibilidade dos pais das crianças. Recolher objetos que pertencem a família pode deixar sim a escola com mais sensação de "casa".

Em relação a preocupação dos pais já presenciei casos onde escolas mantinham o contato com os pais através do *WhatsApp*, com o aplicativo os educadores mandavam foto dos filhos, vídeos e etc., para mostrar as atividades que estavam sendo realizadas em sala de aula, e a situação que a criança se encontrava.

15/03/16 12:45:25: Simone: Sim, é esse o objetivo, pensar na adaptação como um processo, antes mesmo da criança entrar na escola. E você tem razão a realidade da escola pública ainda é bem diferente, alguns pais não tem tempo para acompanhar os filhos nesse período, pó isso mesmo a escola precisa pensar em formas de facilitar esse processo, antes da criança começar a frequentar a aulas. Pensar em como fazer isso é que é o compromisso dessas escolas

15/03/16 13:08:33: Viviane Pesquisa: Boa tarde estou sem Internet em casa desde ontem por isso não me manifestei antes

15/03/16 13:10:00: Viviane Pesquisa: Sem dúvida são iniciativas maravilhosas q

15/03/16 13:11:11: Viviane Pesquisa: Tive a oportunidade de ficar com ele nos primeiros dias por 1 hora no primeiro dia 40 minutos no segundo até reduzir a ponto de deixá-lo na porta

15/03/16 13:22:42: Natalia Pesquisa: Boa tarde, sem dúvida é mto importante essa fase de adaptação, o empenho com q a escola recebe seus alunos, e a força de vontade dos pais para q trabalhem todos juntos, é fundamental para o desempenho do aluno. Vivenciei isso bem de perto, quando minha filha foi a escolinha com um ano aninho, é pouco doloroso para nós os pais, porém, foi feito de uma forma mto carinhosa, a qual agradeço sempre. Hj, ela está mais do q adaptada, entra na escolinha e mal me dá tchau kkkkk. Dedicção, atenção e amor é td q faz com q essas coisas deem certo.

15/03/16 13:30:04: Vilauba Pesquisa: Minha experiência não foi tão Boa e evolutiva como a sua, Vi. Não fiquei o período de adaptação porquê sabia que

não ia ajudar, só dificultar mais porquê ela só ficava em casa com minha mãe e o meu sobrinho que tinha a mesma idade: 1 ano e 8 meses. E durante 3 exatos meses eu a levava todos os dias, e quando minha mãe ia buscá-la a professora falava que ela chorava da hora em que eu a deixava -que era um show, (- até a hora em que minha mãe chegava. E o pior é que ela não fazia exatamente nada: não comia, não dormia, não participava das atividades e atrapalhava às vezes. Até que um dia, do nada, ela desceu do meu colo, puxou a mochila do meu braço (emburrada) e entrou sem nem me responder o "tchau" e sem olhar para trás. Quando a levei no dia seguinte a professora perguntou o que eu tinha falado com ela, que ela chegou, pendurou a mochila no cabide dela mesmo, foi direto pro refeitório, comeu tudo e fez toda a rotina do dia como se ela já participasse todos aqueles longos 3 meses em que ela chorava e eu também enquanto ia pro trabalho pensando nela.

Realmente é uma fase bem difícil para todos, e é por isso que deve ter essa interação de pais e escola.

15/03/16 15:29:09: Viviane Pesquisa: Foi tranquila a adaptação dele mas acredito que quanto pudermos minimizar o sofrimento dos pequenos mais aumentamos o desenvolvimento deles melhor serão as experiências

15/03/16 16:36:20: Silvia Pesquisa: Eu acredito que as ideias de adaptação nas duas escolas foram ótimas. O envolvimento e preparo antecipado da família e escola é essencial para todos, ele traz o conforto e segurança buscado neste momento. Nas minhas experiências os períodos de adaptação de todos os meus filhos foram durante a primeira semana de aula apenas. Eu participava das primeiras horas antes de deixá-lo e ia buscá-lo horas antes do término da aula. O meu primeiro filho teve uma adaptação mais difícil. Eu sempre saía de lá chorando, mas ele nem sempre chorava. Nas vezes que ele chorava eu voltava pouco tempo depois para ver se ele estava bem e acabava o fazendo chorar, por me ver chorando... Hoje posso perceber que a dificuldade na adaptação dele foi pela minha falta de maturidade para lidar com o assunto. A minha segunda experiência foi muito melhor. Minha filha teve uma adaptação fácil pelo motivo de estar na mesma escola do irmão, assim ela se sentia um pouco "em casa" e em alguns momentos de necessidade ele foi chamado até a sala dela para oferecer ajuda e confortá-la. Vejo aqui que a ideia das fotos é muito acolhedora e pode ser bem eficiente nesse momento. O pensamento da montagem das fotos ao alcance da criança e a preocupação e cuidado com a segurança deles foi ótima, e deve ser pensado em todo o decorrer do ano com qualquer atividade. A ideia do brinquedo é bastante parecida com o "dia do brinquedo" onde eles levam os brinquedos com o intuito de estimular a troca e o convívio em grupo, acho excelente essa interação. Na minha terceira experiência o que mais me chamou a atenção foi em relação ao horário de saída. Sempre que eu chegava mais tarde para buscar a minha filha e quase toda a turma já havia ido embora, ela ficava triste achando que eu iria deixá-la "para sempre" com a professora. Orientei que imprevistos acontecem, mas que eu nunca a deixaria lá. A conversa com a criança sempre deve acontecer. Por menor que a criança seja, ela sempre entende e dessa forma ela aprende a ter segurança e confiança em ficar na escola. Conhecer os espaços onde elas ficam e ler as agendas para dialogar com a criança é fundamental para o sucesso da adaptação e acolhimento na nova escola.

15/03/16 16:57:44: Vilauba Pesquisa: Pessoal juntos iremos apagar as luzes para protestar, a maior parte do pais ficará no escuro...

HOJE às 20.30h, será transmitido em rede nacional pronunciamento do Vice-Presidente e alguns Ministros que falarão em Nome e pela Presidente Dilma. VAMOS DESLIGAR AS NOSSAS TVS E APAGAR AS LUZES CHEGA DE MENTIRAS.

MEIA HORA COM A TV DESLIGADA!

Será um protesto pacífico.

Vamos fazer a audiência das TVS CAÍREM NO CHÃO!!

Se vc concordar divulgue!!

Mande para grupos que vc conhece.

15/03/16 16:59:19: Vilauba Pesquisa: Desculpe meninas, sei q o grupo não é para esse fim, mas vale a pena divulgar!

15/03/16 17:04:31: Vilauba Pesquisa: Sei q estaremos em aula, mas nossas famílias não, né, rs??!! 😊😊

15/03/16 17:18:14: Simone: Gente por favor vamos manter o foco. Nosso grupo é apenas para discutirmos problemas referentes às situações lançadas na proposta e é um grupo exclusivamente pedagógico, ok?? Obrigada!!! Bjs

15/03/16 17:24:58: Rute Pesquisa: Ok

15/03/16 17:44:38: Vilauba Pesquisa: Por isso que antecipei a Desculpa! 😊👉

15/03/16 17:46:56: Simone: 👉

15/03/16 17:48:44: Vilauba Pesquisa: Deaculpa mesmo, Professora.

15/03/16 17:49:00: Vilauba Pesquisa: 🙏🙏

15/03/16 17:49:29: Vilauba Pesquisa: *Desculpa

15/03/16 17:56:39: Simone: Relaxa, não estou para crucificar ninguém, só lembrei o teor do grupo,ok?? Fica bem bjs

15/03/16 18:07:07: Tailane Pesquisa: Eu achei muito interessante essa iniciativa pois com base no que vivenciei com meu sobrinho realmente as crianças sofrem demais na adaptação e dói tanto no coração dos pais como no das professoras ver a criança sofrendo tanto para não ficar na escola, é muito importante que a criança se sinta a vontade quando está no ambiente escolar assim na minha opinião ela acaba aprendendo mais, acredito que todas as creches deveriam ter uma iniciativa como essa.

15/03/16 23:46:47: Adriana Pesquisa: Boa noite! Minha filha foi a creche com 5 meses de idade. Com uma semana antes ficava 1/2 período na creche com ela. Não consigo perceber ainda, pois tem apenas 4 anos, se ir tão cedo para escola não é bom. Mas acredito também que as fotografias só ver alguém querido nos trazem prazer. Imagino para uma cça. Com essa idade talvez sinta realmente em sua cabeça inocente que os pais estão lá.

15/03/16 23:59:31: Adriana Pesquisa: Ops* com essa idade talvez, sinta a presença dos pais através das fotografias.

16/03/16 10:37:13: Maria Conceição Pesquisa: Oi day aqui é a Conceição fiquei muito mal não pude mais andar por favor avisa os professores para mim já pedi trancamento da matrícula um abraço. Concy

16/03/16 11:15:27: Maria Veronica Pesquisa: Bom dia professora, eu acho q no período de adaptação e muito importante a presença dos pais ou alguém próximo a criança, e levar algum objeto q eles sejam mais apegados, tipo um brinquedo ou cobertor, paninho ou outra coisa, que lhes ajude a manter a rotina. Até que elas se acostumem. Adaptação das minhas filhas na época que elas ficaram na creche foi Assim.

16/03/16 12:57:38: Elaine Pesquisa: Esse processo de adaptação com certeza é uma das fases mais difíceis

Tanto para os pais como para as crianças, quando elas vão principalmente para as creches acredito eu q as crianças estão muito imaturas e não tem o discernimento de assimilar os motivos pelos quais q terão ficaram separados da família por algumas horas.

Alguns pais acabam chorando perto da criança sem perceber q com essa altitude, provalmente, a criança poderá ficar mais insegura e com mais medo.

Os pais devem estar psicologicamente preparados para esse momento.

Eu vivi essa experiência com meu sobrinho com 3 anos, ele chorou muito e não aceitava aquela nova situação.

A escola teve uma dinâmica muito boa, na entrada da escolinha tinha piscina de bolinha, escorredores, algumas crianças ao ver outras brincando paravam de chorar e iam com as professoras até aquele lugar p brincar tbem.

Todos devem estar preparados, país, escola professores para esse momento tão difícil para as nossas crianças.

Meu sobrinho hj vai pra escola todo feliz, pq ele sabe q naquele local irá encontrar seus amiguinhos, e atenção e carinho das professoras.

16/03/16 14:34:42: Barbara Pesquisa: O processo de adaptação nunca é fácil, tanto para os pais quanto para as crianças. Por exemplo, na escola que eu trabalho vejo que qdo chega uma criança nova, uma das professoras é eleita para fazer o processo. Não deveria ser assim, a criança deveria fazer o processo com todas as professoras da sala para que tanto ela quanto os pais, se sintam seguros e possam passar por essa "separação" de forma tranquila para todos. A ideia das fotos é interessante, pois facilitaria a entrada da criança na escola e todas gostam de mostrar a família para os amiguinhos!

17/03/16 12:54:22: Elis Regina Pesquisa: Boa tarde! O texto é bem interessante e acho que toda escola de educação infantil deveria seguir essa ideia. Pois, a adaptação é uma fase bem difícil para os pequenos e os pais sofrem muito também. Não se sentem muito seguro em deixa seus filhos na creche. E com o projeto citado no texto fica mais agradável para todos.

17/03/16 14:24:01: Simone: Que bom pessoal que gostaram do texto. Os comentários são todos muito pertinentes e a opinião de todas deixa muito claro que vcs acreditam que um bom processo adaptação, favorece a vida escolar dos pequenos. Podem continuar partilhando suas opiniões e se precisarem podem fazer questionamentos. Na próxima segunda vou postar um caso para discutirmos. Até lá. Bjs

17/03/16 14:29:23: Vilauba Pesquisa: Eu só quero explicitar minha visão a favor das escolas públicas. Ainda é perceptível o foco sempre no setor privado, mas todas sabemos qual é a realidade atual que nos cerca. Só isso.

17/03/16 14:37:42: Simone: Concordo Vilalba, mas acredito que mesmo com dificuldades existe a possibilidade das escolas públicas pensarem em algo diferente para a adaptação das crianças novas. Pode ser algo interno, mais dinâmico e envolvendo atividades lúdicas, onde as crianças consigam perceber que a escola é legal, que ela terá amigos e que acima de tudo ela poderá brincar. A escola precisa fazer a criança perceber que a separação da família é pequena.

17/03/16 14:39:54: Vilauba Pesquisa: *Vilauba 😊😊

Também penso assim. Mas sei que na prática, a realidade dentro dessas entidades deixa MUITO a desejar.

17/03/16 14:45:34: Simone: É aí que deve entrar a figura da gestão escolar. Cabe a coordenadora e a diretora da escola, organizarem este momento com

suas professoras e dar suporte para que o processo de adaptação possa efetivamente acontecer. Basta a gestão querer, que a escola consegue fazer.

17/03/16 14:46:16: Simone: Em educação é bem assim, precisamos querer, sem essa vontade nada acontece. Pensem nisso!!!!

17/03/16 14:48:39: Vilauba Pesquisa: 😊👉

17/03/16 15:28:51: Barbara Pesquisa: 🙌👉

22/03/16 17:37:22: Simone: Olá meninas, boa tarde!!!

22/03/16 17:37:55: Dayane Pesquisa: Boa tarde Professora

22/03/16 17:38:11: Simone: Hoje não teremos texto, apenas algumas perguntas para discutirmos e ponderarmos sobre a adaptação dos pequenos.

22/03/16 17:39:45: Silvia Pesquisa: Boa tarde!

22/03/16 17:40:14: Simone: 1) qual é a idade correta para a entrada na escola? 2) qual é o papel da família na adaptação? 3) qual é o papel da escola na adaptação? 3) como lidar com o choro? Vamos exercitar um pouco nosso grupo, com essas discussões. Bjs

22/03/16 17:40:45: Tauana Pesquisa: Boa tarde!

22/03/16 17:42:58: Simone: Ops é 4, repeti o 3 duas vezes, desculpe!!!!

22/03/16 18:27:42: Elaine Pesquisa: Boa tarde

22/03/16 18:35:24: Silvia Pesquisa: Em minha opinião é necessário ter escola com vagas disponíveis para crianças a partir dos 06 meses de idade. Nessa idade a criança já pode ingressar e se adaptar na escola. Acho que a obrigatoriedade deve ser com idade maior, a partir dos 4 anos. Assim a família pode optar por colocar ou não a criança na escola antes desse tempo.

Quanto mais cedo você insere a criança no ambiente escolar, mais fácil é a adaptação no meu ponto de vista. A adaptação deve ser feita de maneira gradativa, deixando a criança por períodos curtos até prolongar ao horário completo da grade escolar. Se a criança já tiver entendimento ela deve ser orientada pelos pais que deve ir à escola para conhecer novos amigos, brincar e mais tarde voltar para casa. A orientação e explicação devem acontecer antes de iniciar as aulas. E se a escola tiver “novos” métodos de adaptação, será melhor ainda.

O papel da escola na adaptação é fundamental, porque ela que vai acolher a criança. Os espaços devem ser chamativos (normalmente coloridos), com bastante brinquedo, sempre com segurança. A criança precisa sentir confiança na pessoa e espaço novos. A troca de informações entre escola e família diariamente também é essencial. O fato de ter duas professoras (normalmente tem 2 pessoas) ajuda a criança a não ficar dependente apenas de uma pessoa na adaptação.

O choro, assim como birras, desentendimentos entre os alunos precisam ser tratados com muita paciência, carinho, amor e respeito. Só assim a criança vai aprender a gostar e também respeitar a pessoa que vai ficar com ele o dia todo. O professor precisa ensinar a criança sobre as regras, direitos e deveres na escola. Ele vai intervir, orientar e direcionar a criança para o caminho correto a seguir. O choro e outros sentimentos farão parte da adaptação e do decorrer de todo o ano. Com determinação, garra e força de vontade o professor consegue se atentar ao jeito especial de ser de cada um de seus alunos e como deve tratá-los.

22/03/16 18:47:59: Barbara Pesquisa: Para mim, não existe uma idade certa para ingressar na escola, mas quanto mais cedo esse processo acontecer melhor será a adaptação da criança e isso será natural para ela. A família deve

mostrar à criança que, assim como a casa dela, ali é um lugar agradável e que ele irá aprender mais coisas, fazer amigos, lidar com situações do dia a dia, mas não deixará de viver em casa; que a vivência escolar é um processo natural que todo mundo passa. Se possível, os pais podem mostrar fotos de sua época escolar para que a criança assimile melhor esse processo. A escola deve ter ambientes coloridos, com vários brinquedos, espaços grandes onde eles possam correr e explorar as coisas. Ter sempre mais de uma professora na sala de aula, passa segurança para os pais e para a criança. Conversar com a criança, explicar que ele ficará um tempo na escola e que depois os pais voltam para buscar, brincar, entre outras coisas são as melhores maneiras de acabar com o choro e as borras da criança.

22/03/16 19:07:10: Ana Paula Pesquisa: 1-Acredito que seja muitíssimo importante a criança entrar na escola em uma "período" em que todos estejam entrando depois. Entre 1 ano de idade para 2, digo isso por que vejo que tem crianças que entram com 3 anos enquanto a turma está dê dos 2 anos de idade e ela se sente totalmente perdida. Suas pinturas e suas falas são diferentes do seu redor.

2- o papel da família e aceitar a adaptação, confiar nesse procedimentos e dar a abertura necessária para ele ocorrer da melhor forma.

3- Já o papel da escola e ter professores e auxiliares de "qualidade", no qual esteja à disposição de ser forte para aguentar os choros. A escola tem que ter recursos interessantes para manifestar a criança em querer ficar lá.

4-Lidar com o choro para mim é uma coisa muitíssimo difícil precisa ser muito paciente, e acredito também que não é apenas uma professora que faça a adaptação e sim ter uma divisão entre outra para não ficar extremamente cansativo e estressante apenas para uma.

23/03/16 07:30:11: Glediane Pesquisa: 1) Acredito que não tem idade certa, porém quanto antes melhor será para a criança no processo de adaptação, as crianças que entra na escola depois dos dois anos de idade o processo de adaptação é mais difícil, tanto com as professoras quanto na interação com as outras crianças.

2) A família tem que confiar na escola, e confiar nos profissionais que estão ali para ficar com seu filho, tentar manter a rotina da escola em casa, em relação aos cuidados básicos assim a criança percebe que na escola ela tem o mesmo cuidado, a mesma proteção, o mesmo aconchego de casa, e se sentira mais seguro pra ir à escola.

3) O papel da escola é ter bons profissionais, e realizar esse processo de adaptação com todos os profissionais de sala, pois a criança precisa se sentir segura com todos da sala. A escola deve dar uma assistência aos pais, passar segurança a eles, pois na maior parte do processo de adaptação e feita com os pais, as vezes a criança já está se adaptando, está segura, porém os pais ainda estão inseguros e acabam passando essa insegurança para seus filhos.

4) Não existe uma receita para lidar com o choro, afinal cada choro tem um por quê, o que precisa ter é muita paciência e tentar entender o motivo do choro para que ai consiga trabalhar a questão do choro com a criança. Não reprimir a criança mandando o calar a boca, mas sim o compreender e aconchega-lo o máximo possível, o procurar sempre conversar com eles de igual para igual .

23/03/16 12:34:16: Simone: Estou gostando de ver, meninas. Antes de dar minha opinião vou aguardar mais comentários, ok??

23/03/16 13:28:41: Natalia Pesquisa: Não acho q exista uma idade apropriada, para que a criança ingresse no meio escolar, mas concordo que quanto antes melhor, para que elas se adaptem a nova rotina, até de ficar sem os pais q voltam ao trabalho. Deve existir um empenho grande da escola em questão e também MTA paciência e entendimento por parte dos pais, afinal sabemos que é um início doloroso e difícil para ambas as partes, o choro vai fazer parte e cabe aos educadores colocar todos os seus conhecimentos em prática para lidar um melhor com. as situações e garantir aos pais e ao bebe um conforto, diante desse início, para que não se torne algo traumático

23/03/16 14:14:48: Tauana Pesquisa: Também concordo q não tem uma idade certa pra entrar na escola, porém quanto antes mais fácil a adaptação. A família tem o papel de ajudar a criança entender que a escola é um lugar bom e que vai ajudá-la, já o papel da escola é essencial para a criança entender o que a família já vinha falando.

Tivemos um grande problema com a minha irmã na adaptação, entrou na creche com 6 meses e foi mordida nos dois lados do rosto, ficou roxo, machucou mesmo, depois desse dia ela chorava muito pra ficar na creche e minha mãe resolveu tirá-la, colocou novamente com 4 anos, ainda chorava muito mas uma professora a acolheu muito bem e depois de um tempo ela acabou gostando de ir. E lidar com o choro é a pior parte, quando eu a levava eu chorava mais que ela, mas depois perdi a paciência porque ela começou a fazer birra, foi aí que aprendi deixá-la...

23/03/16 23:58:09: Elaine Pesquisa: No meu ponto de vista a melhor idade seria entre 3 a 4 anos, nessa faixa etária

A criança dentro do possível poderá compreender melhor

24/03/16 00:03:15: Camila Pesquisa: 1- Eu acredito que não existe idade definida para a entrada das crianças na escola, mas quanto mais novos melhor porque eles tem mais facilidade de adaptação.

24/03/16 00:04:13: Camila Pesquisa: 2- A família deve colaborar para essa adaptação, estar presente quando preciso

24/03/16 00:04:36: Camila Pesquisa: Confiar na escola, e manter um bom vínculo

24/03/16 00:09:01: Camila Pesquisa: 3- A escola precisa ter um bom preparo para receber essas crianças, manter o contato delas com todos os que estão integrados na escola, para que os pequenos já vão se acostumando com todos a sua volta

24/03/16 00:10:19: Camila Pesquisa: A escola deve ter profissionais pacientes e que procurem manter o carinho com as crianças.

24/03/16 00:12:54: Camila Pesquisa: 4- Não existe uma receita para acabar com o choro, isso é algo que é conquistado através de etapas. Não vem da noite pro dia.

24/03/16 00:22:21: Elaine Pesquisa: O motivo pela qual é importante ir à escola, e a criança nessa fase já se comunica isso tbm poderá tranquilizar os pais.

Os pais precisam confiar nos profissionais da escola, em contrapartida os profissionais tbm precisam se empenhar para adquirir a confiança dos pais.

Em relação ao choro os professores têm q acalmar as crianças distraindo elas com brinquedos, vídeos de desenhos.

24/03/16 07:00:57: Viviane Pesquisa: Grupo errado kk

24/03/16 07:35:59: Adriana Pesquisa: Kkkk que linda

29/03/16 19:03:23: Simone: Parece que não chegamos a uma conclusão sobre a idade certa, mas entendemos a importância de dar atenção a nos empenharmos para preparar a escola, dar atenção aos pais e também ficarmos atentas ao choro dos pequenos, uma vez que isso é normal, precisamos apenas nos organizar para fazermos esse choro não ser motivo de desespero para pais, alunos e professores. Uma boa preparação para o momento da adaptação é fundamental para o futuro da vida escolar de nossos pequenos. Estou gostando das observações de vocês, espero que as trocas estejam sendo úteis para todas.

29/03/16 19:04:10: Simone: Logo mais vou postar o material da próxima semana. Aguardem cenas dos próximos capítulos, kkkk. Bjs a todas.

29/03/16 20:08:58: Simone: Meninas, segue link da leitura de hoje. Bom divertimento!!!

<http://www.colegioseculo.com.br/fique-ligado/como-passar-pela-adaptacao-escolar-sem-traumas/>

29/03/16 20:10:07: Tauana Pesquisa: 😊😊

30/03/16 20:39:26: Rosiane Pesquisa: É uma leitura interessante, principalmente para quem vai passar pelo momento de adaptação de um filho na escola.

30/03/16 20:42:26: Rosiane Pesquisa: São dicas direcionadas para os pais, de como lidar com esse momento, que muitas vezes se torna mais difícil para nós do que para os pequenos. .

30/03/16 20:42:56: Simone: Exatamente isso

30/03/16 20:43:08: Simone: Vamos evitar os traumas!!!!

30/03/16 20:45:14: Rosiane Pesquisa: Cada tópico que o texto apresenta traz dicas que se forem praticadas irão minimizar os traumas das crianças e até as preocupações que costumam nos deixar inseguros na hora que nos separamos dos nossos filhos. .

30/03/16 20:46:31: Rosiane Pesquisa: Valeu pelo texto professora. Vou me lembrar disso na próxima vez que precisar fazer adaptação com meu filho

30/03/16 21:08:39: Simone: Fantástico, o objetivo é esse mesmo, que vcs lembrem para usar com seus alunos e porque não com seus filhos tb.

31/03/16 21:56:52: Barbara Pesquisa: Nossa, eu li o texto e enxerguei várias mães lá da escola q trabalho.... Não que o processo de adaptação tenha sido fácil, as muitas já superaram esse momento de separação, outras, a gnt até conversa com a psicóloga da escola para que ela nos ajude, pq a mãe vê q o filho tá bem com os amiguinhos e fica lá na porta "tchau filho, tchau filho" como se fosse uma provocação até a criança chorar e ela vir correndo "dar apoio maternal"..... E são essas q chegam bem na hora das atividades das crianças e tumultuam tudo e ficamos em uma saia justa de como falar com a mãe q a presença dela atrapalha o filho dela e as outras crianças tb!!

01/04/16 16:29:48: Elaine Pesquisa: Muito interessante todos os tópicos do texto.

Principalmente a q fala sobre o momento da adaptação, como já havíamos falamos e uma fase muito complicado para ambas as partes. Achei válida a ideia de levar um brinquedo, acredito q a criança poderá ficar um pouca mais tranquila.

01/04/16 16:40:24: Elaine Pesquisa: Com essas dicas, sendo posta em prática com certeza os traumas serão menos doloridos.

01/04/16 16:53:26: Silvia Pesquisa: Ao ler os textos apresentados, conclui que eles formam um fechamento geral do que foi falado anteriormente sobre a adaptação bem feita na escola. Achei muito importante porque faz a gente refletir novamente sobre "se preparar e preparar a criança para essa nova fase".

Com o meu olhar de mãe, recordei dos períodos em que fiz a compra do material com meus filhos e das vezes que orientei sobre eles estarem crescendo e que seria importante irem pra escola. Eu contribuí para uma melhor adaptação sem mesmo saber...

Hoje como futura pedagoga o meu olhar se volta para aquilo que eu achei bom e ruim na adaptação deles. E o que eu devo ou não fazer futuramente. Penso em como eu tenho que me preparar para acolher melhor essas novas crianças e como poderemos tornar mais fácil esse período. As ideias passadas são excelentes e com certeza eu me recordarei delas quando eu me tornar professora e tiver que passar por esse momento junto com as novas crianças.

01/04/16 22:46:06: Simone: A ideia é exatamente essa meninas, ler os textos, fazer comentários, dar opiniões e lembrar, lembrar de tudo para colocar em pratica no momento oportuno. Estou adorando as participações de todas!!!!!!☺☺☺

01/04/16 22:49:09: Ana Paula Pesquisa: Enfim fiz a leitura do texto e realmente professora magnífico.

Acredito que tudo podemos colocar em prática, e como já dito encima a criança levar um brinquedo trás uma "segurança", trás uma fortaleza para ela, faz com que ela não se sinta só. (sic.)

01/04/16 22:50:03: Simone: 🖐️🖐️🖐️🖐️

01/04/16 22:50:19: Ana Paula Pesquisa: Devemos nos dedicar o máximo para a adaptação da criança. Sabemos que para nós é um momento delicado imagina para eles?

01/04/16 22:50:35: Ana Paula Pesquisa: Colocando em prática 3 2 1

06/04/16 14:20:13: Simone: Olá meninas, desculpem o atraso na postagem, mas sabe como é, semana de provas..... Agora sim, lá vai nosso próximo assunto. Boa leitura e boas discussões. Bjs

06/04/16 14:21:48: Simone: O trecho abaixo foi retirado de um livro que aborda o tema "Adaptação na Educação Infantil". Leiam atentamente, ao final coloquei três questões para discutirmos, ok? "A professora conversa na porta da sala com a mãe de Juliano, que se recusa a entrar na sala. A mãe, que o segura no colo, entrega-o à professora. Ele chora copiosamente. A professora entra com o menino no colo e o coloca na frente da sala. Ele vai até o balcão e fica olhando pela janela. A professora dá início às atividades, recolhendo o material trazido pela classe. Jéssica, que já está sentada como todas as outras crianças, também chora muito desde a entrada. O choro está alto, dificultando a comunicação da professora com o restante da turma. Mesmo assim, ela procura não dar atenção às crianças que choram."

"Juliano já não chora tanto; encosta-se na porta e passa a mão na fechadura, sem tentar abri-la. A professora vai até ele, leva-o pela mão para uma mesa do outro lado da sala. Ele volta a chorar com mais intensidade. A professora tenta em vão falar com a classe. O choro das duas crianças é mais alto que o tom da sua voz. Deixando transparecer certa irritação, ela diz: "Agora se vocês dois continuarem chorando desse jeito... Psii. Eu vou contar agora até três. Um. Dois. Três. Vou ficar nervosa se vocês continuarem chorando desse jeito. Aí vocês vão ter motivo para chorar... A professora continua então: "Tem motivo para chorar aqui nesta escola"?

("O ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética", Nadir N. Nunes. A criança e seu desenvolvimento, pág. 114)

O ingresso da criança na escola, às vezes, pode não ser um momento muito tranquilo, porém as pessoas que trabalham em uma escola de Ed. Infantil deve estar preparada para este momento, para adequar a criança, o mais rápido possível as regras da escola. Agora que leram o texto pensem e vamos discutir sobre alguns pontos:

1) A professora agiu de forma correta?

2) Quais deveriam ser as medidas tomadas: pela escola, pela professora e pela mãe?

3) Qual tipos de atividades poderiam ser oferecidos a estas crianças?

06/04/16 14:58:20: Viviane Pesquisa: 1) não a partir do momento em que se ignora o choro, não se toma conhecimento do sofrimento que está sendo infringido àquelas crianças, como assim vocês vão ter motivos pra chorar? Ela quis dizer mais de um motivo pra chorar.

06/04/16 15:02:32: Viviane Pesquisa: 2) acho que a entrada da mãe na sala amenizaria bastante o sofrimento mesmo por alguns segundos, a criança não se sente tão abandonada. A escola poderia por música na hora da chegada. As crianças gostam de música. a professora deveria ter mostrado mais sentimento

3) acredito de dinâmicas, brincadeiras de roda, brincadeiras que envolvam principalmente os que estão sofrendo mais.

06/04/16 15:20:12: Rosiane Pesquisa: 1 A professora não agiu corretamente. O momento da presença família na adaptação da criança é fundamental para amenizar o sofrimento de todos os envolvidos no processo. A mãe poderia ficar com a criança, e interagindo um pouco com ela na sala, aproveitando o momento para se certificar-se de que ficará bem.

06/04/16 15:25:22: Rosiane Pesquisa: A escola deveria permitir esse momento da família com a criança na sala. A mãe poderia a andar com a criança pelo espaço escolar, já reforçando que a criança pode explorar os espaços nos momentos certos, e que ela irá deixa-lo mas volta para buscar.

06/04/16 15:26:40: Rosiane Pesquisa: Poderia também deixar algum objeto da criança que servisse de apoio emocional.

06/04/16 15:29:55: Rosiane Pesquisa: A professora deveria tentar alcançar a criança demonstrando sensibilidade e compreensão ao momento.

06/04/16 15:30:52: Rosiane Pesquisa: 3 jogos, brinquedos, brincadeiras

06/04/16 15:32:06: Rosiane Pesquisa: Que estimulem a criança a parar de chorar a interagir com as outras

06/04/16 15:35:36: Rosiane Pesquisa: Dinâmica, contar histórias representar músicas também servem para acalmar e introduzir novas perspectivas e anseios da criança

06/04/16 16:12:32: Silvia Pesquisa:

1) A professora não agiu de maneira correta.

2) A escola precisava ter pensado no momento da adaptação e preparado todos os funcionários e família para este momento, os pais deveriam ter ido conhecer os ambientes da escola e informar um pouco sobre seu filho com o pessoal da escola, com planejamento e orientação tudo ficaria mais fácil. A professora ao se deixar envolver pelo choro da criança mostra falta de preparo e paciência, peças fundamentais com alunos dessa idade. Ela deve acolher a criança de maneira a entender o porquê do seu choro e deve tentar criar um vínculo afetivo que é muito importante nessa idade. Ela pegar o aluno e levar ele para outro lado da sala também não é bacana, afinal ela deve ter argumentação e sempre explicar o porquê de cada situação. A criança precisa se sentir segura

naquele ambiente que passará a conviver. A mãe poderia passar um tempo maior com o filho antes de deixá-lo e orientá-lo que voltará para buscá-lo no horário combinado. Durante um período até a criança ficar mais segura ela deve brincar um pouco, se envolver e depois ir. E a mãe nunca deve deixar passar para a criança a sua insegurança ou lado emocional fragilizado.

3) As atividades oferecidas podem ser variadas. Acho que inicialmente podem-se deixar diversos brinquedos no centro da sala para que cada uma escolha o brinquedo do seu gosto. Pode ter música para dançar. É bom ter brincadeiras direcionadas ou filme para as crianças. Em qualquer uma delas é fundamental que o professor se envolva na brincadeira e crie um vínculo com as crianças, isso facilitará na adaptação.

06/04/16 16:57:02: Barbara Pesquisa: 1) A professora não agiu corretamente. Se a criança está chorando, a professora deveria dar uma atenção maior à essa(s) criança(s) e não ignorá-las.

2) A professora poderia ter pedido que alguém lhe ajudasse ou ficando em sala com o restante da turma enquanto eles faziam alguma atividade e ela levasse os dois alunos que estão chorando para tentar mostrar coisas diferentes na escola para que eles vissem que a escola não é tão ruim assim; ou q essa pessoa levasse seus alunos para um passeio enquanto ela fica em sala com a turma.

A mãe pode e deve conversar com o filho explicando a ele que eles irão se separar por alguns momentos e que ela estará trabalhando, mas que ao final do dia, ela irá busca-lo na escola. Se for o caso, a mãe entra na sala com a criança e após um breve momento deixa o filho e vai embora, mas sem ficar enrolando (viu que a criança está brincando e interagindo, deixa quieto, pois mais segura e tranquila q isso não há).

A escola deve conversar com os pais e as professoras para ver o que está causando esse transtorno na entrada e se for o caso, contar com a orientação da psicóloga da escola. Às vezes, é mais difícil para os pais que para as crianças e um profissional desse nível pode ajudar e mto.

3) Jogos de montar, brinquedos q estimulem a sua criatividade ou até msm, a professora poderia eleger uma dessas crianças para ser o ajudante do dia, para que ela se sinta que não está ali a toa e essa criança terá orgulho em falar para os pais q ajudou a professora naquele dia.

06/04/16 16:58:53: Elis Regina Pesquisa: Concordo bárbara

07/04/16 09:30:03: Elaine Pesquisa: A prof agiu de uma forma incorreta, a escola precisa ter profissionais preparados, para essa fase tão delicada, a professora, não teve paciência, deveria ter dado atenção, tranquilizar e distrair -lá dentro possível.

A mãe poderia ter ido alguns dias antes a escola apresenta-la, e explicar dentro do possível de um modo positivo o pq ela ficaria naquele ambiente por algumas horas.

Seria interessante a criança entrar cantando, na sala poderia ter brinquedos, e vídeos com desenhos.

10/04/16 12:25:41: Simone: Meninas, bom dia!! Notas lançadas.

10/04/16 12:38:01: Barbara Pesquisa: Obrigada professora!! ☺

14/04/16 11:32:33: Simone: Bom dia meninas!!!

14/04/16 11:33:12: Simone: Com a semana de provas, dei um respiro para vcs, só hoje estou postando nosso novo texto para discussão.

14/04/16 11:33:29: Tauana Pesquisa: Ok.

14/04/16 11:33:38: Tauana Pesquisa: Bom diaa!

14/04/16 11:41:21: Simone: Hoje a palavra vem da Psicologia. Vamos pensar agora não só em adaptação mas em acolhimento também. O texto escolhido é da psicóloga Cisele Ortiz, que aborda a questão do acolhimento, além de discorrer sobre questões pertinentes a qualidade do serviço prestado pelas instituições de ensino, dedicadas a educação infantil. Boa leitura.

<<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf>>

16/04/16 17:16:11: Simone: Ei, ninguém leu o texto?? Não teremos comentários essa semana....

16/04/16 17:42:35: Barbara Pesquisa: Semana de provas, professora! Rsrs

16/04/16 17:42:49: Glediane Pesquisa: Ainda não tive como ler

16/04/16 17:42:56: Glediane Pesquisa: Semana de prova tenso

16/04/16 17:42:59: Glediane Pesquisa: Rsrs

16/04/16 17:44:06: Simone: Kkkkkk

16/04/16 17:44:18: Rosiane Pesquisa: Kkkkkkkk

16/04/16 17:45:53: Rosiane Pesquisa: provas professora, levam todas as energias. .

16/04/16 19:06:58: Silvia Pesquisa: Tentei mas o texto é muito grande, e o foco ficou no estudo para as provas. Logo farei a leitura e comentários

16/04/16 19:49:42: Elis Regina Pesquisa: Eu também 😊

17/04/16 13:01:43: Simone: Estou esperando!!! Bjs

17/04/16 14:43:01: Barbara Pesquisa: Até a noite te dou uma resposta prof!!

😊😊😊

17/04/16 17:08:33: Viviane Pesquisa: Boa tarde querida professoraaa

17/04/16 17:08:46: Viviane Pesquisa: Segue a minha análise do texto

17/04/16 17:09:53: Viviane Pesquisa: Assisti esse filme a Língua das Mariposas e realmente acredito que me vi um pouco na figura do menino no que diz respeito à crueldade dos colegas ...

17/04/16 17:11:36: Viviane Pesquisa: Acredito que o processo de adaptação seja doloroso da forma que é, pois muitas famílias acreditam que ele deve partir somente da escola ... Não preparam a criança aí um belo dia de repente ... Puf escola !! Ela se vê sozinha, com pessoas estranhas, ambiente diferente

17/04/16 17:11:50: Viviane Pesquisa: Barulhos, rotina diferentes ...

17/04/16 17:12:46: Viviane Pesquisa: Em contrapartida algumas escolas falham nesse processo por acreditarem no contrário... Que o processo depende da família da criança !!!

17/04/16 17:14:28: Viviane Pesquisa: Deslocar a criança de sala cada evolução apresentada implica na dificuldade dessa criança em se adaptar. Imagine a cada nova sala, novos amigos, novo professor a criança se desequilibra

17/04/16 17:14:38: Viviane Pesquisa: Gerando um retrocesso

17/04/16 17:24:22: Ana Paula Pesquisa: Acredito que a Família hoje em dia pensa que para a criança se adaptar é algo que depende somente da escola sem ter o auxílio da família.

Muitos pais não conseguem "desapegar" e dá o professor certa liberdade para pegar a criança e tentar intertela. Os pais ficam "a é normal?" Deixa ele aqui, e cosias assim.

E novamente algumas estruturas que faltam pela escola.

Acho muito importante isso que o texto refere-se "

Faça combinados com as crianças e procure cumpri-los para que a criança não

se sinta "traída". Se falou para a criança que vai precisar sair e voltará em meia hora, volte em meia hora, volte mesmo, não deixe de fazê-lo."

A criança precisa de confiança, e acredita que ninguém está deixando ela por que é necessário, tem que muitas vezes fazer com que a criança entenda "a mamãe só vai resolver tal coisa e já volto"

17/04/16 19:58:45: Barbara Pesquisa: O processo de adaptação é complicado para a criança, a família, os professores, e os novos coleguinhas! Todo ser humano passa sempre pelo processo básico de Piaget: assimilação, equilíbrio, adaptação. Seja em uma situação comum, seja no processo de entrar na escola, se adaptar à nova rotina.

Em se tratando da adaptação, na vdd quem precisa estar mais preparado será o professor q receberá o novo membro em sua sala. Seria legal que a escola fizesse uma "mini reunião" entre os professores e os pais do aluno novo para que todos possam se conhecer (considerando q a escola já tenha o formulário de informações da criança), conhecer como é a rotina do pequeno em casa para que o processo de "separação" dos pais seja o menos traumatizante possível. Do jeito q está no texto, apenas a escola particular tem esse Tipi fe preocupação; a escola pública, por ter pais q não tem tempo de fazer a adaptação do filho na escola, acabam não se preocupando com esse processo tão importante e nem com o bem estar do pequeno na escola.

17/04/16 21:59:00: Rosiane Pesquisa: O texto traz uma análise profunda da falta de atenção e respeito com a fase de adaptação nas creches e pré- escolas. Fase essa que não se faz ser fácil por si só como algo que seria resolvido pelo tempo. Professores, gestores, equipe de apoio, família e principalmente as crianças ainda sofrem, por falta um planejamento da parte das instituições de educação que atendam continuamente a adaptação da criança, já que até pequenos períodos de ausência da escola causam lhe estranheza no retorno para algumas delas. A falta de conhecimento da família para com esse processo também dificulta o momento.

O texto também traz dicas para amenizar os prejuízos emocionais na criança como a atenção ao seus sentimentos e demonstrações de interesse da parte dos adultos com esse momento.

18/04/16 16:35:28: Silvia Pesquisa: Ao ler o texto observo que a falta de conhecimento dos pais sobre a sua parte na responsabilidade da adaptação dos filhos é muito clara. Por pensarem que a responsabilidade só é da professora ou da escola, eles apenas deixam a criança (chorando ou não) e vão embora. Apenas alguns permanecem por algum período. Até mesmo os que permanecem ficam sem saber o que fazer com a criança ou como agir durante a permanência naquele espaço.

Hoje ao ver que a adaptação e o acolhimento são muito importantes e devem ser feitos em conjunto, acredito que a escola deve orientar melhor os pais sobre este assunto e fazer um trabalho que envolva a todos antes mesmo das aulas começarem. Esse seria o primeiro passo para melhorar a convivência para a criança. No próximo passo a escola deve ter seus funcionários envolvidos com esse momento de adaptação e realizar um acolhimento onde às crianças se sintam a vontade, seja com o ambiente, seja com a professora sempre disposta a ajudar as crianças no que for necessário. Enfim a escola deve se preparar e preparar a todos para este momento.

Nós alunos de pedagogia, tendo este conhecimento antes de entrar para dar aula para as crianças já ganhamos um conhecimento teórico da situação que

iremos vivenciar e poderemos estar preparadas de uma maneira melhor para enfrentar esse tipo de experiência. O conhecimento é a chave para o sucesso. E como foi dito no texto, onde somos bem acolhidos sentimos vontade em voltar. 18/04/16 17:42:49: Elaine Pesquisa: Como já havíamos falado, a adaptação e um momento difícil para ambas as partes (mãe, filhos), e também para os profissionais.

Os professores devem estar bem preparados para enfrentar certos conflitos e deverão possivelmente parecer no decorrer da adaptação da criança em seu novo espaço. Seria excelente se a escola fizesse uma parceria com os pais para juntos decidir qual seria a melhor maneira, para evitar tanto sofrimento.

Os grupos de alunos poderiam ser melhor organizados para que o professor possa realizar seu trabalho.

Em algumas escolas privadas os alunos estão sendo enxergados como números, ou seja, seu maior interesse é na quantidade, no entanto a prioridade deveria ser na qualidade dos profissionais que atuam nessa escola, preparando-os psicologicamente para saber lidar em determinada situação, ex: choro de várias crianças juntas.

Todas as crianças independentes da classe social têm o direito de ser tratadas com respeito e amor, sem que esses profissionais questionem, se a criança é mimada ou não, se ela receber atenção sempre terá vontade de estar com essas pessoas.

O filme mostrou o quanto as crianças podem ser cruéis, a professora Simone já havia falado desse assunto na sala de aula.

27/04/16 14:57:51: Simone: Olá meninas, boa tarde, friozinho gostoso, ótimo para fazer uma nova leitura.... Aproveitando que as provas já passaram, vamos retomar as discussões?? Segue *link* do próximo texto, falando um pouco mais sobre o acolhimento e adaptação. O texto sugerido é um projeto de acolhimento e adaptação que a prefeitura de São Bernardo estruturou para desenvolver nas escolas de educação infantil deste município. Boa leitura e aguardo comentários. Bjs.

<<http://www.educacao.saobernardo.sp.gov.br/index.php/secretaria/educacao-infantil/1665-acolhimento-e-adaptacao>>

27/04/16 21:22:36: Você adicionou Karina Pesquisa

28/04/16 11:00:26: Silvia Pesquisa: Bom dia a todos! No meu ponto de vista a adaptação e o acolhimento antigamente não eram valorizados em conjunto, apenas a adaptação que tinha uma voz mais ativa. Todos os alunos tinham que se adaptar à escola da maneira que ela era. A fase de adaptação não tinha planejamento e os pais que sempre puderam ficar com os filhos no começo de cada ano, não sabiam ao certo o que fazer neste tempo com as crianças e até mesmo quando deveriam sair e o que dizer a elas.

Hoje temos ciência de que esse processo precisa de planejamento, que a adaptação e o acolhimento dependem um do outro para ser realizado com sucesso, e que o envolvimento de todos os funcionários da escola e a participação da família é fundamental para esse sucesso.

Por este motivo devemos nos preparar para acolher muito bem as crianças nas diversas fases de adaptação dela. Devemos planejar este momento e ter alternativas para todos os alunos. O cuidar envolve o estudo (o que estamos fazendo neste momento), a dedicação, cooperação, cumplicidade e principalmente amor de todos os responsáveis pelo processo (família, escola, aluno) através da humanização da educação como mencionado no texto que foi

lido, a criança que chegar à escola e ser recebida com afetividade conseguirá ter uma boa relação interpessoal com o professor ajudando a ter um bom desenvolvimento na adaptação e nas atividades propostas.

A construção de vínculos com as famílias é essencial porque a qualidade da educação depende, cada vez mais, da parceria entre a escola e a família. Portanto conhecer o aluno através das informações dos pais no ato da matrícula e também passar informações com cordialidade e simpatia ajuda na formação desse vínculo que deve aumentar conforme o período de convivência. A reunião com pais dos novos alunos da escola é também é muito importante para preparar não somente os alunos, mas também os pais que muitas vezes não possuem experiências anteriores e não tem conhecimento algum de como agir. E o quanto antes melhor. Se esses procedimentos forem planejados com antecedência e repassado aos pais conseguiremos iniciar uma parceria que beneficiará principalmente a criança. Lembrando que essa parceria deve estender ao longo de todo o processo porque a adaptação também pode ser feito em diversos momentos e não somente no início do ano, mas em caso de ausências prolongadas, e outros casos.

O profissional deve estar preparado para lidar e reconhecer as fases emocionais da criança como o choro e outras manifestações com muito amor, envolvimento, carinho, paciência e outros sentimentos. Além destes sentimentos é preciso ter uma formação de qualidade, o professor deve usar técnicas que ajudem na aprendizagem das crianças, motivando e estimulando os seus alunos para que eles se sintam confortáveis e seguros diante dele tornando assim a aprendizagem produtiva e eficaz.

01/05/16 17:34:47: Elaine Pesquisa: Boa tarde a todos. Achei excelente essas ideias abordadas no texto (Adaptação Escolar sem traumas)

No meu ponto de vista seria ótimo se todas as escolas tivessem a oportunidade de desenvolver, e principalmente coloca- lá em prática todas essas ideias, na minha opinião iria diminuir 80% dos sofrimentos dos adultos (pais e avós). Fantástica a ideia salinha das mães, com certeza as mães iriam ficar mais tranquila e menos ansiosa peso na consciência.

Por essa e outras razões q é válido as câmaras e adaptação dos adultos (pais e avós) são importantíssimo.

01/05/16 17:44:55: Elaine Pesquisa: As dicas para uma adaptação tranquila, concordo, todas são muito importantes, acredito q com essas dicas colocadas em práticas as escolas vão minimizar o problema da adaptação. Parabéns Simone Pisa.

02/05/16 13:59:45: Simone: Oi meninas!!! Pelas notícias que estão rolando o WhatsApp vai ficar 72h fora do lar. Se isso ocorrer realmente, coloco nossa última discussão apenas no retorno do aplicativo, ok? Caso contrário disponibilizo hoje à noite o material. Bj.

02/05/16 14:00:11: Natalia Pesquisa: Ok.

05/05/16 16:32:22: Simone: Olá pessoal, boa tarde!! O fim chegou, hoje é nossa última postagem, quero ver animação nos comentários e um fechamento. Estou indicando dois vídeos sobre adaptação, ambos são curtos e totalizam juntos apenas 8 minutos. Gostaria que depois de assistir aos vídeos, vcs fizessem uma síntese, respondendo as duas questões propostas, sobre a Adaptação escolar e o que ela representa para o futuro escolar dos pequenos.

1) Será que a adaptação é realmente importante?

2) Porque fazer adaptação??

Abaixo link dos vídeos, bom trabalho!!!! Bjs é muito, muito obrigada pela colaboração de todas vcs, valeu mesmo!!!!

<<https://www.youtube.com/watch?v=a4tFlkssMxM>>.

<https://www.youtube.com/watch?v=MXz_dmKMvSU>

05/05/16 23:57:26: Ana Paula Pesquisa: Pro, semana do dia das mães está uma correria. Então não encerra os comentários logo, de um prazo até final de semana, tá?

06/05/16 05:47:15: Barbara Pesquisa: Concordo com a Ana!!

06/05/16 07:10:44: Simone: Ok meninas, sem problemas podem ir vendo os vídeos com calma e comentando ao longo da semana, ok?? Bjs

08/05/16 20:37:55: Elaine Pesquisa: Boa noite a todos!

Esses vídeos reforçaram exatamente o assunto q estamos abordando durante semanas (processo de adaptação escolar).

O processo de adaptação é muito importante q esteja presente em todas as escolas, pq e exatamente neste momento q os professores estarão conhecendo os ritmos manias e as rotinas de cada criança.

Nos primeiros dias haverá muitos choros, segundo os especialistas esse choro deverá permanecer por volta de 1 a 2 semanas, as crianças são muito espontâneas, e as novidades acaba virando uma coisa natural, e passa a enxergar a escola como um ambiente divertido.

Segundo a psicóloga Andréa Constatina, orienta os pais a não chorarem na presença dos seus filhos, e nem fazerem falsas promessas, essas situações poderão deixar as crianças inseguras e com sentimentos de abandono, qnd os pais choram ou fazem falsas promessa explica a psicóloga.

08/05/16 21:12:28: Ana Paula Pesquisa: 1) Adaptação é importante pois, é preciso passar confiança a criança. Não é apenas "deixar a criança e ir embora" e sim deixá-la se sentir à vontade e conhecer o ambiente ver que é legal e que ali ela irá ter diversos tipos de atividade. E também mostrar que é necessário ter a escola, já que a mamãe tem o trabalho. Enfim mostrar que ali é uma fase da vida. É impossível não fazer a adaptação da criança, nenhuma criança irá se adaptar sem ter a presença e confiança dos pais para estar ali e dizer "filho, aqui é a escola, é legal, olha seus amiguinhos" etc.

2) Adaptação é de extrema importância, pois faz com que a criança crie uma rotina, amizades, muitas descobertas. Faz a criança ver "mundos diferentes", pessoas diferentes, coisas diferentes. Coloca a criança em uma forma direta e indireto no mundo.

11/05/16 10:41:41: Silvia Pesquisa: Bom dia a todos!!!

Achei que o texto Adaptação Escolar sem Traumas é muito bacana, traz boas ideias e uma melhor compreensão sobre a adaptação da criança na escola. Ele diz que a adaptação da criança também depende do comportamento dos pais, pois esses sentimentos (medo, insegurança, tristeza) são passados instintivamente para os filhos, o que acho correto. Se eles escolherem bem a escola, observar ela em funcionamento, conhecer o projeto pedagógico e metodologia de ensino antes do início das aulas, eles estarão mais seguros e conseguirão transmitir a criança um pouco mais de segurança e confiança para ficar naquele lugar.

Eles precisam dividir em pequenos períodos a fase da adaptação até ela ser finalizada para que a criança consiga aos poucos se familiarizar com o ambiente e pessoas novas. Concordo que as crianças que vão para a escola ainda bebês e as que já têm irmãos na escola tem maior facilidade na adaptação. E que a

adaptação é uma conquista pessoal e cada criança tem o seu ritmo e tempo e não se deve fazer comparações e nem vincular com prêmios a permanência da criança na escola.

A ideia dos pais receberem no ato da matrícula um mascote (Júnior e Nina) é excelente. A foto da professora deles abraçada com os mascotes demonstrando afetividade e fazendo com que eles saibam o nome e conheçam sua professora antes mesmo de ir pra escola é demais. E a ideia da lembrancinha feita para os filhos pelos pais para mostrar que eles já estiveram lá é sensacional. Isso mostra que o colégio se prepara para esse momento de adaptação e tem a preocupação de fazer com que ele seja menos tenso a todos. Afinal a escola deve ser uma extensão de casa e vice-versa.

Nessa fase da adaptação as mães poderão ficar observando as crianças na “salinha das mães” através das câmeras de segurança, isso traz as crianças a sensação de maior segurança sabendo que os pais estão lá. Com as câmeras de monitoramento os pais poderão observar a criança quando estiverem no trabalho ou em casa, sem interferir no desenvolvimento delas que até passam a interagir jogando beijos e dando tchauzinho e indo para a rotina normal.

Normalmente os pais também precisam de adaptação, pois eles são os que mais sofrem. E avós também. Por isso é fundamental a confiança dos pais na escola. Eles devem ser bem recebidos e se sentir bem-vindos sempre.

A escola deve trabalhar a criança como um todo, unindo o lado afetivo, emocional e valores, desde pequeno através do desenvolvimento pedagógico e cognitivo da criança, uma vez que, muitas crianças passam mais tempo na escola do que em casa.

Os vídeos reforçam toda a ideia da adaptação e enfatiza que ela deve acontecer iniciando em períodos curtos até aumentar ao tempo proposto e ser finalizado. Que terá muito choro no primeiro dia de aula, e que se deve passar segurança aos filhos para que eles se sintam seguros. Que não se deve enganar a criança, que se deve dizer que vai embora e que volta mais tarde para pegá-lo. E destaca a importância da rotina na vida da criança.

12/05/16 22:40:33: Barbara Pesquisa: A adaptação da criança por mais difícil que seja é necessária!

Não enganar a criança faz parte do processo de adaptação. Por exemplo, fala que vai buscar a criança depois do jantar da escola e apareça no horário combinado. Com isso, a criança irá perceber que ficar na escola é legal, mas que não é algo definitivo!

Os pais precisam contar com o apoio da psicóloga da escola para que possam lidar com essa separação, já que é um momento difícil para eles também. Conhecer bem a escola, com visitas ao local, pesquisas na Internet podem ajudar os pais a conhecerem melhor o ambiente onde estão pretendendo deixar seu filho. Conhecer a rotina da escola, antes de matricular o filho, ajuda a dar mais credibilidade para os pais que ficam mais tranquilos que estão fazendo uma boa escolha na hora de iniciar a vida escolar do filho. Às vezes, se a criança não se adapta de jeito nenhum, o melhor a ser feito é trocá-lo de escola e colocar em outra, o que pode trazer benefícios para a criança, como: uma adaptação mais rápida, um bom convívio com os amigos, uma personalidade da criança mais calma até mesmo em casa!

Apêndice 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
--

TÍTULO DA PESQUISA: INVESTIGAÇÃO SOBRE USO EDUCACIONAL DAS MÍDIAS MÓVEIS DIGITAIS (WHATSAPP).

Eu, _____
(nome, idade, RG, telefone, e-mail), abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob responsabilidade dos pesquisadores Sra. Simone Hypolito Pisa e Dr. Elias Estevão Goulart, mestranda e professor do Curso de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

- 1) O objetivo da pesquisa é estudar as Atitudes e Percepções de estudantes universitários frente às novas tecnologias móveis digitais de comunicação;
- 2) Durante o estudo serão coletadas informações pessoais por meio do preenchimento de questionário próprio;
- 3) Tenho as informações necessárias para decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 5) Estou livre para interromper, a qualquer momento, minha participação na pesquisa e solicitar a desconsideração das informações que forneci;
- 6) Os resultados do estudo estarão disponíveis, individualmente, para cada participante, como também as orientações sobre sua importância e utilidade;
- 7) Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 8) Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr Elias Estevão Goulart, sempre que julgar necessário pelo telefone (11) 4239-3371 ou pelo e-mail: elias.goulart@uscs.edu.br;
- 9) Este Termo de Consentimento é feito em duas vias que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do Voluntário

Nome e assinatura do Pesquisador Responsável
pelo Estudo.

Apêndice 3

Pesquisa sobre uso das mídias móveis digitais (*WhatsApp*)

Nome: _____

Sexo: F () M ()

Idade: _____ (anos completos)

E-mail para contato (se necessário e exclusivamente para esta pesquisa):

1) Fez curso na área de Informática: S () N ()

2) Conhece o WhatsApp? S () N ()

3) Caso conheça, você o usa para (assinale todas pertinentes):

() Conversas informais () Conversas profissionais

() Pedir conteúdos didáticos () Fornecer conteúdos didáticos

() Agendar compromissos () Fazer reuniões online

() Outro uso: _____

Escolha a melhor alternativa sobre você para cada questão:

1. Eu penso que a utilização do WhatsApp seria útil em meu trabalho.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

2. O uso do WhatsApp me permite realizar tarefas mais rapidamente

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

3. O uso do WhatsApp aumenta minha produtividade

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente

- e) () Discordo plenamente
4. Se eu usasse o WhatsApp, eu reforçaria minhas chances de aumentar meu salário.
- a) () Concordo plenamente
b) () Concordo parcialmente
c) () Indiferente
d) () Discordo parcialmente
e) () Discordo plenamente
5. Minha interação com o WhatsApp é clara e compreensível.
- a) () Concordo plenamente
b) () Concordo parcialmente
c) () Indiferente
d) () Discordo parcialmente
e) () Discordo plenamente
6. Seria fácil para mim, tornar-me habilidoso no uso do WhatsApp
- a) () Concordo plenamente
b) () Concordo parcialmente
c) () Indiferente
d) () Discordo parcialmente
e) () Discordo plenamente
7. Para mim o WhatsApp é fácil de usar.
- a) () Concordo plenamente
b) () Concordo parcialmente
c) () Indiferente
d) () Discordo parcialmente
e) () Discordo plenamente
8. Aprender a operar com o WhatsApp é fácil para mim.
- a) () Concordo plenamente
b) () Concordo parcialmente
c) () Indiferente
d) () Discordo parcialmente
e) () Discordo plenamente
9. Usar o WhatsApp é uma boa ideia.
- a) () Concordo plenamente
b) () Concordo parcialmente
c) () Indiferente
d) () Discordo parcialmente
e) () Discordo plenamente

10. O WhatsApp torna meu trabalho mais interessante.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

11. Trabalhar usando o WhatsApp é (ou pode ser) divertido.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente.

12. Eu gosto de trabalhar usando o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente.

13. Pessoas que influenciam, positivamente, meu comportamento, pensam que eu deveria usar o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

14. Pessoas que são importantes para mim pensam que eu deveria usar o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

15. A diretoria da escola tem sido auxiliada pelo uso do WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

16. Em geral, a escola tem apoiado o uso do WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

17. Eu tenho o que é necessário (celular, Internet...) para usar o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

18. Eu tenho o conhecimento necessário para usar o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

19. O WhatsApp não é compatível com outros sistemas que eu uso.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

20. Existe suporte técnico disponível para assistência a dificuldades no uso do WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

Eu poderia completar um trabalho ou uma tarefa usando o WhatsApp

21. Se não existir ninguém ao meu lado para me dizer o que fazer.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

22. Se eu puder chamar alguém para ajudar, no caso de ficar sem saber o que fazer.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

23. Se eu tiver muito tempo para terminar o trabalho para o qual o WhatsApp é necessário.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

24. Se eu tiver apenas a ajuda *online* disponível para o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

25. Eu me sinto apreensivo(a) sobre o uso do WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

26. Assusta-me pensar que eu poderia perder muitas informações por clicar numa tecla errada ao usar o WhatsApp.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

27. Eu hesito usar o WhatsApp pelo receio de cometer erros que eu não possa corrigir.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

28. O WhatsApp é algo que me intimida.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

29. Eu pretendo usar o WhatsApp profissionalmente nos próximos 6 meses.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

30. Eu prevejo que usarei usando o WhatsApp profissionalmente nos próximos 6 meses.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

31. Eu planejo usar o WhatsApp profissionalmente nos próximos 6 meses.

- a) () Concordo plenamente
- b) () Concordo parcialmente
- c) () Indiferente
- d) () Discordo parcialmente
- e) () Discordo plenamente

Questionário baseado no artigo:

User acceptance of information technology: Toward a unified view.

Viswanath Venkatesh; Michael G Morris; Gordon B Davis; Fred D Davis.

MIS Quarterly, sep 2003; 27, 3; ABI/INFORM Global; pg. 425.

Apêndice 4

Diário de bordo – Pesquisa sobre o uso do *WhatsApp* em sala de aula

11/03 – Montagem do grupo com 39 alunas do terceiro semestre do curso de Pedagogia da Unip, campus Pinheiros.

14/03 – Início da pesquisa – Primeiro texto lançado para o grupo: “Como todas já devem saber o período de adaptação é um momento muito importante para a criança. Esse é um período onde todos devem estar preparados para melhor atender as crianças. Cabe as escolas organizarem este período da melhor forma, dando suporte aos pais e capacitando seus professores para este momento. Cada escola organiza seu próprio período de adaptação, adequando as suas necessidades e a sua clientela. O que sabemos é que esse período não tem regras específicas e cada escola é livre para se estruturar, como melhor conseguir. Porém, é sabido que uma adaptação bem-feita, gera grandes benefícios para o futuro dessa criança na escola. Segue link com reportagem da revista Nova Escola que aborda o tema. Boa leitura, aguardo comentários. <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/adaptacao-bem-feita-449821.shtml>>.

21/03 – 2ª. Postagem – questões para discussão - foram lançadas no grupo quatro questões para discutirmos e ponderarmos sobre a adaptação dos pequenos. Abaixo seguem as questões lançadas.

1) Qual a idade certa para a entrada na escola?

O ideal é que a criança vá para a escola por volta dos dois anos, pois é uma idade em que a convivência com outras crianças passa a ser mais estimulante. Mesmo do ponto de vista médico, o indicado é que a criança fique em casa até completar dois anos, pois essa é a idade em que ela atinge a sua plenitude imunológica e fica menos vulnerável a infecções. No entanto, se você tiver de trabalhar e não tiver com quem deixar o seu filho, nada de traumas: faça uma pesquisa e escolha um bom berçário, com boas instalações e com profissionais nos quais você confie. Em alguns casos, é melhor ir para uma boa escola do que ficar em casa com alguém sem formação.

2) Qual o papel da família na adaptação?

Para o pai e a mãe, a adaptação começa na escolha da escola. Feita a escolha, a família tem que conhecer os rituais da escola, frequentar as reuniões que antecedem o início das aulas e abrir um canal de comunicação com o professor. Além disso, os pais têm o papel de esclarecer, explicar por que ele está indo para a escola, deixar claro que ele vai ficar sozinho lá depois de alguns dias. Não crie falsas expectativas no seu filho. O melhor é dizer a verdade. Explique que você vai acompanhá-lo por um período, mas que, depois disso, você vai voltar ao trabalho e ele vai ficar só com a professora e com os coleguinhas.

3) Qual é o papel da escola na adaptação?

A escola é representada pela figura da professora, que tem um papel fundamental. Ela deve ser duplamente sensível, para entender os anseios dos adultos e das crianças. A professora deve acolher a criança, mostrar as

instalações da escola, apresentar os coleguinhas. O ideal é que atenda individualmente cada aluno durante o período de adaptação. Os pais podem acompanhar tudo por meio dos relatos delas, que, nesse período inicial, devem estar mais atentas do que nunca ao comportamento e à alimentação das crianças.

4) como lidar com o choro na adaptação?

É preciso identificar se não é um choro manipulador, pois há crianças que fazem uso dessa artimanha para impedir que os pais as deixem. Muitas vezes, a criança chora ao ver o familiar se afastando, mas, logo depois, para e começa a brincar com os coleguinhas. Há momentos em que é importante ir embora sem olhar para trás, para evitar que essa situação se arraste por mais tempo. Converse com os professores e coordenadores para decidir como agir em casos como esse. E lembre-se: chorar um pouco em uma situação como essa é até saudável.

28/03 – 3ª. Postagem – conteúdo - esta semana é dedicada não apenas a discussão mas a leitura de um texto para posterior questionamentos. Todas as alunas são incentivadas a ler o mesmo e depois expor seus comentários. O texto desta semana tem como fonte a revista Crescer e pode ser encontrado também no site do Século colégio e curso. <<http://www.colegioseculo.com.br/fique-ligado/como-passar-pela-adaptacao-escolar-sem-traumas/>>.

05/04 – 4ª. Postagem – questão para discussão – foi lançado ao grupo, um texto para reflexão e posterior discussão de duas questões.

“A professora conversa na porta da sala com a mãe de Juliano, que se recusa a entrar na sala. A mãe, que o segura no colo, entrega-o à professora. Ele chora copiosamente. A professora entra com o menino no colo e o coloca na frente da sala. Ele vai até o balcão e fica olhando pela janela. A professora dá início às atividades, recolhendo o material trazido pela classe. Jéssica, que já está sentada como todas as outras crianças, também chora muito desde a entrada. O choro está alto, dificultando a comunicação da professora com o restante da turma. Mesmo assim, ela procura não dar atenção às crianças que choram.”

“Juliano já não chora tanto; encosta-se na porta e passa a mão na fechadura, sem tentar abri-la. A professora vai até ele, leva-o pela mão para uma mesa do outro lado da sala. Ele volta a chorar com mais intensidade. A professora tenta em vão falar com a classe. O choro das duas crianças é mais alto que o tom da sua voz. Deixando transparecer certa irritação, ela diz: “Agora se vocês dois continuarem chorando desse jeito... Psii. Eu vou contar agora até três. Um. Dois. Três. Vou ficar nervosa se vocês continuarem chorando desse jeito. Aí vocês vão ter motivo para chorar... A professora continua então: “Tem motivo para chorar aqui nesta escola”?

(“O ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética”, Nadir N. Nunes. A criança e seu desenvolvimento, pág. 114)

O ingresso da criança na escola, às vezes, pode não ser um momento muito tranquilo, porém as pessoas que trabalham em uma escola de Ed. Infantil deve estar preparada para este momento, para adequar a criança, o mais rápido

possível as regras da escola. Agora que leram o texto pensem e vamos discutir sobre alguns pontos:

- 1) A professora agiu de forma correta?
- 2) Quais deveriam ser as medidas tomadas: pela escola, pela professora e pela mãe?
- 3) Que tipos de atividades poderiam ser oferecidos a estas crianças?

12/04 – 5ª. Postagem – conteúdo – Hoje a palavra vem da Psicologia. Foi oferecido as alunas um texto da psicóloga Gisele Ortiz, que aborda não apenas a questão da adaptação dos pequenos à escola, mas também a questão do acolhimento, com o tema: Adaptação e Acolhimento: Um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição, o artigo aborda temas pertinentes a qualidade do serviço prestados pelas instituições de ensino, dedicadas a educação infantil. Artigo disponível no *link*:
<<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf>>. Acesso em 09/04/2016.

18/04 – 6ª. Postagem – discussão – foi semana de provas na faculdade e as meninas me pediram para que não houvesse a discussão, uma vez que estavam muito atarefadas com os estudos. Entreguei em mão um texto, artigo da revista Criar, com o título “Adaptação Escolar sem traumas”, este artigo conta com uma entrevista realizada com a pesquisadora, na ocasião coordenadora pedagógica de uma escola de educação infantil, falando sobre o tema Adaptação e as medidas que nossa escola adotava para minimizar os traumas e facilitar a adaptação dos pequenos, quando de sua entrada na escola.

25/04 – 7ª. Postagem – conteúdo – Ainda abordando o tema Adaptação e Acolhimento, foi oferecido as alunas um artigo do Portal da Educação de São Bernardo do Campo, abordando o tema Adaptação e Acolhimento. O artigo sugere uma proposta de um trabalho diferenciado nas escolas deste município, que vise facilitar a adaptação dos pequenos a escola. Diz o artigo: Historicamente temos na rede de ensino de São Bernardo do Campo, especificamente na Educação Infantil, um determinado período no início do ano letivo planejado com horário flexível e atividades diferenciadas, para que os alunos se adaptem à escola. E assim segue descrevendo a proposta que a prefeitura organizou para ser implantada nas escolas deste município. Abaixo segue o link:

<<http://www.educacao.saobernardo.sp.gov.br/index.php/secretaria/educacao-infantil/1665-acolhimento-e-adaptacao>>. Acesso em 20/04/2016.

02/05 – 8ª. E última postagem – discussão sobre o artigo da postagem 7.